

ENERGIA
AS ALTERNATIVAS DO RN

RN / ECONÔMICO

Revista mensal para homens de negócios
ANO X — Nº 114 — AGOSTO/80 — Cr\$ 90,00



411

GERALDO MELO

O GOVERNO É SUA META

CONSÓRCIO GRANORTE

— SÉRIE "A" PONDERADO —



* 36 meses sem entrada, sem juros ou correção monetária

* Mensalmente, um carro por sorteio e outro por lance.

* Seu carro é entregue sem avalista e não exigimos seguro

* Carro usado de qualquer marca vale como lance.

* O veículo é entregue pelo preço de fábrica

* Liberamos os carros de reserva de domínio



Você pode optar por qualquer carro da linha Ford.

CORCEL COUPÊ

CORCEL LDO

FORD F-75

CORCEL SEDAN

BELINA

FORD F-100

CORCEL GT

GALAXIE

FORD F-4000

Granorte

ADMINISTRADORA DE CONSÓRCIOS S/C LTDA

Rua Presidente Bandeira, 656-A - Alecrim - Fones (084) 222-6788 - 231-4586 - 59.000 - Natal-RN.

RN/ECONÔMICO

Revista Mensal para Homens de Negócios

Diretores-Editores

Marcos Aurélio de Sá
Marcelo Fernandes de Oliveira

Diretor-Adjunto

Pedro Simões Neto

Gerente Administrativo

Vanda Fernandes

Redatores

Aderson França
José Ari
Paulo de Souza Lima
Carlos de Souza

Sucursal de Brasília

Airton Alves de Souza

Correspondente em Mossoró

Emery Costa

Fotografias

João Garcia de Lucena

Diagramação e Paginação

Fernando Fernandes

Fotocomposição e Montagem

Gonçalo Henrique de Lima
Fortunato Gonçalves

Capa Luiz Pinheiro

Consultores

Alcir Veras da Silva, Alvarar Furtado, Dom Antônio Costa, Cortez Pereira, Dalton Melo, Dantas Guedes, Diógenes da Cunha Lima, Fernando Paiva, Genário Fonseca, Hélio Araújo, Jayme Santa Rosa, Janilson de Paula Rêgo, João Frederico Abbot Galvão Jr., João Wilson Mendes Melo, Jorge Ivan Cascudo Rodrigues, Manoel Leão Filho, Marco Antônio Rocha, Moacyr Duarte, Nelson Hermógenes Freire, Ney Lopes de Souza, Dom Nivaldo Monte, Otomar Lopes Cardoso, Otto de Brito Guerra, Paulo Gonçalves, Severino Ramos de Brito, Túlio Fernandes Filho, Ubiratan Galvão.

RN/ECONÔMICO — Revista Mensal especializada em assuntos econômicos-financeiros do Rio Grande do Norte. é de propriedade de RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA. — CGC nº 08286320/0001-61 — Endereço: Rua Dr. José Gonçalves, 687 — Natal-RN — Telefone: 231-1873. Composição e Impressão: EDITORA RN/ECONÔMICO LTDA. — CGC nº 08423279/0001-28 — Insc. Est. 20012932-5 — Endereço: Rua Dr. José Gonçalves, 687 — Natal-RN — Telefone: 231-1873. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: 90,00. Preço da assinatura anual: Cr\$ 1.000,00. Preço do número atrasado: Cr\$ 100,00.

DA MESA DO EDITOR

Dois assuntos merecem especial destaque nesta edição: uma análise sobre as alternativas energéticas no âmbito do Rio Grande do Norte, onde abordamos desde as iniciativas da área do PROALCOOL até projetos de energia solar e bioenergéticos. Mantendo certa conexão com esse tema, uma entrevista com GERALDO JOSÉ DE MELO, presidente da Comissão Estadual de Energia (embora os enfoques do entrevistado tratem de política e economia).

Abordamos ainda um assunto que não perdeu a atualidade com as despedidas do Papa João Paulo II: Igreja e política. Ao contrário, a permanência do chefe da Igreja no Brasil, reacendeu o debate — Afinal, a Igreja deve se preocupar com problemas profanos e temporais como a política? Personalidades tradicionalmente ligadas à Igreja, respondem a essa pergunta.

Os sistemas da crise conjuntural refletem-se no setor gráfico e editorial. O cooperativismo tem encontro e discute temas da maior importância para o movimento, que é apresentado como uma das opções



para a solução do problema fundiário.

Natal à noite, através das melhores casas de diversões da cidade, é rerepresentada ao natalense. O artesão é um profissional de fibra, segundo conclusão da reportagem — sem nenhum trocadilho.

Os tradicionais articulistas tratam da recessão, da política econômica e da comunicação na empresa. As seções continuam “quente”.

Boa leitura.

CONJUNTURA

Agravamento da crise	7
Igreja e Política	44
Crise no setor editorial e gráfico	52

POLÍTICA

Geraldo Melo: O governo é sua meta	8
--	---

ENTREVISTA

O pensamento político de Geraldo Melo	11
O pensamento econômico de Geraldo Melo	16

ENERGIA

Álcool - RN poderá ser exportador ...	21
Álcool - RN já converte motores e tem autosuficiência	25
Vale do Ceará-Mirim integrada ao PROALCOOL	28
Energia eólica - Apesar dos problemas ainda é opção	30
Pesquisa - Os projetos do professor Nicanor	36

BIOGÁS — UFRN pesquisa alternativas	40
---	----

ADMINISTRAÇÃO

Guamaré — Onde se cogita do futuro	50
--	----

COOPERATIVISMO

Cooperativismo tem encontro	62
-----------------------------------	----

ARTIGOS

Política, projetos e programas PEDRO SIMÕES NETO	56
A incerteza da recessão PAULO PEREIRA DOS SANTOS ...	60
Comunicação na empresa ALUISIO MACHADO	64

SEÇÕES

Homens & Empresas	4
Olho Vivo	32
Comércio e Serviço	34
Indicador Profissional	58
RN-Consumo	66



FERNANDO BEZERRA

FIERN INICIA MOVIMENTO POR INCENTIVOS

A **Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte**, sob o comando esclarecido do empresário Fernando Bezerra, não está acomodada diante da indiferença com que o governo estadual trata dos problemas econômicos. Promovendo reuniões com autoridades, encaminhando memoriais denunciando a gravidade da crise que atinge a indústria e o comércio, estimulando a criação de sindicatos patronais, lutando pela expansão do crédito bancário e defendendo tratamento diferenciado para as empresas da terra, **Fernando Bezerra** não se intimida com o descaso e a incompreensão de muitos. Nunca as classes empresariais do Estado estiveram tão unidas em torno de um líder.

NATAL GANHA UMA GRANDE LOJE DE MATERIAL ELÉTRICO

O grupo **R. Gurgel**, que é um dos líderes do comércio de materiais para construção no Rio Grande do Norte, inaugurou a maior loja de materiais elétricos de Natal. Trata-se da **SACILUX**, com mais de mil metros quadrados de área de exposição e vendas, localizada na avenida Bernardo Vieira, na zona Sul da Cidade.

MORANDO REALIZA CONVENÇÃO EM NATAL

Máquinas Cerâmicas Morando S/A, uma das principais indústrias produtoras de máquinas destinadas ao setor cerâmico do país, realizou em Natal, de 4 a 11 de agosto, uma convenção reunindo todos os seus representantes do Norte e Nordeste do Brasil. Para o encontro vieram todos os diretores da empresa no país e alguns membros da diretoria internacional. A escolha de Natal para sede da convenção da **Morando** deve-se ao fato de que o seu representante nesta praça — **César Comércio e Representações Ltda.**, — foi quem alcançou melhor desempenho em toda a região. Coube a **Heider Melo de Andrade**, um dos diretores de **César Comércio e Representações**, coordenar as providências que garantiriam êxito total à reunião.



RN/ECONÔMICO NO CENTRO DA CIDADE

A partir de 1º de setembro entra em funcionamento a segunda gráfica do grupo **RN/ECONÔMICO**, situada em pleno centro comercial de Natal, à rua Princesa Isabel, nº 483. Especializada na prestação de serviços rápidos na área de impressão em offset e tipografia, a gráfica também prestará serviços de xerox, encadernações, serigrafia, composição em IBM, fotocomposição, plastificações, clichêria em Nylonprint, etc. À frente da segunda unidade de **RN/ECONÔMICO** ficarão **Creso Barbalho** — na gerência comercial, e **Maurício Fernandes** — na gerência financeira e administrativa.

PREFEITURA DE NATAL AMPLIA FROTA DA LP

Adquirindo mais 27 caminhões da marca **Dodge** para o serviço de limpeza da cidade, a **Prefeitura de Natal** parte para resolver o difícil problema da coleta do lixo. A **Sertaneja Veículos**, empresa que está atendendo à encomenda, já fez a entrega de 10 caminhões e até o final deste mês faturará os restantes.

ARRECADAÇÃO DO ICM CONTINUA CAINDO

Há dez anos atrás, quando o Rio Grande do Norte concedia incentivos fiscais às empresas aqui instaladas, a arrecadação de ICM feita pela **Secretaria da Fazenda** garantia tranquilamente a folha do funcionalismo estadual. Nos últimos seis anos foram extintos praticamente todos os incentivos, o que faria supor que, agora, as empresas do Estado estão pagando muito mais impostos, melhorando por conseguinte as finanças do governo. Enganase quem pensar assim! Com o fim dos incentivos fiscais — que alguns chamam de “ilegalidade” — várias indústrias locais estão insolventes, incapacitadas de competir com as concorrentes de outros centros maiores. Em compensação, também não se conseguiu atrair mais nenhuma indústria de porte para o RN nos últimos seis anos. Resultado prático: a arrecadação do ICM não dá mais para cobrir nem a metade das despesas com o pessoal do Estado. Em julho passado, por exemplo, a Secretaria da Fazenda arrecadou Cr\$ 200 milhões de ICM. Teve que destinar 20 por cento deste total aos municípios, ficando apenas com Cr\$ 160 milhões. Como a folha do funcionalismo ultrapassou a casa dos Cr\$ 320 milhões, o governo, para completá-la, teve de lançar mão de recursos do **Fundo de Participação dos Estados**, que deveriam ser aplicados em obras.

HERBUS CONFECÇÕES UMA INDÚSTRIA QUE CRESCE

A **Herbus Confeccões Ltda.**, indústria fundada há poucos anos por **Marinho Herculano** e que funcionava no bairro da Ribeira em um prédio alugado, parte agora para suas instalações próprias, na avenida Bernardo Vieira. A mudança ocasiona não apenas melhores condições de trabalho para a indústria, mas representa também significativo aumento da sua produção e proporcionará a criação de mais de uma centena de novos empregos.



ELIAS VILLAÇA

ASCB TEM NOVO DELEGADO NO RN

A **Associação dos Servidores do Brasil — ASCB** — tem novo delegado no Rio Grande do Norte. Trata-se do advogado **Elias Pereira Villaça**, que tomou posse dia 18 deste mês. A primeira providência do novo titular da ASCB foi determinar medidas visando a completa normalização de todos os serviços administrativos da entidade. Mas já no decorrer do mês de setembro, **Elias Pereira Villaça** pretende dar início à execução do **Programa de Habitação para o Servidor Público**, através de convênio com a **Caixa Econômica Federal** e o **Banco Nacional de Habitação**. A ASCB se prepara para, em breve, poder fornecer a todos os interessados as mais amplas informações a respeito desse programa.

MUDANÇAS NA ÁREA ECONÔMICA DO GOVERNO

Vários fatos estão acontecendo na área econômica do governo do Estado sem que se sinta nenhuma repercussão nos meios empresariais do Rio Grande do Norte. Por exemplo: a exoneração do secretário da Indústria e Comércio, **Getúlio Alves da Nóbrega**, e do presidente do **BANDERN**, **Hermano José**. Isso se deve à medíocre atuação desses órgãos nesses dois anos do governo **Lavoisier Maia**.

JOÃO GURGEL DIRIGE O CEAG-RN

João Augusto Gurgel, um dos mais competentes técnicos do **BDRN**, é o novo diretor do **CEAG-RN**, órgão vinculado ao **CEBRAE** e que atua na faixa de apoio à pequena e média empresa, prestando assessoria e elaborando projetos econômicos. **João Augusto** substitui a **João Batista Fernandes**, que há mais de cinco anos estava à frente da entidade. O **CEAG-RN** possui um quadro de mais de 30 funcionários, a maioria técnicos de nível superior, e sua atuação recebe influência do **Banco de Desenvolvimento do Estado**.

BALANÇO DE GALVÃO MESQUITA MOSTRA BONS RESULTADOS

O Balanço de **Galvão Mesquita Ferragens S/A**, recém-publicado, apresenta resultados que podem ser considerados excelentes, principalmente se comparados com os do exercício anterior. A empresa, que passa por uma fase de expansão abrindo novas lojas em Natal, teve um aumento de vendas superior a 40 por cento nos últimos 12 meses. O lucro apurado no balanço foi da ordem de Cr\$ 5,6 milhões.



TOMAZ SALUSTINO

CENTENÁRIO DE TOMAZ SALUSTINO

Dia 6 de setembro próximo a cidade de Currais Novos viverá um dia inteiro de festas em comemoração ao **Centenário do Desembargador Tomaz Salustino**, o pioneiro da exploração da scheelita no Rio Grande do Norte. Tudo começará com uma missa na capela da **Mineração Tomaz Salustino S/A**, na **Mina Brejuí**, às 8 horas. Em seguida, ainda na Mina, haverá inauguração de um abelisco com placa comemorativa à data, e ainda inauguração de um busto em bronze do ex-diretor da empresa, **Silvio Bezerra de Melo**, já falecido. Ao meio dia, será servido um churrasco para 2.500 pessoas. Às 15 horas, serão inauguradas as primeiras cinco casas de um conjunto habitacional que a **Mineração Tomaz Salustino** está construindo em Currais Novos para os seus operários, que no futuro contará com 200 unidades residenciais. A primeira casa será sorteada entre os oito mais antigos empregados da **Mina Brejuí** e será entregue quitada. No final da tarde será lançada uma plaqueta sobre a vida do **Desembargador Tomaz Salustino**, havendo em seguida a inauguração dos novos equipamentos da **Radio Currais Novos**, antiga **Rádio Brejuí**, fundada pelo homenageado.

Um simbolo de confiança!

A posição de destaque que Queiroz Oliveira alcançou no comércio de materiais para

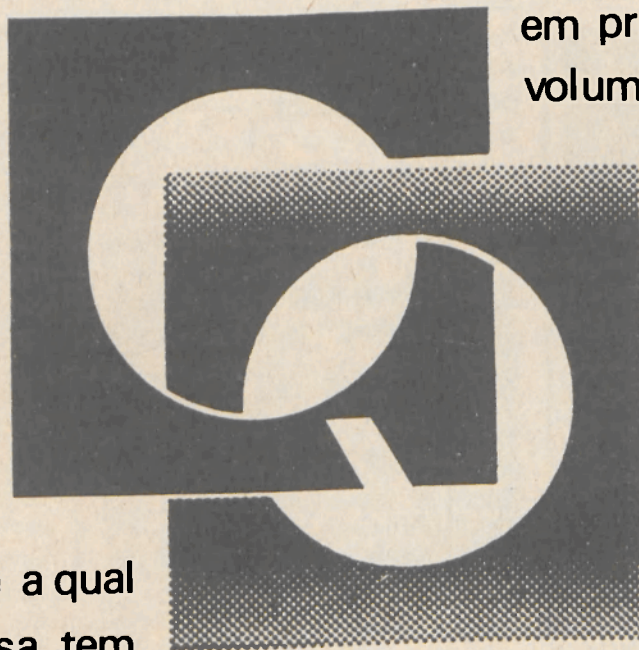
construção no Rio Grande do Norte não foi conquistada por acaso. É o resultado de uma longa e difícil caminhada de 18 anos, durante a qual a empresa tem

conseguido manter uma filosofia de profundo respeito ao consumidor, de lealdade aos fornecedores, de permanente **assistência profissional**

e social aos funcionários, e ainda de rigorosa correção para com o fisco. Estamos

em primeiro lugar em volume de recolhimento de ICM, entre as firmas do nosso ramo, o que significa dizer que estamos vendendo mais. Para nós, isto é

a confirmação de que estamos no caminho certo; e de que a nossa meta original de transmitir confiança está sendo **firmemente alcançada.**



QUEIROZ OLIVEIRA
Materiais para Construção Ltda.

CONFIANÇA A QUEM CONSTRÓI

AGRAVAMENTO DA CRISE

MARCOS AURÉLIO DE SÁ

Conscientes do poder de influência que um veículo de comunicação de massa possui, temos pautado a linha editorial desta revista pelo otimismo, mesmo nas horas mais difíceis para a nossa economia. Não temos deixado de apresentar os problemas do Estado em sua extensão real, mas também nunca deixamos de sugerir alternativas capazes de propiciar dias melhores. A nossa filosofia é a de que, com uma economia saudável, teremos maiores possibilidades de superar o vergonhoso e desesperador estado de subdesenvolvimento em que a nossa gente tem vivido.

Para não aguçar o desânimo, para não tolher a força do trabalho e a capacidade de iniciativa de muitos que no Rio Grande do Norte se dedicam às atividades produtivas, esta revista econômica sempre evitou empregar a palavra Crise para caracterizar um ou outro instante mais grave da nossa conjuntura tão instável e irregular. Hoje, porém, já não é mais possível suavizar com adjetivos menos impressionantes a realidade trágica que a livre iniciativa enfrenta entre nós. A crise tomou mesmo conta do Estado, transmitindo seus terríveis efeitos a todos os segmentos da sociedade sob a forma de desemprego, violência, incerteza e tantos outros males. A economia, que de há muito enfrenta um processo de estagnação, está agora em pleno recesso, constituindo-se num desafio que o poder público é absolutamente incompetente para enfrentar e vencer.

Assistimos, dias atrás, a um encontro de empresários promovido pela Federação das Indústrias, ao qual compareceu o secretário da Fazenda do Estado. Ficamos estarecidos quando soubemos o motivo da reunião: os dirigentes das maiores empresas do Rio Grande do Norte, simplesmente, estavam apelando à autoridade para que interviesse junto à rede bancária oficial e particular no sentido de que esta se dignasse a conceder empréstimos para que as empresas pudessem pagar em dia seus impostos ao Estado. E o apelo era feito em tom dramático, por homens que reconheciam já não estarem conseguindo pagar em dia seus compromissos e confessavam estar demitindo empregados por não suportarem os encargos nessa época de crise. A um empresário que reclamou ao Secretário da

Fazenda o fato de que Estados vizinhos estão concedendo incentivos à iniciativa privada, enquanto aqui no Rio Grande do Norte o governo cuida apenas de sugar das minguadas empresas a sua parcela de impostos, foi dada a resposta de que o que os outros Estados estão fazendo é ilegal.

Quer dizer, então, que por “estar cumprindo a lei” o Rio Grande do Norte recebe como prêmio a destruição de suas modestas bases econômicas? E onde está o nosso governo, onde estão os homens públicos que não enxergam esse absurdo e não se rebelam contra ele? Somos incapazes, ou somos covardes? Qual dos dois defeitos nos empurra para a miséria? Vamos continuar enfrentando a crise de braços cruzados, “Obedecendo à lei”, enquanto os Estados vizinhos atraem novas indústrias e grandes investimentos, graças à concessão de benefícios fiscais?

O mal resultado da política intransigente do governo estadual, que tem se negado nesses últimos seis anos a apoiar a iniciativa privada, já se faz sentir de maneira muito clara. Todos sabem que as atividades produtivas, pelos empregos que oferecem e pela riqueza que fazem circular, sustentam a administração pública, gerando maior arrecadação de tributos. Há menos de dez anos atrás, quando o Estado do Rio Grande do Norte concedia incentivos fiscais às empresas, o ICM que estas recolhiam era suficiente para pagar toda a folha de servidores do Estado. Hoje, não se concedem mais incentivos. Era de se esperar, portanto, que agora a arrecadação do ICM fosse suficiente para a folha de pessoal e para muito mais. Porém, o que se observa? O nosso ICM, recolhido na íntegra, no dia e hora tabelados, já não representa nem 50 por cento do que a administração estadual paga aos funcionários. E continuando nesse ritmo, dentro dos próximos dois anos não vai ser suficiente nem para cobrir 25 por cento. Assim, o governo se vê forçado a aplicar recursos federais que deveriam se destinar à construção de obras públicas, no complemento das suas despesas com funcionalismo. Concluimos com pessimismo: a crise existe e o nosso governo só faz agravá-la, pela indefinição, pela teimosia em persistir no erro, pelo radicalismo com que defende uma “lei” que nos empurra para a miséria.

GERALDO MELO

O GOVERNO É SUA META

RN/ECONÔMICO prossegue nesta edição a série de reportagens sobre o problema sucessório, que há muito tempo mobiliza a atenção do mundo político do Rio Grande do Norte. A exemplo da matéria publicada sobre Aluizio Alves, que gerou debates em todos os quadrantes da sociedade potiguar, acreditamos que esta — com o atual vice-governador Geraldo José de Melo — também repercutirá, até porque a editoria da revista anexa à reportagem textual do personagem sobre o momento político, social e econômico do Estado e do país.

As eleições diretas para governador do Estado em 1982 estimulam com muita antecedência o debate sucessório no Rio Grande do Norte, onde vários candidatos em potencial — representando tendências, grupos e esquemas os mais diversos — já se lançaram em campo, uns jogando aberta e ofensivamente, outros se articulando pelos bastidores, mas todos perseguindo posições políticas que os projete diante dos partidos e da opinião pública.

Geraldo José de Melo, atual vice-governador, empresário ligado ao setor açucareiro, ex-tecnocrata formulador de planos de desenvolvimento econômico para o Nordeste nos tempos em que a SUDENE tinha finalidade, é hoje um dos políticos do Rio Grande do Norte que não consegue esconder uma expressão de excitação quando alguém o provoca a falar sobre as suas chances de vir a ser o futuro chefe do Executivo Estadual, na sucessão do ginecologista Lavoisier Maia. Bom articulador, com trânsito livre em praticamente todos segmentos políticos, sociais e econômicos da comunidade, Geraldo tem dado mostras de inteligência e

capacidade, tanto na iniciativa privada quanto na vida pública. Com pouco mais de 40 anos de idade, sem ter herdado e sem ter recorrido à loteria, ele é hoje dono de um grande patrimônio, constituído por milhares de hectares de boas terras, por usinas dedicadas ao fabrico de açúcar e álcool, por rebanhos bovinos e muitos imóveis. Sem nunca haver disputado uma eleição direta (a única vez em que pretendeu, foi desestimulado, pois pretendia pregar uma mensagem diferente da que era defendida pela revolução de 1964), ele chegou a um posto cobiçado por qualquer político de envergadura: o posto de vice-governador de Estado. Nas vezes em que, interinamente, ocupou o governo — embora isto tenha ocorrido por período muito breves de tempo —, conseguiu perante a opinião pública e o mundo oficial apresentar uma postura mil vezes mais eficiente e empreendedora do que o titular do cargo, que em um ano e meio de gestão ainda não disse a que se propõe.

O PASSADO E O PRESENTE — Com vinte e poucos anos de idade, no governo de Aluizio Alves (1961/

65), Geraldo José de Melo já era tido por muitos como um conhecedor dos problemas da economia do Estado, apesar de não ter frequentado a escola superior e de possuir apenas um diploma de técnico em desenvolvimento econômico expedido pela CEPAL. Na época, a grande moda era discutir problemas desenvolvimentistas para o Nordeste, em cima das teses de Celso Furtado. E, para isto, a SUDENE pagava bem a uma turma de técnicos que acreditava — com os seus planos — poder mudar a face da região. Geraldo Melo estava nessa onda e foi, assim, convidado pelo então governador Aluizio Alves para dirigir uma repartição estadual encarregada de elaborar estratégias para revolucionar a nossa economia. Tratava-se do C.E.D. (Conselho Estadual de Desenvolvimento), de onde saíam os planos básicos do governo para os setores sócio-econômicos. Comandando uma equipe totalmente composta por jovens — a maioria dos quais continuou pelos anos afora, e até hoje, a planejar os nossos mal-fadados governos —, Geraldo Melo foi por assim dizer o *guru* da sua geração. O seu trabalho no C.E.D. começou a repercutir e a dar bons resultados, a ponto de projetá-lo até nas folhas dos jornais da cidade. A união dos jovens técnicos do C.E.D. em seu apoio, o fez sonhar com uma posição ainda mais alta na vida pública: a deputação federal ou a prefeitura natalense. Porém, esse sonho de Geraldo não soava bem aos ouvidos de Aluizio Alves, que certamente estava ligado a um projeto político mais familiar, ou seja, eleger o irmão Agnelo. E assim, para derrubar os castelos de areia do presidente do C.E.D., o governante cometeu uma sutileza muito ao seu estilo: simplesmente extinguiu o Conselho Estadual de Desenvolvimento e deu as contas a Geraldo e ao seu séquito de tecnocratas. Sem sua tribuna, Geraldo José de Melo enveredou por uma linha semi-oposicionista, embora sem se ligar ao maior inimigo de Aluizio Alves em todos os tempos, o senador Dinarte Mariz. O Estado, como o país, vivia as vésperas da revolução de 64. Natal efervecia de movimentos

sindicais, de greves e de passeatas. Numa certa feita, Geraldo José de Melo — já em busca de um futuro político — chegou a estimular um movimento popular contra o aumento dos preços das taxas de luz, e a favor da encampação — pelo Estado — da Companhia Força e Luz Nordeste do Brasil (ligada ao truste *Bond & Share*), que então distribuía energia elétrica em Natal. Foi por ocasião desse movimento que o governador Aluizio Alves recebeu a sua primeira vaia, quando uma passeata de trabalhadores e estudantes se postou diante do Palácio da Esperança para exigir dele (Aluizio) uma providência. Geraldo Melo foi um dos oradores mais aplaudidos neste ato que contrariava o governo.

Depois de 31 de março de 1964, os caminhos políticos deixaram de ser interessantes para o jovem técnico em desenvolvimento econômico que pretendia disputar os votos do povo em 3 de outubro de 1965. Seus projetos foram redimensionados. Ele preferiu largar temporariamente as aspirações políticas. Decidiu sair por uns tempos de Natal e mudou-se para Recife, onde com amigos instalou um dos primeiros escritórios de planejamento da região — a ADIPLAN —, que em poucos anos viria a ser talvez o mais importante e famoso centro de elaboração de projetos industriais e agropecuários, prestando os seus serviços não só aos empresários da região em busca dos incentivos da SUDENE, mas até se aliando a escritórios técnicos internacionais (como o ligado à revista "The Economist", de Londres) para realizar estudos especiais para o governo brasileiro.

Lidando de perto com os assuntos econômicos da região e conhecendo a fundo as perspectivas dos diversos setores da economia regional, com a vantagem de também saber a que órgãos recorrer para conseguir benefícios fiscais e dinheiro subsidiado, Geraldo José de Melo ensaiou os seus primeiros passos empresariais ao conseguir aprovar na SUDENE um seu projeto agropecuário.



Geraldo Melo a caminho do Palácio Potengi

que implantou no município de Santa Cruz-RN, numa propriedade de cerca de 3 mil hectares (a COPAN). Mas aquela ainda não seria a sua grande oportunidade na iniciativa privada. Tempos depois, ele passou a estudar em profundidade a agro-indústria canvieira do Nordeste, que então se achava em meio a uma série crise. Foi aí que tomou conhecimento da pré-falência em que se encontravam as usinas Ilha Bela e São Francisco, situadas no vale do Ceará-Mirim, e pertencentes aos empresários Odilon Ribeiro Coutinho e Roberto Varela. Associado com alguns amigos, Geraldo Melo vislumbrou ali um grande negócio, pois tinha certeza de que a política do Instituto do Açúcar e do Alcool favoreceria com vultosos empréstimos a quem se dispusesse a assumir o controle das usinas insolventes. Mesmo sem recursos suficientes para enfrentar o valor da transação, Geraldo teve audácia. Largou seu próspero escritório de projetos e fixou residência em Ceará-Mirim, onde começou uma luta sem trégua para reorganizar e recuperar as usinas. Tempos depois, viria ele a adquirir as ações dos seus sócios iniciais, ficando praticamente sozinho como dono da empresa que — embora tenha hoje um exigível elevadíssimo e enfrente uma crise financeira — dispõe de um patrimônio representado por terras e instalações industriais algumas veze superior às dívidas.

A POLITICA NO SANGUE — Mas o sucesso empresarial não seria suficiente para retirar de Geraldo José de Melo a paixão pela vida pública. Pouco tempo depois de se instalar na direção das usinas que ele logo unificou, criando a Companhia Açucareira Vale do Ceará-Mirim, Geraldo se empenhava em participar dos assuntos políticos do município, influenciando de forma decisiva na escolha do prefeito nas eleições de 1976 e na direção de alguns deputados federais e estaduais em 1974 e em 1978. Sempre demonstrando muita habilidade, ele foi gradativamente

afirmando uma imagem de bom político. Há quem assegure que ele foi um dos mentores do grande acordo de Aluizio Alves com o ex-governador Tarcísio Maia, que possibilitou a criação do “sistema de forças amigas, que elegeu o senador Jessé Freire”. Graças a isto e a outros lances que comprovaram sua absoluta fidelidade à família Maia, ele foi convidado por Tarcísio ser o companheiro de chapa do ginecologista Lavoisier Maia.

Entre ele e o governador Lavoisier Maia, ou melhor, entre ele e a família Maia, as relações estiveram estreitadas, até o instante em que Geraldo — assumindo interinamente o exercício do governo durante algumas viagens do governador — começou a dar sinais evidentes de que era mais inteligente, mais decidido, mais conhecedor da realidade estadual do que o titular do cargo. A partir daí, os Maia começaram a temê-lo, a evitá-lo e a negar-lhe condições para que ele contribuísse de forma mais direta com a administração. Geraldo, que teria sido o pivô do acordo Alves-Maia, nem sequer foi ouvido sobre o desastroso rompimento desse acordo, que retirou da família Maia qualquer chance de futuro político no Estado e que transformou Lavoisier Maia num governador desarvorado.

Geraldo José de Melo, nem por isso, se abate. Ele sabe da importância que tem como articulador e como um dos poucos políticos do PDS com possibilidade de ajudar a unir o partido e até de formar importantes alianças pluri-partidárias. Na surdina, ele já se movimenta politicamente com vista a posições maiores no contexto, embora claramente não se afirme candidato a governador em 1982. Limita-se a dizer que, se for convidado, aceitará disputar o posto.

INTRIGAS PALACIANAS — As pessoas que convivem com a família Maia e conhecem de perto os planos políticos de Tarcísio — que realmen-

te é o chefe do clã —, alegam que Geraldo José de Melo deixou de merecer a confiança do tarcisismo a partir do instante em que acenou com a possibilidade de vir a ser uma alternativa na sucessão de Lavoisier. Segundo essas pessoas, já era público e notório, há muito tempo, que a vontade maior de Tarcísio Maia é ver o filho José Agripino no Palácio Potengi em 1982. Em defesa desse projeto ele sacrificou até a sua rentável aliança com o aluizismo. Por que não romperia então com alguém com menor força eleitoral?

Mas alguns analistas políticos, com bastante realismo, pensam que se Tarcísio tivesse admitido a hipótese da candidatura de Geraldo, talvez tivesse também conseguido que Aluizio Alves abdicasse de ser ele mesmo o candidato ao governo e assim a família Maia estaria hoje super-respalhada, senhora absoluta das decisões políticas no Estado, para desespero do dinarismo, do rosadismo e das chamadas “oposições autênticas”. Certamente, o próprio jornal aluizista, ao invés de combater o governador Lavoisier Maia e de fomentar crises, estaria hoje projetando-o como grande administrador. Geraldo Melo poderia, portanto, ter sido a tábua de salvação do tarcisismo, se a família Maia abdicasse pelo menos temporariamente ao trono.

Hoje, o vice-governador se situa no cenário político como um livre-atirador. Sem vinculações mais estreitas nem com o tarcisismo, nem com o aluizismo e nem com o dinarismo, estrategicamente ele está evitando as uniões comprometedoras. E, desta forma, dialoga com todas as áreas, cuidando com muita ciência e jeito de reunir ao seu redor as expressões políticas e empresariais mais jovens, quem sabe em busca de uma terceira força. Se, por qualquer motivo, as fórmulas tradicionais do radicalismo falharem em 82, Geraldo José de Melo estará firme e forte à disposição dos partidos, pronto para renovar a organização e os métodos políticos locais, que em verdade precisam ser reformulados.

O PENSAMENTO POLÍTICO DE GERALDO MELO

O vice-governador do Estado, empresário Geraldo José de Melo, aceitando convite da editoria de RN/ECONÔMICO, participou durante quase oito horas de uma entrevista com repórteres e redatores desta revista. Neste espaço de tempo, respondeu a quase uma centena de perguntas; debateu sobre problemas políticos, sociais e econômicos do Estado e do país; e fixou pontos-de-vista seguros sobre os temas abordados.

Para tornar mais fácil a leitura da matéria, dividimos a entrevista em duas partes: a primeira, onde ele fala da política e dos políticos do Rio Grande do Norte, analisando fatos passados e presentes e traçando algumas perspectivas; a segunda parte, menos dinâmica — até por causa da profundidade do assunto — trata de teoria econômica. Mas se constitui num documento precioso para quem pretenda conhecer o pensamento de um dos prováveis candidatos a governador do Estado nas próximas eleições. Vale a pena ler!



*** É necessário
encerrar o ciclo da
bipolaridade no RN...**

RN/ECONÔMICO — O Instituto Gallup de Pesquisas apontou o governador Lavoisier Maia como o mais impopular dos chefes do Executivo do país. Lavoisier seria um governante preparado para o exercício das suas funções?

Geraldo Melo — As questões de popularidades e impopularidades estão sujeitas a mil influências variáveis. Hoje em dia, todos os amantes da liberdade estão discutindo o que ocorreu nos últimos 16 anos. Há os que analisam com muita severidade o Presidente Médice. Entretanto, muitos se recordam de que, no período revolucionário, não houve nenhum presidente que tivesse deixado o poder com o nível de popularidade mais alto que ele.

RN/ECONÔMICO — Você declarou à imprensa, que, se Tarcísio Maia não fosse presidente do PDS, você abandonaria o partido. Hoje, você repetiria essa afirmação?

Geraldo Melo — Se as circunstâncias fossem as mesmas, sim. A colocação que fiz não encerrava restrições a quem quer que fosse — nem a Dinarte nem a Vingt Rosado, aos quais credito competência política e tributo o meu respeito. Naquele momento, entretanto, o quadro político do RN havia transformado a definição do comando político do PDS, num confronto com características tais que exigia de pessoas habituadas a tomar decisões e ter caráter, a tomá-las. E eu as tomei. Naquele momento, havia uma alian-

ça transpartidária, cujos interesses deveriam ser resguardados. Hoje, a situação é outra, com a ruptura dessa aliança, então ...

RN/ECONÔMICO — Com essa posição, você pretendia integrar Aluizio Alves no mesmo esquema governista?

Geraldo Melo — Dentro do mesmo sistema, embora fora do PDS, pois ele já havia tomado outro rumo.

Eu sempre acreditei que era necessário encerrar no RN o ciclo da bipolaridade. Achava que esse

era um objetivo político a ser alcançado no menor espaço de tempo possível, dando-se início a um processo novo na política estadual. Certas circunstâncias na história recente do RN, modificaram totalmente o curso da política estadual. A morte do governador Dix-Sept Rosado, por exemplo. O rompimento do ex-governador Aluizio Alves com o então governador Dinarte Mariz. Essas circunstâncias determinaram uma mudança de percurso, tal como outras o fariam ainda, no futuro. Eu acreditava nessa destinação. Achava que aquela tese que defendia na oportunidade, propiciava um novo marco que encerraria o ciclo da bipolaridade. Tanta importância eu creditava a essa mudança que lutei por sua realização.

Hoje eu repetiria a declaração se as circunstâncias fossem as mesmas. Nas circunstâncias de hoje, afastado o ex-governador Aluizio Alves, o realismo político recomendaria que todos os partidos se transformassem em partidos. Daí porque defendo, presentemente, a pacificação interna do PDS, aparando as arestas políticas.

RN/ECONÔMICO — Você aceitaria hoje a liderança do Senador Dinarte Mariz?

Geraldo Melo — O senador Dinarte Mariz é um homem altamente respeitável, com uma capacidade de liderança indiscutível. Seja quem for que esteja na liderança — Dinarte, Vingt, Dix-Huit, Lavoisier ou Tarcísio — eu, que sou um simples eleitor a quem as circunstâncias me fizeram participar da política, posso receber a liderança. Mas há que distinguir entre lealdade e subserviência. Tenho minhas convicções — ao entrar no partido já as tinha. E não há liderança alguma, tenha o nome que tiver, que me faça abrir mão desses compromissos que tenho comigo mesmo, com as coisas em que acredito. O que acho é que essa preocupação com nomes perdeu o sentido. O que se precisa agora, é criar quadros partidários para que as or-

ganizações partidárias exerçam seu papel e comecem a praticar essa democracia pela qual tanto lutamos.

RN/ECONÔMICO — Será que as linhas políticas desejadas pelas lideranças do PDS, que hoje consideram o governador Lavoisier Maia desgastado, são diferentes das que o governador está pondo em prática?

Geraldo Melo — Depende de saber que linhas políticas são essas, se se tratam de idéias ou de nomes. Os nomes, eu considero uma questão secundária, em termos.

RN/ECONÔMICO — Por exemplo, os Rosados desejariam que o governo não negasse verba para a Universidade Regional de Mossoró. O governador negou. Quem tem razão, no seu ponto de vista?

Geraldo Melo — O governador acaba de dizer que está regularizando essa situação.

RN/ECONÔMICO — ... um ano depois.

Geraldo Melo — O governador apresentou, à época, as razões porque não estaria ajudando financeiramente à Universidade.

RN/ECONÔMICO — Você concorda com essas razões

Geraldo Melo — O governo achava que a contribuição financeira deveria ser compatível com a participação nos rumos administrativos da Universidade.

RN/ECONÔMICO — Se você concordou, porque discordou da mesma colocação feita pela UFRN no caso do Hospital Walfredo Gurgel, cuja decisão foi atribuída a você à época, no exercício do governo?

Geraldo Melo — O problema é totalmente diferente. No caso da Universidade de Mossoró houve razões políticas — não vamos ser hi-



*** Afastado de Aluizio e do PDS, Tarcísio ficará, no mínimo, em dificuldade...**

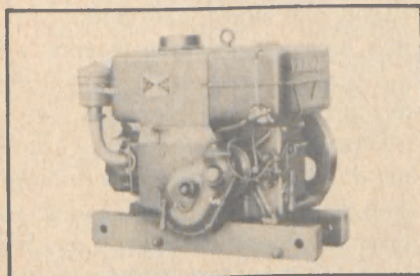
pócritas. O governo tinha razões políticas que a seu juízo foram consideradas válidas, para não fazer o pagamento das verbas. Foi uma decisão administrativa que tinha relação com a realidade política. Não seria correto de minha parte discutir esses aspectos publicamente.

RN/ECONÔMICO — Essas decisões político-administrativas tomadas pelo governo, não estariam em desacordo com a classe política, principalmente com os próprios companheiros do PDS? Será que a ótica do governo está sempre certa e a dos políticos sempre errada?

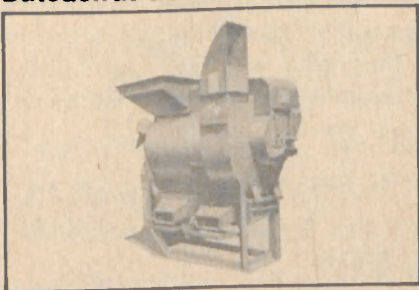
DUCAMPO

O Lojão da Agropecuária

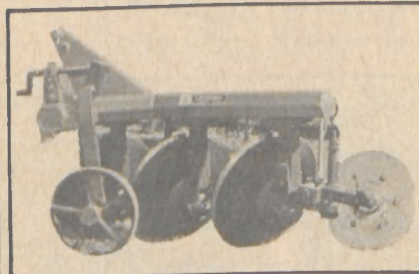
Motores "Yanmar"



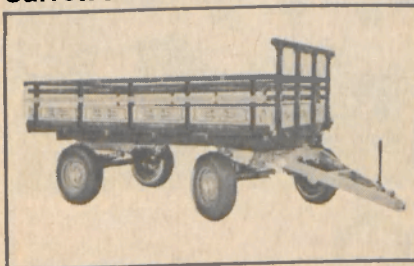
Batedeiras de Cereais "Laredo"



Arados "Lavromec"



Carretas "Fanavia"



DUCAMPO — Agro Ind. e Com. Ltda.

MATRIZ: Praça Augusto Severo nº. 89/91 — Ribeira
Fones: 222-4590 — 222-4434
FILIAL: R. Dr. Mário Negócio, 1469 — Alecrim
Fone: 222-4557 — Natal-RN.
INTERIOR: João Câmara — Nova Cruz — e Calço

Geraldo Melo — De forma alguma. Esses fatos ocorreram num contexto político diferente do atual. Dentro da realidade política de hoje, ao que me conste, tais decisões não existiriam mais.

RN/ECONÔMICO — *Você, pessoalmente, influíu na decisão sobre a Universidade de Mossoró? Concordeu com ela?*

Geraldo Melo — Participei e concordei. Uma decisão daquele nível se insere num contexto muito mais complexo do que pode parecer.

RN/ECONÔMICO — *Hoje o governo reconsiderou a decisão. Você foi ouvido?*

Geraldo Melo — Não.

RN/ECONÔMICO — *Se fosse ouvido, concordaria?*

Geraldo Melo — Sim.

RN/ECONÔMICO — *Onde ficará a liderança de Tarcísio Maia, hoje afastado de Aluizio Alves, se não conseguir se recompor com o esquema pedessista?*

Geraldo Melo — Ficará, no mínimo, em dificuldade.

RN/ECONÔMICO — *Tarcísio conseguiria se eleger deputado federal?*

Geraldo Melo — Estamos especulando muito. Não vejo porque a aliança interna do PDS não possa se consolidar. Não vejo maiores dificuldades.

RN/ECONÔMICO — *Como você explica tanto desencontro no PDS?*

Geraldo Melo — Família muito grande tem dessas coisas ...

RN/ECONÔMICO — *As mensagens de Aluizio, no seu ponto de vista, continuam tão atuais como em 1960 — ou já não conseguem sensibilizar o eleitorado?*

Geraldo Melo — Há dois aspectos a considerar: a força popular do ex-governador não pode ser negada. Se ainda há multidões que vão às ruas para ouvir suas mensagens é porque essas mensagens sensibilizam o povo. A nova linguagem de Aluizio somente agora está começando a ser exposta à opinião pública. Vamos esperar que seu pensamento seja exposto integralmente para que possamos formular um juízo.

RN/ECONÔMICO — *Você é fiel ao PDS ou à família Maia?*

Geraldo Melo — Ingressei no PDS porque há lugar para as coisas que defendo. Dentro do PDS, todo o RN sabe que cheguei a esse partido — como a vice-governador do Estado — ao lado de Tarcísio Maia. Então, não há nenhuma razão hoje, que nos separe.

RN/ECONÔMICO — *E se ele for para outro partido?*

Geraldo Melo — Depende das razões que ele tenha, na ocasião, para tomar essa decisão.

RN/ECONÔMICO — *Mas, depende das razões dele, ou de sua convicção como pedessista?*

Geraldo Melo — O que é que quer dizer convicção como pedessista?

RN/ECONÔMICO — *Explico: está havendo uma inversão nas suas idéias. Há pouco tempo atrás, você dizia que não se fixava em nomes, mas em idéias e em quadros partidários. Parece-nos que essa posição "Tarcisista" é uma negação de suas próprias convicções e das convicções do seu quadro partidário.*

Geraldo Melo — De forma alguma minha posição será mudada. Sou ligado a Tarcísio Maia por relações políticas, de amizade, de estima pessoal — todo o RN sabe disso. Mas isso não significa que a minha relação política seja com a pessoa dele ou de qualquer outro.

RN/ECONÔMICO — O que vem a ser o "Tarcisismo"?

Geraldo Melo — É um grupo de pessoas que se distingue dos demais grupos do partido apenas por um processo de agregação, mas na realidade estamos num só partido e não há "Tarcisismo" no PDS. O que se chamou "Tarcisismo" foi exatamente uma proposta apresentada por Tarcísio Maia ao Rio Grande do Norte, numa determinada oportunidade.

RN/ECONÔMICO — Quer dizer que afastado o estreitamento político, sua vinculação com Tarcísio Maia é exclusivamente pessoal?

Geraldo Melo — É pessoal. Mas não é uma relação pessoal que exclua as vinculações com os demais. Mas não há nenhuma razão para me afastar dele. Nós todos ingressamos num partido. Nesse partido nós somos tão correligionários dele quando de Dinarte ou de Vingit Rosado.



*** Não há compromissos eternos, em política.**

RN/ECONÔMICO — Nesse contexto, então, não haveria nenhuma possibilidade de Geraldo Melo mudar de partido?

Geraldo Melo — Quem entra num partido, desejaria não mudar. Mas não há compromissos eternos em política. Se amanhã meu partido assumir posições impopulares; se se afastar dos compromissos, entendendo que só tem compromissos com os segmentos mais conservadores do seu programa; se resolver ignorar o programa todo — que oferece ao povo brasileiro acenos que se anteciparam muito ao pensamento político vigente; se, segundo o meu juízo, ele ficar contra o interesse público, eu não hesitarei em ficar contra ele.

RN/ECONÔMICO — Você apoiaria José Agripino para governador do Estado?

Geraldo Melo — O fato de ser filho do Dr. Tarcísio Maia não dá a ele nenhum direito sobre os demais,

Pierre Cardin

JEANS COM ESTILO

O "uniforme" do século XX é, indiscutivelmente o **JEANS**, um tipo de vestimenta que vence os modismos e as limitações de idade.

Mas, há **JEANS** e **JEANS**. Há o **JEANS** que individualiza quem o veste - neste caso, é o **estilo** que impõe a personalidade. É o caso do **JEANS** criado pelo estilista Pierre Cardin: veste na moda sem perder a etiqueta que distingue o bom gosto.

REVENDEUR EXCLUSIF

PIPELINE

Rua Ulisses Caldas, 205 — Fone: 222-4543
Centro - Natal-RN

de ser candidato a coisa nenhuma. Mas acho que não há nenhuma razão para ele ser punido pelo fato de ser filho de TM. De modo que, se não lhe há direitos, também não tira. Se ele vai ser candidato a Governador ou deputado, isso depende, em primeiro lugar, da competência que ele vai demonstrar como Prefeito da capital.

RN/ECONÔMICO — Cite nomes de políticos que têm condições de pleitear o governo do Estado em 1982.

Geraldo Melo — Todos os que estão na militância política.

RN/ECONÔMICO — ... sem excluir, naturalmente o vice-governador Geraldo Melo!

Geraldo Melo — Acho que há um nome já lançado que conseguiria a pacificação política do RN: é o do ex-senador Dix-Huit Rosado. É um homem público preparado, ilustre, competente e experiente.

RN/ECONÔMICO — Quais são as deficiências de Tarcísio Maia como político?

Geraldo Melo — Tarcísio Maia é um político que tem um estilo bastante diferente do PSD mineiro. Resta saber se isso é um defeito ou uma virtude. Ele conduziu um processo político no final de seu governo que foi extremamente bem sucedido. Fez seu sucessor e ganhou eleições majoritárias por mais de 80 mil votos.

RN/ECONÔMICO — Tarcísio seria seu modelo político?

Geraldo Melo — Não tenho talento suficiente para pretender repetir o desempenho político do Dr. Tarcísio. Ele é um homem por quem tenho profundo respeito e admiração. Mas, na realidade, somos homens de gerações diferentes e de formações diferentes. Meu desempenho, inclusive, tem sido diferente do dele.

RN/ECONÔMICO — Comente sinteticamente sobre cada nome que lhe for apresentado. João Faustino?

Geraldo Melo — Grande revelação política do governo Lavoisier Maia.

RN/ECONÔMICO — Agenor Maria?

Geraldo Melo — Um fenômeno eleitoral importante, que precisa ser analisado sem emoções.

RN/ECONÔMICO — Ney Lopes?

Geraldo Melo — Revelou competência e capacidade quando resolveu se dedicar à política. Sua contribuição ao RN apenas começou.

RN/ECONÔMICO — Wanderley Mariz?

Geraldo Melo — Tem seu lugar na política do Estado. Tem reeleição tranquila e uma grande responsabilidade com o futuro porque será o sucessor natural do senador Dinarte Mariz.

RN/ECONÔMICO — Carlos Alberto?

Geraldo Melo — Esse é um fenômeno tão interessante quanto o do senador Agenor Maria. Resta ver é de que forma a grande oportunidade que a política do RN deu a ele, será por ele utilizada no futuro. Mas é indiscutivelmente uma peça de importância fundamental para as decisões políticas que se avizinham.

RN/ECONÔMICO — Mário Porto?

Geraldo Melo — Um dos homens mais brilhantes que conheço. Um homem honrado, capaz e que tem uma história pessoal extraordinária, tanto no RN quanto na Paraíba. Só lamento que a vida pública do RN ainda não esteja contando com ele.

RN/ECONÔMICO — Moacyr Duarte?

Geraldo Melo — Um dos políticos mais experientes do Estado. Atuante, apesar de estar sem mandato. Mas foi um parlamentar brilhante.

RN/ECONÔMICO — Theodorico Bezerra?

Geraldo Melo — É uma pessoa a quem a classe política do RN deve uma homenagem.

RN/ECONÔMICO — Luiz Antônio Vidal?

Geraldo Melo — Como se pode deixar de reconhecer importância a um deputado estadual que teve mais de 20 mil votos e que, como presidente da Assembléia, conduziu um processo inegável de valorização do Poder Legislativo no Estado?

RN/ECONÔMICO — Henrique Alves?

Geraldo Melo — Tem, apesar de jovem, uma história que tanto os amigos quanto os inimigos têm de reconhecer: recebeu a responsabilidade de ocupar o espaço deixado por seu pai e é de justiça dizer que quando o ex-governador voltou à atividade política, recebeu um grande partido, a troco do pequeno agrupamento que lhe tinha confiado.

RN/ECONÔMICO — Diógenes da Cunha Lima?

Geraldo Melo — Preparado para o cargo que exerce, como também para ser Governador do Estado, ou para exercer qualquer mandato que pretenda. Tem, não apenas meu respeito intelectual, como minha amizade pessoal.

RN/ECONÔMICO — Garibaldi Filho?

Geraldo Melo — Talvez um dos

mais preparados deputados da oposição. Tem uma conduta política irreparável.

RN/ECONÔMICO — *Jessé Freire?*

Geraldo Melo — Um exemplo de talento, de como um homem humilde pode ocupar as funções mais eminentes.

RN/ECONÔMICO — *Roberto Furtado?*

Geraldo Melo — Amigo de infância, temos muito em comum. As divergências políticas nunca nos afastaram nem desmereceram o respeito mútuo.

RN/ECONÔMICO — *Djalma Marinho?*

Geraldo Melo — Djalma Marinho é patrimônio do Brasil. Levou de Nova Cruz e Campestre, para Brasília, um tempero de talento e de coragem cívica. Tem sido honroso para o RN ter um político como ele, como seu representante.

RN/ECONÔMICO — *Vingt Rosado?*

Geraldo Melo — Uma liderança sólida com uma história importante, consolidada por sua fidelidade à região Oeste e a Mossoró. É alguém que ocupa uma das posições-chaves do processo político do RN.

RN/ECONÔMICO — *Que perspectivas você vê para a política do RN?*

Geraldo Melo — Minha convicção profunda é a seguinte: ou nós seremos capazes de assumir as posições que o povo exige — que falem nos novos tempos que estamos vivendo — ou o povo acha quem fale por ele ... E nesse caso, todos nós que estamos sentados ao redor da mesa, posando de estadistas, seremos mandados para casa.



*** Se fosse indicado governador, aceitaria.**

RN/ECONÔMICO — *Empresário que precisa de subsídios oficiais tem condições de fazer oposição hoje, no Brasil?*

Geraldo Melo — Eu conheço um, no Nordeste, no meu setor: Teotônio Vilela.

RN/ECONÔMICO — *Como você veria sua indicação para governador?*

Geraldo Melo — Acho que não há ninguém no RN, com alguma sensibilidade política ou vocação para a vida pública que chamado a governar seu Estado, realmente recuse a indicação. Evidentemente eu não recusaria. Não tenho medo de lutar pelas coisas em que acredito. Mas também não perco tempo lutando por aquilo em cuja viabilidade não creio. Não consigo ver minha candidatura ao governo do Estado, dentro dos atuais quadros políticos do RN.

RN/ECONÔMICO — *Mas se fosse indicado, lutaria pela oportunidade?*

Geraldo Melo — Se fosse indicado, lutaria.

O PENSAMENTO ECONÔMICO DE GERALDO MELO

RN/ECONÔMICO — *Quais as perspectivas que existiam para a economia do Nordeste à época do CED e quais as propostas do CED àquela época?*

Geraldo Melo — *Estávamos vivendo o entusiasmo que provocou o fato de que o Nordeste, pela primeira vez, foi analisado como um sistema econômico. Até 1958 o problema do Nordeste era tratado em termos climáticos, com todo mundo maldizendo nossa fatalidade ecológica.*

O Nordeste era uma região cujos problemas, segundo as autoridades, decorriam exclusivamente da seca. Então, desde o início do século, com a Inspeção Federal de Obras Contra as Secas — depois DNOCS — que o Governo Federal desenvolvia uma política que veio a se chamar de política hídrica. Em 1958, com o advento da grande seca, alguém que na minha opinião foi, e ainda é, um dos mais importantes economistas deste país — Celso Furtado — produziu um do-

cumento que é válido ainda hoje, chamado de Diagnóstico Preliminar da Economia do Nordeste. A partir dele, nasceu o GTDN — Grupo de Trabalho do Desenvolvimento do Nordeste.

Este documento foi a primeira formulação de diagnóstico do Nordeste, que tanto analisava a região internamente, quanto relacionava a economia nordestina com o resto do mundo. Isso deu lugar às decisões políticas que geraram uma forma de tratamento diferente: a necessidade de coordenação dos investimentos públicos e a definição de uma política especial para os investimentos privados; uma coordenação da ação de todos os órgãos federais e dos governos estaduais, a fim de que se estabelecesse uma política para o Nordeste, voltada para o desenvolvimento.

O impacto foi de uma revelação. Ainda estávamos sob as ressonâncias da análise econômica de Adam Smith, achando que o mercado resolvia todos os problemas — e de

repente alguém achava que era preciso falar em planejamento, em programação e ter uma política objetiva de desenvolvimento.

O governo do RN aderiu a essa formulação e o CED nada mais era que uma solução simétrica à da SUDENE, a nível estadual. Compunha-se de uma equipe técnica, uma secretaria executiva e um Conselho que reunia diferentes segmentos da sociedade, onde a equipe técnica formulava soluções e o Conselho as debatia.

Hoje, é de lamentar que, de 58 para cá, nada de novo se tenha dito sobre o Nordeste. Mas, a partir dessas formulações, houve uma proposta e ela se materializou. O que se executou dessa proposta, produziu transformações na economia do Nordeste. Entretanto nada mais se criou. O que nós denominamos de Ideologia do Desenvolvimento aplicada à nossa região, se perdeu num conjunto de programas de obras públicas, numa fase em que o Poder Público centralizou excessi-

vamente — a nível do governo federal — as decisões em todas hierarquias de poder, e a SUDENE perdeu sua substância, na hora em que perdeu a capacidade de formular propostas.

Os planos diretores que eram à época, a política, transformados em programas objetivos, passaram a ser documentos frios, simples relatórios que iam para as prateleiras, sem nenhuma serventia.

Naquela época tínhamos uma grande novidade. Hoje, precisamos de outra grande novidade — que seria nos conhecermos de novo, saber como vai nossa saúde econômica e que nova filosofia poderia ser incorporada à região.

RN/ECONÔMICO — Você acha que o novo discurso político foi responsável pela mudança nos rumos da orientação econômica para o Nordeste?

Geraldo Melo — Acho. Na realidade o que ocorreu com o discurso po-

SKF
Rolamentos.
POP
- Rebites e
Rebitadores
SCHULZ - Co
- mpressores.

ELETELE - Re
ostatos e Resistên
cias. RIGID - Ferr
mentas Pré-testadas
que Reduzem o Trabalho.

Brasil S. A. - A mão de Aço para quem não é de Ferro.

TELEVOLT - Estabilizadores Automáticos de Tensão.

INVICTA - Tudo para Madeira. WEG - O Motor Elétrico.

OSRAM - Lâmpadas. SIEMENS - Material Elétrico
Industrial. HARTMANN & BRAUN DO BRASIL

Transformadores de Corrente. OK - Eletrodos.

BACHERT - Tecnologia em Ferramentas.

ELIANE - Azulejos e Pisos. COBEL

Equipamentos para Lubrificação.

ADELCO - Transformadores.

ELETROMAR - Chaves Mag

néticas. STARRETT - Serras

de Aço. BURNDY DO BRASIL

Conectores e Válvulas. — Etc.



CODIF TEM:

3M

Emen
das Ter
minações.

PIRELLI -

Fios e Cabos

Elétricos. 3M

PETERCO - Ilu

minação Comerci

al. STANLEY - Tre

nas de Aço. BELZER

- ITMA - Ferramentas do

Ferro.

**COMPANHIA
DISTRIBUIDORA
DE FERRAGENS**

CODIF

Matriz: Recife-PE

Filial: Natal-RN. R. Dr. Barata, 190

Tels.: 222.3571 - 222.8210

222.8033 — Natal-RN

*** Não se criou nada, desde 1958, no Nordeste. O novo discurso político tem muito a ver com isso..**

lítico foi inicialmente a substituição dos oradores. Passou a entrar em moda um tipo de discurso laudatório. Esse país, de repente, conseguiu uma unanimidade impressionante em termos de determinados propósitos. Todo mundo estava de acordo com tudo. Surpreendi-me, quando vi recentemente movimentos de luta pela democracia e me perguntei onde estava todo esse povo que de repente surgiu contestando, se sabíamos que só havia consenso.

Houve uma mudança política e uma mudança de política econômica. Houve também uma mudança de filosofia. Vejam vocês que falar de estruturalismo em matéria de economia política, suscita para o seu defensor, prontamente, a taxaço de incompetente ou de desinformado. Erigiu-se uma catedral ao monetarismo cujos cultos se vêm celebrando durante todo esse tempo sem que todos os grandes problemas que os seus cultores se propõem, a resolver, tenham sido resolvidos.

Nessa mudança essencial está a primeira explicação para que todo o tratamento tenha mudado. Partir do monetarismo como filosofia e como doutrina, foi o primeiro passo para que se gerassem contradições extraordinárias. Acho que nem a ciência econômica ou a ciência política conseguiram formular uma terceira forma de organização política e econômica, além das duas formas clássicas: a economia

de mercado e a economia de planificação central. Em essência, o mundo está organizado em torno dessas duas formas. O Brasil fez uma opção pela economia de mercado, sendo irrelevante discutir se essa opção é boa ou má. Ela é compatível com o estado de espírito dos monetaristas, mas é curioso observar que o mercado não pôde funcionar. As chamadas livres forças da oferta e da procura foram esquecidas completamente e hoje estamos numa economia capitalista — de mercado — com preços administrados em que nem mesmo as virtudes da economia de mercado puderam ser experimentadas, porque, na realidade, o mercado não funciona.

RN/ECONÔMICO — Como você vê, hoje, a realidade econômica do Nordeste como empresário? Que perspectivas você vê?

*** Precisamos adaptar a atividade econômica à realidade ecológica.**

Geraldo Melo — Nós temos uma tremenda capacidade de complicar as coisas. Veja o problema da seca: é uma manifestação episódica, mas há intervalos que não são muito diferentes uns dos outros, de uma situação climática bastante rigorosa e bastante desfavorável. Uma coisa que é mais ou menos óbvia é que a tremenda vulnerabilidade da região a essa situação tem que decorrer necessariamente do fato de que a economia regional não está propriamente adaptada à ecologia dentro da qual ela funciona.

Por exemplo: se você sabe que o algodão é um produto que em certas partes do mundo chega a ser produzido à razão de 2 mil quilos por hectares e que no RN não se chega a produzir (algodão em rama) 200 quilos, por melhor que seja o algodão está visto que alguma coisa

inibe a produtividade. Então, essa cultura jamais será competitiva, em termos de custo final, com o algodão produzido numa área que disponha de resultados mais favoráveis.

Se você estivesse fazendo por exemplo, mineração, o fato de estarmos ou não em seca, seria irrelevante. Baseado nesses exemplos, eu me atrevo a dizer que não encontramos ainda as fórmulas acertadas — e eu também não tenho a pretensão de tê-las — de tal forma, que adaptemos a atividade econômica à realidade ecológica.

Por outro lado, a gente paga o preço de toda economia subdesenvolvida. Há uma diferença essencial entre o setor industrial e o setor agrícola. No industrial, pode-se pensar em fazer uma usina nuclear, que é um negócio dos mais sofisticados do mundo, da mesma maneira como as sociedades mais desenvolvidas o fariam, desde que se consiga tecnologia. Enfim, em matéria de indústria, desde que você disponha de recursos para compra de equipamentos e escolha o equipamento adequado, você poderá ter, aqui ou no fim do mundo, uma fábrica similar à mais sofisticada que exista. Agora, em matéria de agricultura, isso não existe, porque o avanço tecnológico se processa, sempre, em função de modelos já definidos e típicos às economias mais desenvolvidas, buscando soluções para os seus problemas, adaptáveis às suas necessidades e não para atender ou se ajustar à nossa realidade.

Uma agricultura intensamente mecanizada, por exemplo, não poderia ser aplicada numa região de topografia ondulada em que a camada do cristalino não estaria na superfície, mas na superfície, com uma capa média de solo de apenas 10 centímetros em cima da pedra. Como então, você trabalharia com arado, com grade? Não teria, portanto, uma tecnologia adequada para operar nessa região.

Mas penso que um dia faremos um grande esforço de busca científica e tecnológica para a região do semi-árido, desbravando caminhos apropriados. Temos é que reciclar muita coisa, repensar as polí-

ticas, tornar dinâmico o processo de política do desenvolvimento.

RN/ECONÔMICO — Sua visão, hoje, é a do empresário ou do técnico em desenvolvimento?

Geraldo Melo — Cada dia novo acrescenta uma nova experiência. Entretanto, a tentativa de compatibilizar a estrutura produtiva e a realidade, a base física, já existia. Quase 20, anos se passaram, desde o CED, e muita coisa amadureceu. Mas, basicamente, temos o mesmo pensamento.

RN/ECONÔMICO — Diante dos impasses de política econômica, qual a saída para o Nordeste?

Geraldo Melo — Sem pretender ser dono da verdade, visualizo as seguintes saídas:

1º) precisamos de alguém que repense o Nordeste, pois só através de um diagnóstico verdadeiro, corajoso e atualizado sobre a realidade da região é que poderá sair uma nova política. Sem ele, seria irresponsabilidade pretender soluções;

2º) a gente precisa tomar conhecimento e assumir a realidade de que o Nordeste é superavitário e não deficitário em termos de balança de pagamentos. Se fôssemos um país, seríamos membros da OPEP — exportadores de petróleo;

3º) o mecanismo de transferências de recursos, via comércio exterior — que é uma das causas apontadas desde 1958 como uma das formas de drenagem de recursos do Nordeste para o Centro-Sul — transforma o Nordeste num cativo, quando na realidade ele financia, com sua pobreza, a riqueza do Centro-Sul;

4º) tomar muito cuidado com a afirmação de que o modelo de industrialização é caduco. Não é. Ele não foi eficaz para resolver o problema do excedente de mão-de-obra. Muito bem! A industrialização não resolveu esse problema, mas se justifica mesmo sem ser capaz de absorver o excedente de mão-de-obra.

RN/ECONÔMICO — Por que os técnicos só se preocupam com o

* Até um papagaio pode se tornar um bom economista, se ele souber manejar devidamente as palavras oferta e demanda

setor industrial, desprezando o setor primário?

Geraldo Melo — Esse é um erro brutal. Apenas não devemos aceitar a balela de que, como a industrialização não resolveu o problema da mão-de-obra no Nordeste, o processo deve ser inibido para se pensar apenas em agricultura. Acho que a preocupação deve abranger todos os setores, sem prejuízo de qualquer deles.

Nesse momento, atravessamos dois problemas da maior gravidade: a seca e o tratamento creditício dado ao Nordeste. O Banco do Brasil, só para citar como exemplo, dá o mesmo tratamento ao Nordeste que oferece a São Paulo. O BB não aplica no RN nem mesmo 1% do total de suas aplicações no país. O que representaria negativamente para o combate à inflação, o aumento dessas aplicações? Representa, entretanto, muito mais em termos de sacrifício, a imensa pobreza em que vive o Estado e a própria região. Que sacrifícios maiores se pode pedir a um Estado que tem a maior taxa de mortalidade infantil, o menor nível de renda — que tem frustrada a expectativa de vida, que vive tão perto dos seus limites de resistência?

RN/ECONÔMICO — Quem você nominaria como responsável por esse estado de coisas?

Geraldo Melo — Ninguém. Eu não nominaria pessoas. Ninguém decide sozinho e nenhum de nós pode abdicar da responsabilidade que temos.

RN/ECONÔMICO — Os problemas do Brasil se resolveriam de curto em curto prazo?

Geraldo Melo — Num velho livro de economia tinha uma frase mais ou menos assim: "Até um papagaio pode se tornar um bom economista se ele souber manejar devidamente as palavras oferta e demanda". O que eu acho é que os monetaristas resolveram tirar o dinheiro de circulação na expectativa de que se não há dinheiro e ninguém vende fiado, os preços cairiam tanto quanto a demanda. Acontece que se esse efeito só incidisse sobre o consumo, tudo bem. Ocorre que esse dinheiro é retirado, igualmente, do consumo e da produção.

Inflação é um processo persistente de aumento de preços. Deve haver, portanto, um desequilíbrio entre oferta e demanda. Você tira o dinheiro para a demanda cair, mas a oferta também cai e você tem o mesmo desequilíbrio no outro extremo.

RN/ECONÔMICO — A SUDENE fracassou?

Geraldo Melo — Acho que ela perdeu substância. Foi criada para desempenhar um relevante papel na economia do Nordeste e esse papel lhe foi retirado.

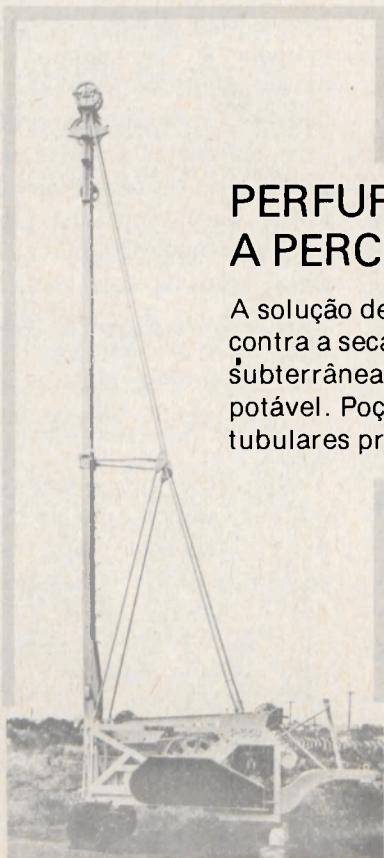
O governo dito revolucionário impôs uma mudança com relação a todas as políticas. O modelo centralizador da planificação e da própria filosofia administrativa, tocou a ação de órgãos periféricos, como a SUDENE, retirando-lhe a capacidade de formular e administrar políticas.

RN/ECONÔMICO — Não está havendo uma inversão na política econômica? Os técnicos devem decidir ou oferecer alternativas para que os políticos devam — eles próprios — decidirem?

Geraldo Melo — Concordo com a segunda formulação. Acho que as decisões devem caber aos políticos. Agora, esse país não poderá prescindir dos seus técnicos. Eles têm propostas a oferecer.

ÁGUA O ANO TODO

(MESMO DURANTE A SECA)



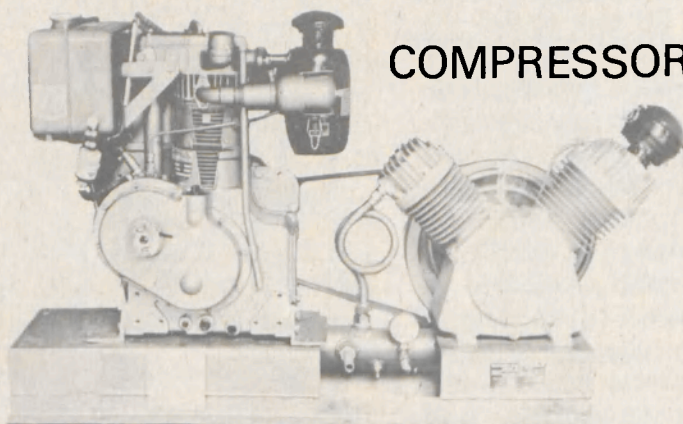
PERFURATRIZ A PERCUSSÃO

A solução definitiva
contra a seca. Água
subterrânea - a fonte
potável. Poços
tubulares profundos.



BOMBAS INJETORAS

Baixo custo
operacional e
simples
manutenção.



COMPRESSORES

Para captação de água em poços
profundos. Uma solução simples,
eficiente e econômica.



MOINHO A VENTO

Uma solução prática e econômica



COBRAZ — MECÂNICA INDUSTRIAL LTDA.

AV. SALGADO FILHO, 2860 — FONES: 231-1549 — 231-2725

TELEX: (0842) 248 — 59.000 — NATAL-RN.

ÁLCOOL

RN PODERÁ SER EXPORTADOR

Em princípio não se acreditava que, a curto prazo, as destilarias do Rio Grande do Norte fossem suficientes, pelo menos, para abastecer de álcool amido o próprio Estado. Entretanto, a meta de abastecimento total do nosso Estado foi alcançada com as primeiras produções e, agora, além de sermos auto-suficientes, para comprovar as boas perspectivas que nos cercam, estamos exportando o produto, abastecendo os Estado do Maranhão e do Piauí. Com a implantação de mais duas destilarias, já autorizadas, brevemente, talvez nos meados do próximo ano, o Rio Grande do Norte seja um dos maiores produtores de álcool do Nordeste.

COMEÇO — O Rio Grande do Norte se incorporou decisivamente à política do Governo, procurando produzir cada vez mais, o álcool necessário à substituição da gasolina. As duas maiores destilarias do Estado, localizadas na Usina Estivas e em Baía Formosa, apesar de novas, estão produzindo dentro do planejado, abastecendo bem o Estado e ainda exportando o produto.

Para um começo, nada mais significativo do que os índices alcançados através de uma produção que vem aumentando em escala elevada nos últimos meses.

A Usina Estivas, no momento, produz em torno de 6 milhões e 800 mil litros (safra 79/80). Entretanto, conforme adianta seu Diretor Murilo Tavares de Melo, *“se as condições de chuvas forem razoáveis, a produção da safra atual alcançará entre 11 e 12 milhões de litros de álcool”*.

A usina de Baía Formosa, segundo dados divulgados, deverá atingir uma produção na atual safra em torno de 43 milhões de litros de álcool.

De uma maneira geral, contando com as unidades já em funcionamento, o nosso Estado já tem uma capacidade de produção em torno de 250 mil litros/dia.

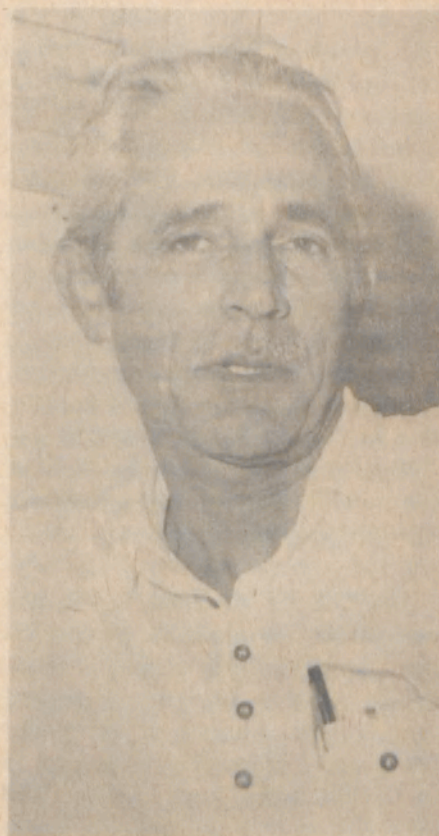
Com a entrada em funcionamento de outras destilarias, prevista para

este ano, o Rio Grande do Norte passará a produzir diariamente, cerca de 550 mil litros de álcool.

AUTO SUFICIÊNCIA — O Estado teve autorização para implantação de mais duas destilarias, com capacidade mínima de 150 mil litros diários, o que significa mais 300 mil litros de álcool por dia, produzido pelas novas destilarias, totalizando assim, em todo o Estado, uma produção/dia de 550 mil litros.

Segundo dados extra-oficiais, o consumo do álcool no Rio Grande do Norte é de cerca de 100 mil litros/dia, e com a nossa produção atual, sobram cerca de 150 mil litros/dia, que são exportados para os Estados do Maranhão e do Piauí. Entrando em funcionamento mais duas destilarias, este ano ainda, teremos condições — mesmo aumentando nosso consumo em 50%, conforme previsão atual — de exportar mais de 350 mil litros/dia, garantindo excelente receitas para nossas usinas e para o Estado.

MINI-USINAS — A idéia do Governo, segundo as autoridades, de evitar o monopólio do álcool, ativa um programa de apoio à implantação de mini-usinas em todo o país, política que, segundo algumas opiniões, seria negativa às grandes usinas; pa-



Murilo Tavares, Diretor da Usina Estivas: *“a produção da safra atual alcançará entre 11 e 12 milhões de litros de álcool”*.



Aníbal Rebello: Mini Usinas trarão capacitação de recursos, desenvolvendo o meio rural e a zona litorânea.

ra outras, teria a finalidade de ajudar pequenos proprietários agrícolas, que não têm condições financeiras de investir no setor.

Na opinião do engenheiro Anibal José Barbalho Pires Rebello, esses projetos para implantação de mini-usinas trarão capacitação de recursos, desenvolvendo o meio rural, e a zona litorânea, pois a partir de 10 hectares de cana já será viável a criação de destilarias pequenas. Ainda na opinião de Anibal Rebello, não existirá influência negativa com relação às usinas, pois estas têm que ser auto-suficientes, com matéria-prima bastante para se manter.

ÁREAS DE PLANTIO — Muitas usinas não têm áreas de plantio suficientes para suprir a suas necessidades. Além do seu próprio plantio, elas também compram de fornecedores a cana, matéria-prima para o seu trabalho. Na Usinas Estivas, por exemplo, o plantio próprio é de 6.500 hectares, enquanto o de seus fornecedores é de 8.000 hectares. A destilaria de Baía Formosa utiliza, em plantio próprio, 11.000 hectares.

Para a safra 80/81, as estimativas prevêem um aumento de novas áreas de plantio de cana: no Rio Grande do Norte, em torno de 40.000 hectares, contando com a entrada em funciona-

mento de mais duas destilarias.

Dependendo da capacidade da destilaria a ser implantada, o investimento é realmente alto, entretanto, com a nova medida adotada pelo Governo a partir de agora, passando a financiar 90% do custeio ao invés dos 80% até então estabelecidos, muitos serão encorajados a se engajar nesse programa governamental.

Na opinião abalizada de quem vive o dia-a-dia do problema do álcool em nosso Estado, Murilo Tavares de Melo, Diretor da Usina Estivas, considera que de um modo geral, pode-se estimar em Cr\$ 4 mil por litro de álcool/dia produzido, o investimento a ser feito para implantação de uma destilaria. Desta forma, uma destilaria com capacidade normal prevista para iniciar sua produção em torno de 120 mil litros de álcool/dia, exigiria um investimento da ordem de Cr\$ 480 milhões.

INCENTIVO À PRODUÇÃO — Ninguém desconhece o grande incentivo que o Governo vem oferecendo à produção do álcool no país. O programa PROÁLCOOL, na opinião de Anibal Rebello, pode não ser uma solução para os problemas vividos pelas nossas usinas, entretanto, é

uma substancial ajuda do Governo para o grande produtor (Usinas) e o pequeno produtor também (Mini-Usinas). Acrescenta ele que ao invés de se implantar simplesmente uma destilaria para produção unicamente do álcool, deveria se implantar logo uma usina, pois existiriam mais opções comerciais, com produção do álcool e também do açúcar.

Uma pergunta que se faz constantemente: *"É mais vantajoso produzir álcool ou açúcar?"*

Para Murilo Tavares, teoricamente, é a mesma coisa, pois, o álcool se encontra em paridade com o açúcar. A divisão da produção álcool/açúcar é benéfica em termos comerciais, pois se conta com duas opções.

Como o Governo está querendo uma super-produção do álcool em todo o país, muitos chegaram a temer uma grande redução na safra açucareira 80/81, o que acarretaria a mudança de problema: ao invés do álcool, a preocupação seria em torno da falta de açúcar.

Isto não acontecerá, pelo menos é o que acredita Murilo Tavares, *"desde que se aproveite o prazo-me-*

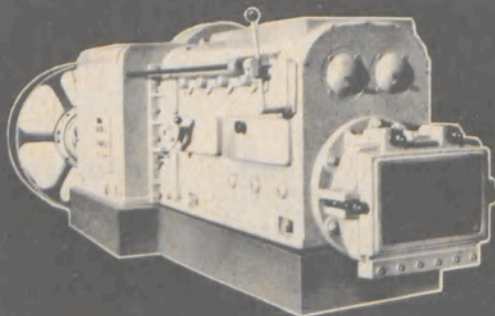
**Faça sua
assinatura
pelo telefone!**

**Basta ligar para 231-1873 ou
231-3576 e solicitar a sua
assinatura de
RN/ECONÔMICO. Você só
tem a lucrar ingressando no
time dos bem informados**

**MÁQUINAS PARA CERÂMICA
M.V.P. 5 Super
MORANDO**

CÉSAR Comércio e Representações Ltda.

RUA DR. BARATA, 209 — CX. POSTAL, 71 — FONES: 222-8490 E 222-8491 — NATAL-RN



EIXOS EM AÇO ESPECIAL
TRATADO

POLIA DE COMANDO COM
FRIÇÃO PNEUMÁTICA

LUBRIFICAÇÃO FORÇADA

TODAS AS PARTES DESGAS-
TÁVEIS SÃO RECAMBIÁVEIS

ta do Governo (1985) para alcançar uma produção de 10,7 bilhões de litros de álcool/ano, e novas áreas venham a ser plantadas para suprir de matéria prima as novas destilarias''.

DISTRIBUIÇÃO — Quando se iniciou a produção através das destilarias do Estado, os produtores temiam, de certa forma, o problema de distribuição do produto destilado, entretanto, o IAA — Instituto do Açúcar e do Alcool, realmente cumpriu o seu papel e através de um esquema de cotas montado, estipulou a entrega que é feita a cada companhia distribuidora do produto em mistura com a gasolina.

Desta forma, sendo tranqüila a distribuição do produto só resta às destilarias produzir cada dia mais para poder aumentar suas cotas e vender mais o seu produto.

Apesar da grande ajuda do Governo para um programa que vem sendo cumprido com prioridade através do PROÁLCOOL, existem ainda os problemas que se apresentam esperando solução.

Anibal Rebello, aponta alguns destes problemas: 1º.) *As áreas para plantação de cana. Devido ao incremento dado pelo Governo à produção do álcool, a especulação imobiliária em torno do preço das terras cultiváveis tomou vulto. Muitos agricultores até preferem vender suas terras, exigindo preços elevadíssimos, criando dificuldades para as usinas; 2º.) O tamanho das áreas de plantio. Para se ter uma idéia, o funcionamento de uma mini-usina com uma produção de 5.000 litros de álcool/dia necessita de 80 toneladas de cana diariamente. Para o cultivo de 80 toneladas de cana é necessário uma área de 350 hectares. Já uma usina que produza normalmente 2 mil sacas de açúcar e 20 mil litros de*

álcool/dia, necessita de cerca de 320 toneladas de cana, que por sua vez exige uma área de cerca de 15.000 hectares para seu plantio.

Outro problema enfocado por Anibal Rebello, é o ecológico, incluindo a "cigarrinha", uma praga de difícil combate, que ataca os canaviais e que para destruí-la se exige muita despesa.

Quanto à baixa produtividade, é motivada pela falta de uma melhor tecnologia no plantio da cana. É necessário que sejam empregadas novas técnicas, como mudas selecionadas, enxertos, etc., já em uso em outros Estados, com amplo sucesso.

Na opinião de Murilo Tavares, todos os problemas são superáveis: "o que falta ainda para maior incentivo à produção do álcool pode ser resumido em duas frases: Reduzir a burocracia, e muito trabalho".

Nós estamos preparados para prestar os melhores serviços de contabilidade e auditoria à sua empresa.



Para isto, formamos uma excelente equipe de técnicos com longa experiência em contabilidade comercial e industrial e em auditoria. Assim, podemos garantir bons serviços aos nossos clientes. Consulte-nos.



AUDIENSE

AUDITORIA E CONTABILIDADE S/C LTDA.

Rua Juvino Barreto, 200

Fone 222-6569 - Natal-RN

Bacharéis Responsáveis:

**FRANCISCO COSME DA SILVA * ALMIR AVELINO DE FREITAS
HERMANY COSTA DA SILVA * AMARILTON VERAS DE SENA**

Para quem tem amor à vista

Chegou o Centro Ótico de Natal.



Natal conta agora com um Centro Ótico ao nível dos melhores do país. Com Loja e Laboratórios modernamente instalados, o Centro Ótico de Natal está aparelhado para fabricar com perfeição todos os tipos de lentes.

Especializado em óculos de grau, o Centro Ótico ainda tem à disposição da clientela o mais variado estoque de armações nacionais e importadas, com os últimos lançamentos da moda em óculos para sol.

CENTRO ÓTICO DE NATAL: UMA QUESTÃO DE BOM GOSTO

Rua Princesa Isabel, 670 - Fone 222-8176 - Natal - RN

ÁLCOOL

RN CONVERTE MOTORES E TEM AUTOSUFICIÊNCIA

Inicialmente, as deficiências do sistema de abastecimento e a incerteza quanto à produção do álcool no Estado, levaram as empresas e particulares a se retraírem na aquisição de veículos com motores "convertidos". Agora, desfeitos as dúvidas o mercado desses veículos já é compatível.

DESEMPENHO — Após a chegada a Natal da primeira frota de carros movidos à álcool, adquirida pela TELERN, a expectativa reinou em torno do desempenho desses veículos. Passaram-se os dias, e o resultado obtido com os novos carros foi excelente, a ponto de encorajar a empresa a mandar converter para álcool, no mês de dezembro, mais 10 carros de sua frota.

Para Francisco Canindé do Nascimento, Chefe da Divisão de Transportes da TELERN, o motor movido a álcool corresponde à expectativa. É bom nas arrancadas, em marcha lenta ou em velocidade. *"Nos carros novos, não existe qualquer problema, mas nos motores convertidos, os serviços de conversão terão que ser feitos por oficina credenciada. As mudanças são simples: pistons, rebaixamento dos cabecotes, revestimento de ferro no coletor de admissão, troca de bobina, adaptação de um sistema de ar quente para o coletor de admissão pois em virtude do álcool ser mais frio é necessário um aquecimento superficial para melhorar a queima do combustível, além de se fazer um avanço na curva do distribuidor"*.

Com relação aos problemas apresentados pelo carro movido à álcool Francisco Canindé, que recentemente fez um curso sobre esses motores, aponta alguns, perfeitamente sanáveis: entupimento do carburador e partida pela manhã com motor frio. No caso de entupimento do carburador, explica Francisco Canindé que,



Jansen Cavalcanti, diretor de Cyro Cavalcanti, diz que até o momento não há reclamações sobre a conversão de motores.

uma manutenção periódica resolve, pois este problema é ocasionado, invariavelmente, pelo combustível, quando mal filtrado. Com relação a partida do carro, pela manhã, com motor ainda frio, afirma Francisco Canindé que no sul do país se tornaria necessário a colocação de gasolina no carburador; *mas, aqui, no nordeste, com a temperatura ambiente alta este problema não ocorre, principalmente porque se usa um sistema de velas frias que possibilitam uma partida rápida, mesmo com o motor ainda não aquecido"*.

Sómente este ano, Natal ganhou sua primeira oficina credenciada pela STI-Secretaria de Tecnologia Industrial do Ministério da Indústria e Comércio. Cyro Cavalcanti, já está realizando a conversão e segundo seu Assistente Executivo, Jansen Cavalcanti, até o momento, nenhuma reclamação foi feita com relação ao desempenho dos carros de motor convertido para álcool *o que é bom sinal, principalmente quando vários carros de praça já estão rodando com seus motores convertidos, com absoluto êxito e sem apresentarem nenhum problema*, argumenta o executivo da empresa.

ECONOMIA — Embora pareça paradoxal sendo o consumo do álcool 25% maior que o da gasolina, a economia, em termos globais, em favor dos carros movidos à álcool, gira em torno de 65%.

Josoniel Fonseca da Silva, Chefe do Departamento de Serviços Gerais da TELERN tem dados que comprovam o fato: *Nos cálculos feitos nos seis primeiros meses de atuação dos 20 carros movidos à álcool da empresa houve uma redução de gasto de gasolina na ordem de 20 mil litros significando dizer que aos preços de momento, a empresa teve uma redução de despesas na ordem de Cr\$ 600 mil"*.

Depois disso, a TELERN partiu para aumentar sua frota de veículos à álcool, substituindo os 4 carros utilizados pela Diretoria, por novos carros à álcool. Segundo Josoniel Fonseca, é pretensão da TELERN, alcançar em curto espaço de tempo, um total de 80% dos carros de sua frota (no momento composta de 76 carros) consumindo álcool como combustível. Afirma Josoniel Fonseca que *"a inexistência de postos de abastecimento à álcool no interior, vêm entravando uma maior utilização desses veículos, mas logo que o Estado adquira uma infra estrutura capaz de sanar esse problema, o aumento de veículos à álcool será em torno de 50% a curto prazo"*.

Divanilton Varela, Diretor Administrativo da CAERN, empresa que recentemente adquiriu uma frota de 10 carros movidos à álcool, afirma



Francisco Canindé do Nascimento, da Divisão de Transportes da TELERN, diz que desempenho dos carros movidos à álcool é bom.



Na TELERN, segundo Josoniel Silva, houve uma redução de gasto de gasolina, na ordem de 20 mil litros.

também que apesar de gastar um pouco mais de combustível (o carro pequeno faz em média 7 a 8 quilômetros com um litro de álcool) a diferença em termos financeiros é compensadora, principalmente em se tratando de economizar gasolina, cuja meta é considerada prioritária pelo Governo.

CONVERSÃO — Até o ano passado, os carros das companhias de economia mista do Estado foram convertidos em retíficas de Campina Grande e João Pessoa, uma vez que não existia ainda autorização para nenhuma retífica de Natal proceder a conversão do motor à gasolina para álcool. Mas a partir de maio passado foi autorizada a primeira retífica a executar esse tipo de serviço em Natal: Cyro Cavalcanti, que segundo informe do assistente executivo da firma, Jansen Cavalcanti, vem sendo muito procurada para serviços de conversão, não só por parte de proprietários de taxis, mas de carros particulares também.

As despesas para conversão, não são previamente fixadas, pois

depende do estado de conservação do motor a ser convertido, entretanto, os serviços de retífica geralmente correspondem a 10% do valor do carro usado.

Com relação à compra de carros novos movidos à álcool, os preços atuais, oscilam de 10 a 15% a mais do que os movidos à gasolina, entretanto, para os proprietários dos carros à álcool, com a diferença de preço do álcool para a gasolina, em curto prazo esta diferença estará totalmente compensada.

ABASTECIMENTO — Mesmo com a existência de apenas dois postos de venda do álcool hidratado para uso nos veículos próprios, o abastecimento dos veículos em circulação é tranquilo. As limitações existentes ficam por conta do CNP-Conselho Nacional do Petróleo, que fixa as cotas para as empresas utilizarem, estabelecidas em função de estudos realizados pelas próprias empresas consumidoras do produto.

A média diária de fornecimento de álcool em Natal no momento,

PEPSI-COLA, BRAHMA,
BANCO DO BRASIL, UFRN,
SPERB DO NORDESTE,
ALPARGATAS, BANCO ITAÚ,
DUCAL PALACE, ALCANORTE,
BANDERN, A SERTANEJA,
UNIVERSIDADE DE SERGIPE,
MORADA RIOMAR,
FIAÇÃO MOCÓ

Os construtores destas grandes empresas tiveram a feliz idéia de preferir esquadrias de alumínio da ÚNICA MENTAL.

Faça como eles: valorize seu investimento preferindo também a melhor qualidade e o mais fino acabamento.



ÚNICA METAL
INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.



F. BEZERRIL
IMÓVEIS

CRECI 163 - 17ª. REGIÃO

PROJETOS,
ADMINISTRAÇÃO,
LOTEAMENTOS,
COMPRA E VENDA DE
IMÓVEIS EM GERAL

Rua do Saneamento, 232 - Ribeira
(Ladeira de Marpas, por trás do Riomar)
Fones: (084) 222-3004, 222-0200, 222-7957
Telex: (084) 2279 — Natal-RN

ORGANIZAÇÕES
FERNANDO BEZERRIL

é de 2 a 3 mil litros. Ladislau Galvão Pereira, proprietário do Posto localizado na Avenida Prudente de Moraes, com a Alberto Maranhão afirma que o movimento vem subindo a cada dia. No começo do ano seu posto fornecia em média 900 litros de álcool por dia, abastecendo cerca de 60 veículos, sendo que o reservatório destinado ao álcool e de 15 mil litros, suficiente para abastecimento de cerca de 375 veículos, levando-se em conta que cada veículo tem em média capacidade de abastecimento de 40 litros.

Afirma também Ladislau Galvão que, de momento, o abastecimento na cidade, para os carros movidos à álcool é suficiente, podendo ser duplicada a frota atual existente que ainda assim não existirá maiores dificuldades. O que precisa, afirma ele, é *autorização para instalação de postos no interior, como apoio à frota já existente.*

Uma reclamação que vem sendo feita por parte dos consumidores, diz respeito a uma possível falta do produto, entretanto, isto ocorreu apenas 3 vezes durante os seis últimos meses, assim mesmo, por descuido da Petrobrás, no transporte do álcool das destilarias de Baía Formosa e Estivas até Natal.

A verdade é que o álcool não falta pois o nosso Estado com as destilarias atualmente em atividade já é auto-suficiente e até exporta para outros estados. Com a instalação prevista ainda para este ano de mais duas destilarias, por muitos anos estaremos seguros quanto ao abastecimento com álcool, em todo o Rio Grande do Norte.

PROCURA — Uma visita às revendas da Cidade constata que cresce dia a dia a procura de informações sobre os carros movidos à álcool e os pedidos já estão sendo feitos. É evidente que a média ainda é baixa com relação aos pedidos diretos de carros novos à álcool. O preço é mais elevado e a incerteza, para alguns, da validade do investimento, tem sido motivo de entrave para compras em maior escala, entretanto,



Divanilton Varela, diretor administrativo da CAERN: a diferença, em termos financeiros, é compensadora.



Ladislau Galvão, proprietário de um posto de álcool: o abastecimento é suficiente para a frota atual. Pode até ser duplicada a frota ...

com a utilização cada vez maior de carros movidos à álcool, por parte de empresas não só do Governo, mas de economia mista e particulares, tem motivado, os particulares para aquisição destes veículos. Nos últimos meses a procura teve seu índice elevado de 1,5 para 3,2%, uma porcentagem muito boa, levando-se em consideração também que as fábricas

ainda não intensificaram a fabricação desses veículos movidos à álcool.

Pelas estimativas, dentro de mais dois anos, principalmente se forem mantidas as condições favoráveis de abastecimento do produto em nosso Estado, alcançaremos talvez um índice recorde de carros movidos à álcool rodando em nossas ruas e estradas.

comunique-se com o grupo executivo **GTE**



816
1 tronco — 6 ramais



829
2 troncos — 10 ramais



849
4 troncos — *10 ramais



860
6 troncos — 30 ramais

* (extensíveis a 20)

CESAR Comércio e Representações Ltda.

RUA DR. BARATA, 209 — CX. POSTAL, 71 — FONES: 222-8490 E 222-8491 — NATAL-RN.

VALE DO CEARÁ MIRIM INTEGRADA AO PROALCOOL

Até o final do ano, o preço do litro da gasolina deverá chegar a Cr\$ 52,00, enquanto o do álcool carburante situar-se-à em torno dos Cr\$ 20,00. O governo, na medida em que incentiva a produção da cana-de-açúcar e do álcool, na mesma proporção desestimula o consumo do petróleo, como fonte propulsora de energia. Com base nesses fatos, a Companhia Açucareira Vale do Ceará Mirim articula-se com a programação oficial em dois níveis: conta com uma área plantada de 3.500 hectares de cana-de-açúcar e com uma Destilaria modernamente instalada, onde a automatização é o carro-chefe das atividades. Só para essa safra prevê-se uma produção de 15 milhões de litros do produto carburante.

Implantada desde a década de 30 no vale úmido do rio Ceará-Mirim, a Companhia iniciou a produção de álcool anidro no início da safra passada, como moagem experimental. Na época, a produção foi de apenas 2 milhões e 300 mil litros do produto. Agora, integrando-se às metas federais, com o Proalcool, a Empresa, para essa safra — espera produzir 15 milhões de litros de álcool, além de 550 mil sacas de açúcar. São 3.500 hectares plantados de cana, onde 75% dessa área (aproximadamente 2.800 hectares) estão em produção.

ÁLCOOL — Fonte alternativa de energia das mais viáveis, de uns tempos para cá vem tomando posição de destaque em diversos segmentos da economia do país, além de configurar interesses sociais e políticos.

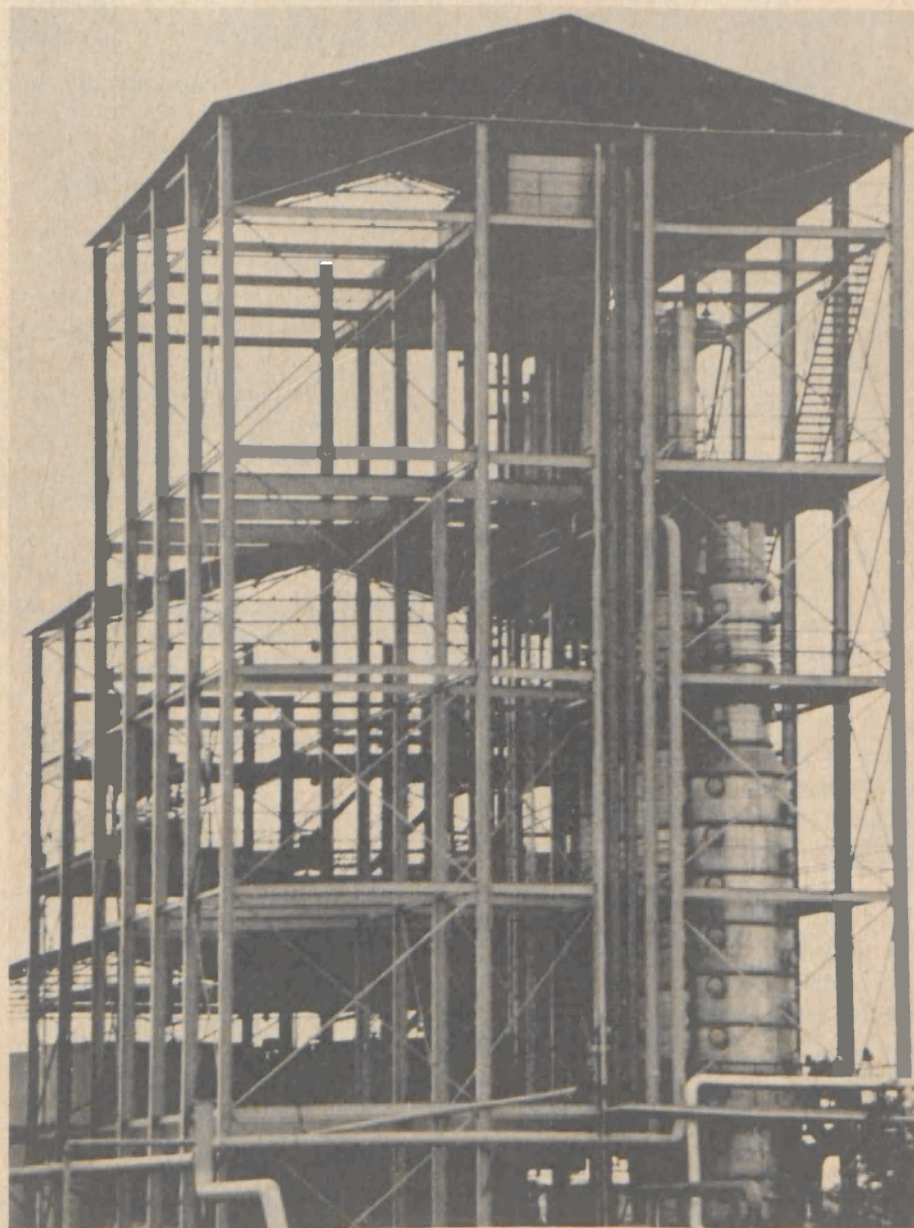
O cordão umbelical que liga o álcool à economia do País deve-se ao fato desse produto representar uma alternativa com amplas possibilidades de libertar a nação do peso da importação do petróleo, como se sabe, em extinção.

Os interesses sociais estão estreitamente ligados aos políticos. A produção intensiva do álcool implicará na plantação da cana-de-açúcar que, em consequência, representará a fixação do homem do campo à terra. Enfim, o álcool é uma fórmula garantida da geração de empregos; de impostos (gera imposto, desde a ativi-

dade primária), além de proporcionar a economia de divisas.

É verdade que o Brasil montou seu desenvolvimento, segundo a produção do petróleo. Mas, o “ouro negro” está se extinguindo. E agora? Para o bem de todos e felicidade geral da nação, o Brasil é um País de dimensões continentais, peculiaridade essa perfeitamente adaptável à exploração da cana-de-açúcar. Resta tão somente a expansão das nossas Destilarias, sem contar que o Rio Grande do Norte já é auto-suficiente na produção de álcool.

MAIORES DESTILARIAS — Parece paradoxal que o Brasil precise



Destilaria: Colunas de destilação

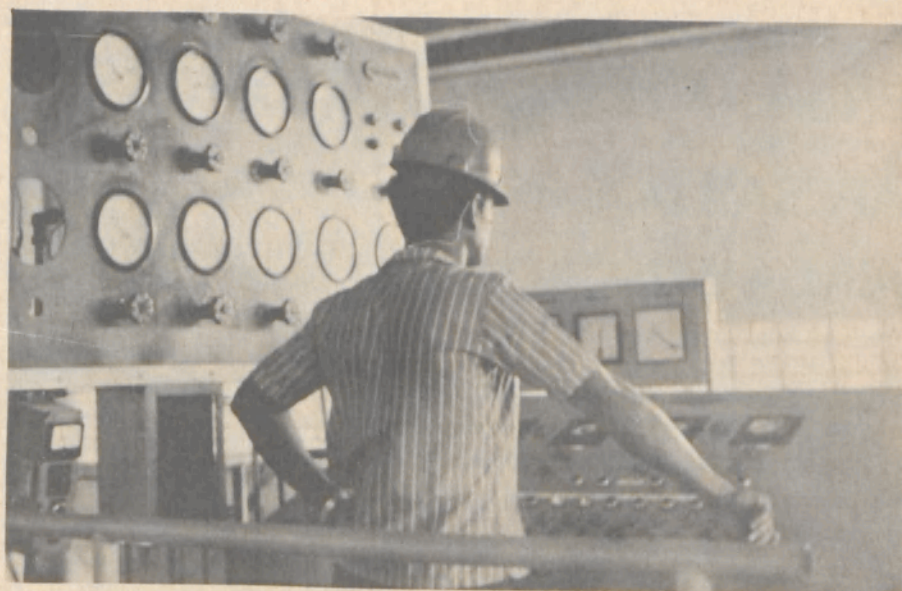
expandir suas Destilarias, possuindo as maiores do mundo. Como exemplo, as maiores Destilarias existentes noutros Países não chegam a fabricar por dia além de 60 mil litros de álcool, quando somente a Companhia Vale do Ceará Mirim produz diariamente 90 mil litros do produto. Essa produção está na dependência de 170 mil toneladas de cana-de-açúcar plantadas pela empresa e 280 mil provenientes de fornecedores. Na fabricação do álcool são produzidos também, com a utilização do bagaço da cana, 3 mil K.V.A. de energia elétrica e 2.300 H.P de energia mecânica.

O processo de fabricação do álcool na Destilaria obedece basicamente duas etapas: fermentação e destilação.

Trocando-se em mútuos, quer dizer que a matéria prima (a cana) passa pelo esmagamento, dando o chamado *caldo-de-cana*, rico em glicose, sacarose, levulose e outros. Segue-se então a fermentação do líquido dentro de "tanques" chamados "fermentadores", onde o caldo serve de matéria prima para síntese do Etanol (álcool etílico). Essa síntese é verificada graças à ação de bactérias (leveduras) que transformam os açúcares do caldo em álcool.

A segunda etapa é a destilação. Aí trata-se de se separar o álcool produzido pelas leveduras dos demais componentes do caldo de cana. Essa operação verifica-se dentro de aparelhos denominados "colunas de destilação", onde o álcool sai sob forma de vapor e logo após é condensado. Da destilação sobra, entre outros, o "vinhoto", resíduo industrial poluente.

PRÓS E CONTRAS — A produção do álcool para produção energética em carros já é uma realidade. Hoje a visão do grande público diante do assunto consiste basicamente na viabilidade econômica — ser o álcool mais barato que a gasolina — na hora de optar pela compra de um carro à álcool. Mas, os resguardadores da natureza vão mais além, apresentando acusações ao novo sistema quanto à poluição que poderá causar, no meio ambiente. Essa po-



A automatização é o carro-chefe na empresa



Descarga de cana: a ponte rolante

luição tem como responsável o "vinhoto", um resíduo industrial resultante do álcool.

O "vinhoto", na realidade é uma substância altamente poluente, principalmente se lançada n'água, onde existam espécies viventes. Mas, conforme argumenta o Diretor Técnico da Usina, Engenheiro Luiz Fernando de Melo, a tecnologia está aí com francas possibilidades de tornar inerte esse "grande fantasma", reaproveitando-o como adubo. *O vinhoto nos dias de hoje não constitui mais grandes problemas*, e sim encarado como um sub-produto do processo", concluiu.

ANÁLISE — Demos o primeiro

passo ao fazer com que um motor Ciclo Otto, com ligeiras adaptações, fosse movido à álcool carburante. Mas, com o decorrer dos tempos será desenvolvido, certamente, um motor específico para álcool, da mesma forma que a bomba injetora e "a alma" do motor Diesel. Com a corrida dessa fonte alternativa de energia, ao que tudo indica o projeto não tardará. Nesse dia, faltarão poucos degraus para pisarmos no ápice da torre, visto que os carros funcionarão sem problemas (com o motor específico), garantindo assim ao seu proprietário mais quilômetros rodados por litro de gasolina, tomando-se por base ter o álcool a mesma octanagem da gasolina utilizada em aviões.

ENERGIA EÓLICA

APESAR DOS PROBLEMAS

AINDA É OPÇÃO PARA O INTERIOR

O programa de aproveitamento de energia Eólica, como fonte energética alternativa, inspirado no modelo dinamarquês "Gleser", foi estudado pela primeira vez em 1977, pelo Centro Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos. Os resultados apontaram sua utilização para aproveitamento de potência de até 20 KW. Tal modelo, adaptado às condições de velocidade de ventos das regiões serranas e litorâneas do Estado, poderá substituir a energia convencional ao mesmo tempo que, pela sua simplicidade, qualquer proprietário rural terá condições de comprar sua unidade geradora. A COSERN, pretende com ela resolver o suprimento de cidades longínquas, sem problemas de perda de capacidade de amperagem.

A iniciativa de implantação desse sistema energético no RN, partiu da COSERN em associação com a ELETROBRÁS, que em esforço conjunto realizaram as primeiras experiências, investindo ambas cerca de Cr\$ 1 milhão. Coube à primeira, o encargo de implantação e execução de obras de engenharia civil. No ano seguinte, os municípios beneficiados com a nova fonte de energia foram os de Galinhos, no RN, Alcântara, no Maranhão, o território de Fernando de Noronha e Serra de Martins, no RN.

A primeira experiência não obteve o sucesso esperado. Problemas de ordem mecânica, impediram um resultado satisfatório.

O diretor do planejamento da COSERN, Darlan Nóbrega, assegura que apesar dos defeitos apresentados, o projeto não será posto de lado: "os técnicos do CTA, estão fazendo pesquisas de materiais e novas adaptações ao modelo original, uma vez que os materiais utilizados no catavento (princípio gerador da energia eólica) não foram suficientemente resistentes para suportar as



O diretor de Planejamento da COSERN, Darlan Nóbrega, assegura que o projeto não será abandonado — apesar dos defeitos.

oscilações e velocidades dos ventos nordestinos, sobrados nas hélices a 18 metros de altura".

EXPERIÊNCIA POSITIVA — Pelos custos baixos e pela finalidade a

que se destina, que é a de atender localidades distantes das subestações da COSERN, onde a energia elétrica para chegar lá necessita um esforço operacional que redundará em altos custos por parte da Companhia, é que esta resolveu partir para a implantação de cataventos nos municípios de Galinhos e Serra de Martins. Mesmo verificando insucessos nestas primeiras tentativas, propõe a COSERN, uma nova experiência, desta feita com mais segurança pois os aerogeradores estão sendo revistos e o projeto reestudado pelos técnicos do CTA. A repesquisa, segundo Darlan, tem a chancela da Barreira do Inferno, que para isso, já conta em seu campo de lançamento de foguetes, com dois cataventos. No momento a Barreira não está estudando nada a esse respeito, aguardando pronunciamento do CTA sobre algumas conclusões e a vinda a Natal de equipe especializada, para definições mais concretas. Sabe-se que os estudos de readaptação estão sendo desenvolvidos no CTA, em São José dos Campos, segundo tecnologia alemã.

Não se sabe porém, a razão da demora na pesquisa, quando os primeiros testes datam de outubro de 1978. De lá para cá as pesquisas não mostraram nenhuma novidade, pois o que vem sendo feito está sob a guarda do CTA que certamente só liberará as modificações feitas no modelo, depois de encontrada a fórmula final.

CARVÃO VEGETAL SUBSTITUI

— Tendo em vista a prioridade do assunto, o governo do Estado e a COSERN partiram para outra alternativa com o carvão vegetal. Para isso foram utilizadas as mesmas instalações físicas construídas para colocação dos cataventos. Em Galinhos, por exemplo, já foi instalado uma geração de energia à base de carvão vegetal, pelo processo de gaseificação, com um rendimento de cerca de 100 KVA, para suprir a população das 15:30 às 23 horas.

A energia, a partir da gaseificação gerada e alimentada pelo carvão vegetal, consta de depósito de carvão, matéria-prima de fácil aquisição.

ção, e de um motor de veículo Dodge acoplado a um gerado. Para instalação dessa opção energética a COSERN gastou cerca de Cr\$ 500 mil em abril deste ano. É uma nova experiência cujo rendimento não satisfaz tanto quanto a eólica. Para se conseguir uma 1 KW precisa-se gastar 1 Kg de carvão. A cidade de Caicó também usa esse mesmo engenho nas localidades vizinhas. Nesta experiência já ficou constatado o pouco rendimento e as muitas limitações, entre as quais redução de horário de utilização para a cidade. Portanto tal processo está sendo utilizado em caráter emergencial.

DÚVIDAS E PROBLEMAS — Em função do desenvolvimento do protótipo dinamarquês, surgiram diversas dúvidas, entre elas, problemas aerodinâmicos e mecânicos, conforme diz a engenheira Fátima Cortez, da COSERN, que desde o início vem estudando e acompanhando os resultados das pesquisas: "o desenvolvimento elétrico só será definitivo se todo o restante do projeto funcionar perfeitamente". Segundo ainda Fátima, para o melhor estudo do sistema de energia Eólica, foi desenvolvido um outro catavento de potência menor e características diferentes. O catavento de eixo horizontal móvel, apresentou uma montagem mais simples e uma melhor resposta do sistema elétrico, com relação o primeiro protótipo desenvolvido.

Este, diz ainda Fátima, é o cata-



Fátima Cortez, engenheira da COSERN, informa que as pesquisas continuam.

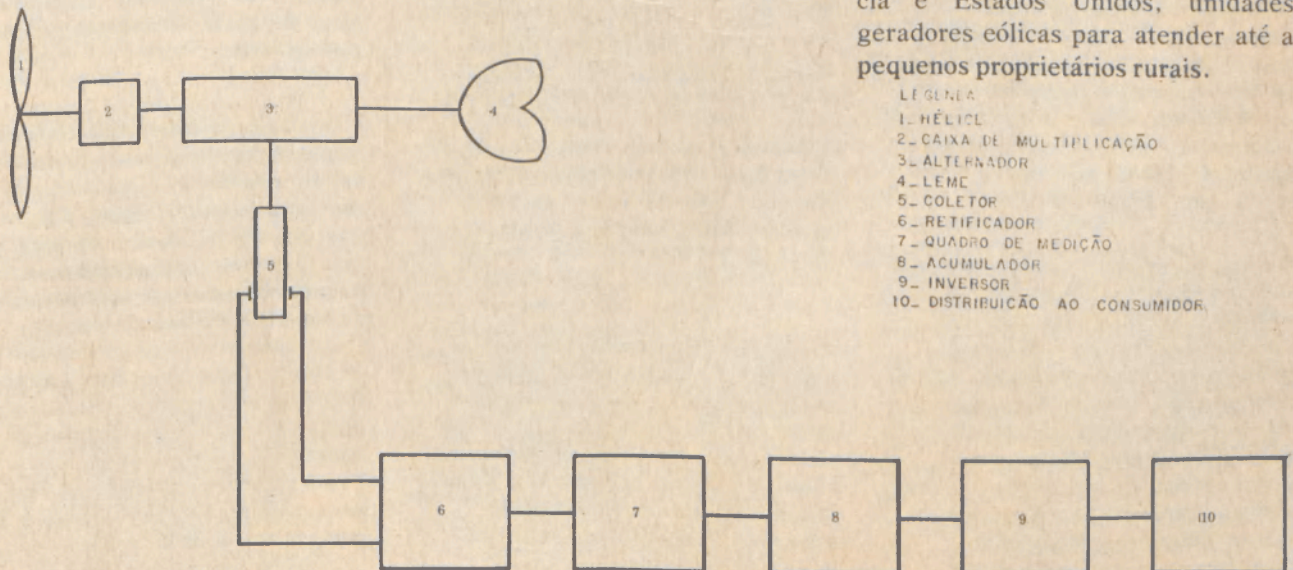
vento de 4,8 KW e foi desenvolvido no CTA — S.P. para uma velocidade média de 8 metros por segundo que nos mostra grande evolução da pesquisa.

RETRATO DE UMA UNIDADE EÓLICA — O catavento é o princípio que tem como fonte geradora o ar. A hélice (parte aerodinâmica) compõe-se de três pás, modelo misto, e é construída totalmente no CTA para as quais foram escolhidas vários tipos de materiais: madeira sólida, madeira laminada, alumínio e fibra de vidro. Próximo à hélice está acoplado o sistema de freio aerodinâmico, obtido pela força centrífuga que permite seu funcionamento no limite a uma grande velocidade do vento.

Depois da hélice, vem a caixa de multiplicação que é um interfase, entre o conjunto aerodinâmico e o alternador com uma relação que varia de 1/7. Diz Fátima que isso significa que uma rotação na hélice correspondente a 7 rotações no eixo do alternador. Em seguida compõe ainda o sistema vem o alternador, que é o mesmo usado em vagão de estrada de ferro. Para sua adaptação ao catavento foram necessárias algumas modificações elétricas e mecânicas com a finalidade de acoplar a caixa de multiplicação à cauda. Um outro segmento compõe-se de um coletor, que permite a transferência de energia do alternador para os pontos fixos quando em movimento. Um outro elemento é o retificador-regulador, que tem por finalidade o equilíbrio de corrente gerada. Fica instalado na sala juntamente com os quadros de medição e controle. As baterias utilizadas como acumuladores, dispostas em séries, são as comuns de automóveis. Finalmente, a corrente do conjunto de baterias é fornecido de forma alternada, convencional, para a distribuição com os usuários na frequência de 60 Hz. (Veja gráfico)

Conclui Darlan Nóbrega, que o sistema é vantajoso não só pelo seu custo operacional, total, bastante baixo como pelas suas conveniências de ser usadas nos locais, com muita facilidade, seja em propriedades e fazendas rurais de qualquer porte. Tentaremos implantar no Estado, assim como é feito na Suécia e Estados Unidos, unidades geradores eólicas para atender até a pequenos proprietários rurais.

- LEGENDA
1. HÉLICE
 2. CAIXA DE MULTIPLICAÇÃO
 3. ALTERNADOR
 4. LEMC
 5. COLETOR
 6. RETIFICADOR
 7. QUADRO DE MEDIÇÃO
 8. ACUMULADOR
 9. INVERSOR
 10. DISTRIBUIÇÃO AO CONSUMIDOR



A entresafra política no RN

• De novo, no ar, nem os aviões de carreira. Chega-se a essa conclusão, depois da notícia de que o RN não será mais "Portão de Entrada" para os vãos internacionais. Motivo: falta de condições aeroportuárias e demais engrenagens da infraestrutura turística. Quer dizer que apesar do laborioso trabalho da EMPROTUR, Natal fica na berlinda. E a Via Costeira, não está com nada? Deve ser isso — os técnicos devem ter considerado que a Via Costeira é apenas uma via costeira, nada mais ...

• Mas, quando pensamos na frase do Barão de Itararé, imaginamos mesmo a política local. Nada de novo. Constatamos, com redobrado desânimo, que o sadio exercício da política vai se transformando apenas em afirmação de pontos-de-vista pessoais. A chamada "causa pública" é coisa do passado — quando os políticos tinham de prestar contas ao povo, na boca das urnas.

O "Tarcisismo" não vingou — e até — murchou. Também, seria inconcebível, em plena marcha democrática, uma automeada liderança, sem liderados e sem votos — representando apenas uma nova oligarquia — às vésperas de um confronto com as urnas que se prenuncia como o mais disputado desde 1960. Falta tudo aos situacionistas, mas carecem principalmente de aglutinação. É uma familiazinha desunida. *Muy amigos*, diria Jô Soares ...

• Em consequência, o PDS, principal quartel do situacionismo nacional, tende a naufragar no RN. Não é difícil antecipar esse resultado, uma vez que o barco político navega à deriva, sem comandantes de longo curso e sem marinheiros, pelas águas revoltas da insatisfação popular. Incompetência, é o que dizem os analistas quando tentam explicar os desacertos do grupo palaciano. A competência a que nos referimos é a política, embora não excluamos a incapacidade administrativa.

• Ousamos criar uma nova expressão para explicar o impasse: *síndrome do taciqismo*. O PDS só tem "caciques" — ou aspirantes ao mando — cada qual cioso do seu posto e do seu mando. Não vê o ex-governador Tarcisio Maia, impondo o nome do herdeiro dinástico, o aspirante a general Zé Agripino? Nesse intento, ameaça rachar alianças, perder eleições, o diabo ... contanto que o filho dispute o governo. Repete-se o velho chavão absolutista: *après moi, le diluge...*

Mas, cadê os "índios"? Onde estão os votos?

Essa conduta, segundo as mais realistas análises, é politicamente irresponsável, se considerarmos que acima das preferências pessoais dos "caciques", está em jogo a sobrevivência de um sistema que se fina de véspera. É só conferir: o clima do Palácio Potengi é o de fim de governo. O da Tribuna do Norte e Rádio Cabugi — para estabelecer comparações — é de euforia, renovada a cada incursão das *bandeiras populares*.

• Que o PP vai em frente, todo mundo sabe. O que pouca gente sabe é que o governo federal abençoa essa escalada. "Vai em frente, meu filho, ou a oposição acaba conosco" — dizem esperançosos os estrategistas do Planalto.

O PP, meus caros leitores, nasceu da cartola de Mandrake, como salvação do sistema político dominante. Sabe não, gente boa? Então conheça a estorinha que corre à boca pequena nos corredores do Poder Central.

• Segundo os resultados de uma análise da conjuntura político-social brasileira, encomendada pelos gênios do Planalto, o PMDB sairia vitorioso nas eleições diretas. Os analistas consideraram a inflação, o custo de vida, os desacertos político-administrativos como os maiores eleitores da oposição. Conclusão: o sistema se desintegraria. E qual a solução para tão delicada situação? Só uma: dividir a oposição em tantos blocos quantos fossem necessários, agrupando tendências "confiáveis". Por esse critério, os "radicais" ficariam mesmo no PMDB; agora, aqueles que coonestassem o governo fariam o jogo oposicionista só de mentirinha ... com as bençãos do Alvorada. Nessa jogada embarcou Ivete Vargas (com o PTB) e, principalmente; o inefável Magalhães Pinto, o articulador Tales Ramalho, o mineiríssimo Tancredo Neves e o udenista Herbert Levy. Os quatro últimos, num parto laborioso, deram à luz o PP.

• O Partido Popular não é popular coisa nenhuma. E muito menos da oposição. Reúne banqueiros, interesses afinados com o sistema, e faz a chamada *oposição invertida*, aquela que não fede nem cheira, mas, antes pelo contrário, sequer arranha a couraça do situacionismo. Uma maneira que os divergentes de determinadas políticas federais —

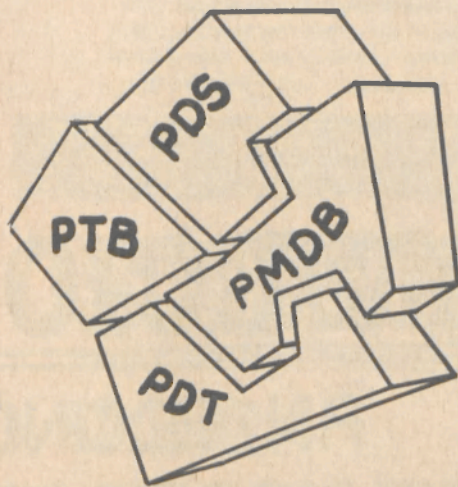


contrárias aos seus interesses — encontraram para barganhar seus pleitos. Mas não se iludam! Na hora H, estão juntinhos do governo, naturalmente com uma boa fatia de vantagens.

• A coisa é tão clara que, no âmbito do Planalto, a dúvida vigente é a seguinte: deixa-se para depois de 1982 o alinhamento com o governo ou se levanta a lebre agora mesmo, unindo oficialmente os combativos "oposicionistas"?

• Dai porque, para os coordenadores políticos federais, a situação política do RN não chega a preocupar. De uma forma ou de outra o sistema se manterá ileso. Eis o porque da confiança e despreocupação de Aluizio Alves quanto à sua posição. Dai porque os Rosados não foram *intimidados* a se agrupar no combilado PDS, além de terem homologado sua aliança com os Alves.

• Repetimos: o Governador Lavoisier Maia está feito cego no meio de tiroteio. No âmbito administrativo, não há coordenação de programas e políticas de governo. Não há sequer um programa que valorize a ação governamental. Só para sentir-se o drama, todos os projetos da super-secretaria da Indústria e Comércio se revelaram um desastre total — desde o Distrito Industrial á Riometal. A equipe de secretários, acéfala, procura dividir as sobras de um banquete de apenas dois anos de governo, à base do "você vai para a assembléia que eu vou para a Câmara Federal". Outros já lutam pelas sinecuras do Tribunal de Contas. Sem contar com as ciumeiras e o



individualismo. Ninguém trabalha no mesmo sentido, na mesma direção. Espirito público, nem falar.

- No plano político é que a coisa racha. Os Rosados partiram para outra. Aluizio vai levando "no peito" o propósito de retomar o Potengi. Dinarte não confia mais no Tarcisismo. A conclusão é a de que LM, TM e o príncipe herdeiro, formam uma dinastia solitária e sem perspectivas de continuismo. A não ser que se recomponham, a partir da desistência do nome Zé Agripino para governador, não acreditamos em salvação do esquema.

- Há os que advogam uma aliança transpartidária, depois de pacificado o PDS. Isto é, com a adesão de Dinarte Mariz, Djalma Marinho, o Reitor Diógenes da Cunha Lima, a manutenção da atual bancada federal e estadual, poder-se-ia pensar numa aliança com o PMDB, agora liderado pelo ex-candidato a Senador Radir Pereira, reunindo Carlos Alberto, Agenor Maria e Odilon Coutinho. Depois, seria a vez de políticos "no limbo" — o ex-governador Cortez Pereira, o ex-deputado Ney Lopes, e o líder empresarial Fernando Bezerra, entre outros. A questão da sucessão ficaria em aberto, mas o trabalho de mobilização popular ganharia intensidade, até para anular o crescimento da onda Aluizista.

- Aliás, novidade mesmo, traz a nova pesquisa do Gallup divulgada pelos jornais. Fica o dito por não dito: LM não é o mais impopular dos governadores brasileiros, ao contrário, é o segundo governante mais popular do país. Não discutimos a rapidez com que a população mudou de opinião. Afinal a opinião

pública é tão caprichosa ... Mas, causa espanto o porquê da reviravolta. Será que de repente tocou fundo no coração do povo norterriograndense a injustiça que cometeram contra o governador? Porque, fatos concretos mesmo, não existem, de tal sorte que possam justificar uma reconsideração.

- Há boatos segundo os quais LM não faria a digestão do primo Zé Agripino. Engole sem mastigar, imbuído apenas pelo espírito missionário que lhe foi confiado pelo primo Tarcísio. Acima das divergências, a dinastia. Mas o governador transparece para os mais íntimos, o desconforto da situação criada pelo Prefeito, na sua obsessiva missão de chegar ao Potengi. Segundo as más línguas, Zé Agripino pretenderia inverter a ordem na hierarquia: o governo estadual é que estaria a serviço da Prefeitura de Natal.

- Outro tópico que preocupa o governador é o vazamento de informações do seu gabinete. LM já ameaçou alguns secretários e até declarou publicamente que aceitaría qualquer exoneração se lhe fosse solicitada. É incrível, mas em nada menos que dois minutos, qualquer informação *reservada* chega ao conhecimento dos desafetos políticos de LM, para o que lhes aprouver.

- E a mudança do secretariado: Que tal pensar em competência para os escalões técnicos e em política para as áreas mais generalizadas? Fato é que o desgaste sofrido pela administração LM atingiu todas as cabeças, do governador aos secretários. Apesar da reconhecida habilidade e aptidão de alguns secretários, o remanejamento pretendido provaria apenas que determinado auxiliar não deu certo em seu posto de origem. Será que acertaria em outra área, onde estaria menos vocacionado que aquela que supostamente teria sido a melhor opção?

- A imagem do governo é de imobilismo, de inoperância e acefalia. Para convencer a opinião pública, sensibilizar o eleitorado dos seus propósitos de acerto, seria necessário uma revisão em toda linha. A deflagração de uma série de impactos de longo alcance político-administrativo. Uma reviravolta total, algo assim como um giro de 180 graus. *Primeiro*, LM deveria governar, *de fato* - segurar o leme do barco e guiá-lo até 1982. Naturalmente, bem assessorado, delegando atribuições e auxiliares competentes. *Segundo*, reformular as políticas do seu governo, que já se iniciou como herdeiro de

programas fracassados. Trabalhar à base do exequível, com forte dose de realismo. Não alinhar políticas incompatíveis entre si, do ponto de vista econômico, desconcentrando os poucos recursos disponíveis. Afinal, quais as grandes metas econômicas do governo LM? Pelo pouco que se conhece, Turismo (que se concentrou na implantação da Via Costeira e da construção de hotéis no interior, empreendidos ao acaso, sem nenhum estudo de viabilidade, sem tecnologia para serviços, sem um projeto de intenções — *flutuantes*) e um polo Mineralógico — no caso a RIOMETAL, de saudosa memória. O Distrito Industrial vem tendo o mesmo tratamento causuista. Afora esses, o assistencialismo digestivo das *Emergências*. *Terceiro*, "abrir" mais o processo decisório que se desenvolve intra muros, para receber a adesão da comunidade norterriograndense. Consenso só poderá existir através dos debates, das consultas. Do exame comum. O governo não é "Cosa nostra". Apesar do processo indireto, supõe-se que o governador seja mandatário da comunidade e ele será tão ou menos forte e representativo, na medida em que representa, pelo menos, a média das opiniões. E o tal do *sensu comum*. *Quarto*, administrar a política. E administrar a política é organizá-la, coordená-la, controlá-la, otimizar seus resultados — utilizando um chavão tecnocrata. E não esfacelá-la. Um dos clássicos da ciência da administração dizia que organizar era criar um lugar para cada coisa e colocar cada coisa no seu lugar. Onde o esforço criativo do grupo palaciano para abrir espaços políticos?

- A propósito de administrar a política, houve uma época em que a aliança Maia/Aluizio seria capaz de eleger o sucessor. Mas TM/LM não abriam mão de Zé Agripino. Depois, houve a possibilidade de composição com os Rosados e o Dinartismo, mas TM/LM não abriam mão do PDS. Agora, há uma luz no fim do túnel: a aglutinação das chamadas forças anti-aluizistas, a troca de uma abertura no governo e da *questão aberta* da sucessão. Já houve até uma tentativa de reaproximação do "Dinartismo" — trazendo a reboque o Reitor Diógenes da Cunha Lima — e do empresariado (FIERN) através de um consenso em torno da Secretaria de Indústria e Comércio. Mas o governo preferiu tratar o assunto com frieza deixando que o episódio se esvasiasse. A ser assim parece que os Maias estão querendo mesmo é servir aos propósitos dos adversários, a construir ponte para a própria sobrevivência. E, pois o dilúvio virá — depois do governo.



Service
Service
Service

Servibrás

Empresa Brasileira de Serviços Eletrônicos Ltda.
(Oficina padrão Philips)

Assistência técnica em TV a cores e preto e branco, eletrofonos, rádios, auto-rádios e vendas exclusivas de peças originais Philips

Rua Ulisses Caldas, 274

Tel. 222-4053 222-3281

NATAL - (RN)



Loja
PARAIBANA
Ltda.

EQUIPAMENTOS
ESPORTIVOS

Rua Dr. Barata, 197 - Tel. 222-3467
— Ribeira —
NATAL - RN

LAËTE GASPAR COMERCIAL LTDA.

(Assistência autorizada "CONSUL")

- Instalações
- Manutenção Preventiva
- Consertos

- peças, acessórios e equipamentos p/ refrigeração em geral e ar condicionado
- motores elétricos e capacitores
- polias e correias V
- tubos de cobre e conexões de latão
- material elétrico

O Grau Certo em Ar Condicionado
Rua Dr. Barata, 202/4 — Tel.: 222-2817
NATAL - RN

COMERCIO

RN/ECONÔM OS MELHORES END



EQUIPAMENTOS DE SOM E
INSTRUMENTOS MUSICAIS.
DISCOS E FITAS

Av. Rio Branco, 621 - Centro
NATAL-RN

R. GAL. OSÓRIO
ED. 23 DE OUTUBRO - LOJA 02
FILIAL
GALERIA DO ED. BARÃO DO RIO BRANCO - LOJA 7
FONE: 222-5832 - NATAL-RN



LIVRARIA E
PAPELARIA

MATRIZ:
Rua Dr. Barata, 216 - Tel. 222-2203
Ribeira
FILIAL - 1
Centro Comercial "Aluizio Bezerra"
Tel. 222-3994
FILIAL - 2
Rua Amaro Barreto, 1272
Tel. 223-1548

NATAL - RN



Fotoacabamento a cores pelo
Laboratório



Reportagens em geral.
Fotografias aéreas e Industrial

Jaeci Emerenciano Galvão

RUA JOÃO PESSOA, 224 - TELS. 222-4257
222-2859 — NATAL-RN



RODO-FORTE
REPRESENTAÇÕES E TRANSPORTES MORTESUL LTDA.

Transportes em geral, mudanças, veículos, encomendas etc...



UNIMOS O
BRASIL DE
NORTE A SUL

Matriz: Rua Ferreira Chaves, 95/98
(Sede Própria)
Tels.: 222-4080 — 222-2894 — 222-2351
59.000 — Natal — Rio Grande do Norte

Filial: São Paulo - Rua Soldado Dionísio Chagas, 8
(Sede Própria) Parque Novo Mundo
Tel. 295-4235
Rio de Janeiro - Rua Otranto, 930 - Vigário
Geral (Sede Própria) Tel. 391-7561



• Viagens Personalizadas, Nacionais e Internacionais.

Rua João Pessoa, 291 Edf. Sisal - Loja 4
Tel: 222-2974



AGROMÁQUINAS

IRRIGAÇÃO INDUSTRIAL E COMERCIAL LTDA.

Rua Presidente Bandeira, 853 - Alecrim

Tel. 223-1028 Telex 0842364 - AGIR

Natal - RN

Sementes, Produtos Veterinários, Vacinações, Assistência veterinária, moto-bomba, arames, adubos químicos, implementos agrícolas, moto-forrageiras, material agrícola, herbicidas, fungicidas, inseticidas. Irrigação: por inundação e aspersão.

Fazemos todo e qualquer tipo de irrigação
O NORDESTE PRECISA PROGREDIR



Casa das Cortinas

.. o bom gosto ao alcance de todos

Confecções de todos os tipos de cortinas para escritório ou residência, além de reformas e lavagens. Completo sortimento de tapetes e carpetes

Av. Alexandrino de Alencar, 859

Tel. 223-2962 223-4948

Natal - Rio Grande do Norte

SERVICO

ICO INDICA EREÇOS DE NATAL

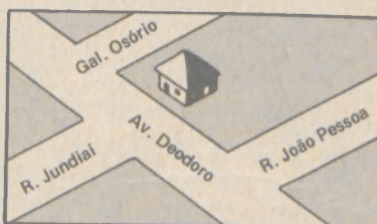
MOLAS ZITO COM.
LTDA.



Molas, Feixe de Molas
e Acessórios

ESPECIALIZAÇÃO EM
Reforço para Caminhões

Av. Prudente de Moraes, 1471 Tel.: 223-1565
NAT/L-RN.



Localizado no centro da cidade
para atender suas exigências

ARNON IMÓVEIS

Av. Deodoro, 696-A - Tels. 222-5929 - 222-5158
(Diretoria) 222-0551

COTILDA

CONSÓRCIO TÉCNO-INDUSTRIAL LTDA.



Esquadrias,
madeiras e
móveis
em geral

— O menor prazo de entrega —

Av. Rio Branco, 261 — Teleg. COTILDA
Tel.: 222-1625 — Natal-RN

AUTO LOCADORA **DUDU**

Alugue um carro novo
com ou sem motorista.

Av. Rio Branco, 420 — Centro
Fones: 222-4144, 222-0501, 223-1106
AEROPORTO INTERNACIONAL
AUGUSTO SEVERO
NATAL-RN



Comércio e Representações Ltda.



Requinte e bom gosto em artes,
decorações e presentes.

Seu quadro é confeccionado
em 24 horas

Av. Prudente de Moraes, 623
Tel.: 222-7482 - Natal-RN

TECNOMAQ



CONSERTO E
MANUTENÇÃO
DE MÁQUINAS
DE ESCRITÓRIO
EM GERAL

M. Arismilton de Moraes

Rua Dr. Barata, 195 — Tel. 222-2147
Ribeira — Natal-RN

Resende

REVENDEDOR
EXCLUSIVO AR
CONDICIONADO
"CONSUL"



Rua Dr. Barata, 187 — Av. Rio Branco, 608
Tel: 222-4363 Tel: 222-2908



Serviços, Peças e
Acessórios para
Automóveis
Ltda.

SERVIAR

Vendas e assistência mecânica.

Escapamentos com
colocação gratuita

Av. Sen. Salgado Filho, 1799
Tel. 231-3307 - Natal-RN

PESQUISA

OS PROJETOS DO PROFESSOR NICANOR

NICANOR DE AZEVEDO MAIA é o principal pesquisador, no âmbito do RN, de fontes alternativas de energia combustível. Nesta matéria ele expõe três de seus projetos: o motor de ciclo fechado acionado por energia solar, o motor de combustão interna movido à álcool ou gás pobre, e o rotor eólico.

As pesquisas em torno de alternativas energéticas para combustível, no estado, se encontram momentaneamente paralizadas devido a uma ligeira indisposição física do professor Nicanor de Azevedo Maia, que se encontra acometido de alergia nas mãos. Mas, tão logo o professor se sinta em condições, serão retomados os cursos das pesquisas. Aliada a este pequeno problema está a relativa falta de recursos técnicos e financeiros para complementação de aparelhagem necessárias ao perfeito desenvolvimento do trabalho. Nicanor de Azevedo Maia é o principal responsável no Estado, por pesquisas desenvolvidas no sentido de viabilizar fontes alternativas para a substituição da gasolina como combustível.

Desenvolve atualmente, três projetos: — Motor de ciclo fechado acionado por energia solar ou outra fonte de energia; — Motor de combustão interna de cabeçote móvel; — Rotor eólico com duplo sistema para transformação de energia.

Todos esses projetos já foram patenteados pelo professor Nicanor.

A experiência que se mostrou mais viável para a exploração econômica, segundo o professor Nicanor, "foi de início, a do Hidrogênio".

"A nossa intenção inicial — afirma o professor — é provar a viabilidade técnica do processo — academicamente. O custo calculado do projeto do Hidrogênio em 1976, se revela aproximadamente, 30% mais caro



Nicanor Maia aguarda liberação de verbas para continuar as pesquisas.

que a gasolina. Já em fins de 1976 para meados de 1977, com um novo produto que nós criamos na UFRN, todo de matéria-prima regional, é que o processo passou a ser técnica e economicamente viável. Com o desenvolvimento da pesquisa do Hidrogênio, passamos a analisar os processos de pirólise, radiólise, e aplicar o ultrassom com o efeito magnetostriativo, de autoria dos físicos ingleses, Joulie e Thompson".

Continua o professor; "Todos os projetos foram analisados pelo FINEP e várias comissões do Ministério das Minas e Energias tem comparecido aqui. Algumas comissões

de engenheiros e técnicos do Ministério dos Transportes também têm comparecido. Todos os técnicos, tanto nas explanações teóricas quanto nas análises práticas não apresentaram qualquer restrição aos projetos. O Instituto de Pesquisas Rodoviárias do Rio de Janeiro foi autorizado a subsidiar as pesquisas e já foi enviado um técnico para tratar da parte financeira e burocrática deste acordo. Mas, estes são problemas que não me interessam muito, não entendo dessas coisas que envolvem dinheiro e papéis".

"Só estamos aguardando que sejam liberadas as verbas para realmente tratarmos das pesquisas e aquisição das aparelhagens necessárias, assim como de meios técnicos que o trabalho exige e não dispomos no momento".

ÁLCOOL E HIDROGÊNIO — Nicanor Maia completa seu raciocínio: "Baseado no magnífico trabalho do Dr. Ernesto Lopes da Fonseca, que trabalhava na Estação Experimental do Rio de Janeiro, (depois transformada no Instituto Nacional de Tecnologia) que desenvolveu um estudo sobre o álcool e sua aplicação em motores — onde se hidrata o álcool até 50% pelo processo de pirólise e decomposição em presença d'água com catalizadores próprios e uma mistura álcool: água obtendo hidrogênio e monóxido de carbono, utilizando no motor como carburante, é o que eu venho fazendo em exaustivas pesquisas. O Dr. Ernesto Lopes fez este trabalho na década de 20, e pouca gente sabe. Ao invés disto ficam elogiando estrangeiros. O fato é que ele fez testes trafegando entre o Rio e São Paulo, tranquilamente, utilizando este motor, que utilizava o álcool somente para a produção do Hidrogênio, responsável pela propulsão do veículo. Esta experiência era perfeitíssima para a época, pois não se exigia grandes velocidades para os carros, mas de qualquer maneira ela mostrava a viabilidade do processo técnica

e economicamente, que ainda tinha uma vantagem: Não jogava material poluente na atmosfera".

"O que eu penso, continua o professor, é aproveitar da melhor forma possível este material técnico e bibliográfico, que é o trabalho do Dr. Ernesto Lopes, e substituir o álcool por outra matéria-prima... o metano, por exemplo".

Perguntado sobre os resultados dos testes, o professor Nicanor respondeu que "os testes práticos sempre apresentaram resultados satisfatórios, se bem que acusando necessidade de aperfeiçoamento dos componentes e de materiais imprescindíveis para uma boa elaboração das pesquisas. Houve uma substituição do antigo processo químico utilizado, pelos já citados processos de pirólise, radiólise, etc...".

OS PROJETOS — O Motor de ciclo fechado acionado por energia solar ou outra fonte de energia, tem como vantagens: o uso de fontes alternativas de energia disponíveis no Brasil, rendimento térmico mais elevado do que os motores convencionais, consumo reduzido de combustível, nacionalização total e simplicidade de execução além do curto prazo de aplicação. É um motor de combustão externa em que o fluido em evolução interna, realiza um ciclo termodinâmico fechado — sem contato com o meio ambiente — produzindo trabalho. A fonte quente, representada pelo cabeçote do motor, fornece calor ao fluido de trabalho confinado internamente, utilizando energia oriunda do sol (heliotérmica) por intermédio de refletores e concentradores solares, ou energia termoquímica decorrente de reações de substâncias passíveis de combinação com o desprendimento de calor, notadamente nas oxi-reduções exotermicamente vantajosas. Assim, a energia advém de matéria prima renovável (lenha, carvão, álcool, gás metano obtido de detritos orgânicos, acetileno conseguido pela reação de água com carbeto de cálcio, hidrogênio, etc) ou pela apli-

cação direta de concentração dos raios solares sobre o cabeçote do motor. Esta energia heliotérmica quando obtida com coletores parabólicos pode ser conduzida à fonte quente por meio do vetor energético-hidrogênio confinado em tubulação própria termicamente isolada. Desta forma, a potência térmica solar aplicável atende às exigências energéticas do motor. A fonte fria constitui-se de uma sequência de processos termodinâmicos produzidos em expansores, trocadores de calor e regenerador térmico, que condicionado ao fluido de trabalho o regresso ao seu estado inicial de evolução térmica.

O projeto visa objetivos no sentido de utilização de fontes energéticas alternativas, para produção do trabalho útil necessário às indústrias de geração elétrica ou mecânica aplicáveis em acionamento de máquinas ou equipamentos agrícolas, automotivos ou estacionários (tratores, veículos, máquinas operatrizes, compressores, geradores elétricos, etc) em substituição aos motores endotérmicos convencionais que utilizam fonte térmica quente o calor de combustão de derivados de petróleo, com baixo rendimento térmico (teoricamente 24%, na prática 15,8%), enquanto o ciclo fechado com regenerador de calor, utilizado neste projeto atinge o rendimento de 45%, já comprovado com aplicação do ciclo padrão de Stirling.

Orçamento preliminar de custo para produção de um exemplar monocilíndrico de 10 HP:

Carcaça do motor	Cr\$ 5.000,00
Cabeçote	Cr\$ 2.000,00
Pistão e anel de vedação	Cr\$ 2.100,00
Biela	Cr\$ 500,00
Eixo manivela com sistema de lubrificação forçada	Cr\$ 4.000,00
Dutos de exaustão e admissão	Cr\$ 1.200,00
Sistemas de esfriamento do fluido de trabalho	Cr\$ 5.200,00
Mão de obra	Cr\$ 12.000,00
TOTAL	Cr\$ 32.000,00

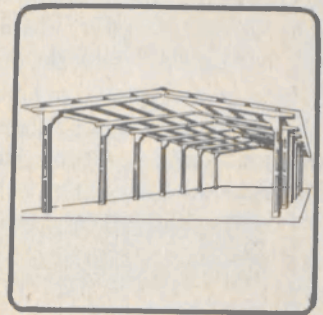
Estima-se um prazo de execução de 120 dias.

O Motor de combustão interna de cabeçote móvel e suas principais vantagens:

CILNORTE

Lajes e pré-moldados em geral.

Galpões industriais podem ser construídos com pré-moldados de cimento da CILNORTE, proporcionando grande economia de tempo e dinheiro.



Com Lajes Pré-moldadas da CILNORTE tudo fica mais fácil para a sua construção, e com garantia de segurança absoluta.



As cercas construídas com as estacas CILNORTE duram toda a vida.



CILNORTE

Indústria e Comércio Ltda.

Fábrica - BR 304 - Km. 16 — Macaíba - RN.

Esc. - Rua Apodi, 154 - C. Alta — Natal-RN.

Fones: 222-0989 e 222-8124

Uso de fontes de alternativas energéticas disponíveis no Brasil; Baixo consumo de combustível; Alternativa de uso da combustão externa; Rendimento térmico elevado; Um monocilindro produz o mesmo efeito que um motor convencional, a 4 tempos, de 4 cilindros; Taxa de compressão regulável; funciona com o uso de qualquer combustível; Tem aplicação industrial generalizada; Simplicidade de execução e manutenção; Tem condições de fabricar seu próprio combustível e tem total nacionalização. Além de todas estas vantagens adicionadas, ainda apresenta um efeito quadruplo de um motor convencional de 4 tempos, encerra menor peso por unidade de potência que aquele e contribui para minorar a poluição atmosférica nas grandes cidades e centros industriais.

Trata-se de um motor de cabeçote móvel, de curso regulável possibilitando ajuste na taxa de compressão adequada à combustão interna de qualquer combustíveis líquidos ou gasosos, tornando-se passível do uso do álcool, gás pobre, metano, hidrogênio, acetileno, etc. Uma simples alteração no cabeçote móvel, constituída de substituição das aletas de refrigeração, por um depósito com substância boa condutora de calor (hidrogênio, por exemplo), transforma-o em um motor de combustão externa condicionado ao uso de combustíveis sólidos, (lenha, carvão, etc), líquidos, (álcool anidro ou hidrato, metanol, essências vegetais, etc) ou gasosas (gás d'água, hidrogênio, gás metano, etc.) ou operação direta de energia solar captada por coletores próprios que aquecem a substância do depósito do cabeçote móvel. Neste caso a substância que evolue não é composta de ar e gases da combustão, mas um outro gás específico, executando um ciclo termodinâmico reversível fechado, que flui no motor internamente e após a exaustão, sofre transformações em um expansor, um trocador de calor e outro expansor para, em seguida, ser admitido no motor pelo duto.

Este projeto, visa um sucedâneo que utilize carburante de fontes não

convencionais de energia, preste-se ao uso de quaisquer carburantes oriundos de fontes energéticas alternativas e possa, com vantagens, substituir os motores atualmente em uso que utilizem derivados de petróleo. A participação no processo de desenvolvimento sócio-econômico devido ao emprego de um substituto para o petróleo, contribuindo para minorar a evasão de divisas, aliado ao desenvolvimento de uma tecnologia própria em termos de uma política voltada para as necessidades e peculiaridades regionais com bases no potencial que representam os recursos humanos e naturais do Brasil, reveste-se de importância inestimável para todo o sistema político-econômico nacional.

O emprego do hidrogênio como carburante não poluente a que se presta este Motor, repetimos, representa uma solução para minorar os efeitos da poluição atmosférica nas grandes cidades e centros industriais.

O custo total do motor está por volta de Cr\$ 50.200,00 e estima-se a execução de um exemplar, após obtenção dos recursos necessários, em 180 dias. O índice de nacionalização é total, em virtude dos componentes serem executados por firmas brasileiras com matéria-prima nacional.

O Rotor eólico com duplo sistema para transformação de energia, consta basicamente de um rotor dotado de um sistema central, subordinado ao conjunto giratório, e um sistema periférico, subordinado às suas pás, relativamente independentes, composto de um eixo torçor, uma manivela que recebe, por intermédio das hastes radiais, o momento torçor, um coletor de ar comprimido, compressores e telescópios, ajustadores de ângulos de inclinação das pás com relação às hastes. Estas pás articuladas nos eixos, são as peças fundamentais do invento, construindo-se na conversora de energia eólica em energia mecânica que se transforma em energia potencial sob forma de ar comprimido, através dos compressores e armazenando-o no reservatório. O Rotor é destinado à captação de energia cinética de-

corrente do deslocamento de massas de ar atmosférico, sua transformação em energia potencial sob forma de pressão, armazenamento desta em reservatório de ar comprimido para posterior utilização, regularizando o emprego da energia eólica, garantindo desta maneira a continuidade de seu uso.

A transformação de energia cinética eólica em energia potencial sob a modalidade de pressão, armazenando-a para utilização imediata ou posterior à ocorrência dos ventos, a simplicidade na execução e a fácil manutenção do equipamento, foram as metas buscadas e atingidas neste projeto, com o objetivo de propiciar ao homem do campo a confecção e reparo de equipamento finalisticamente destinado ao suprimento de energia às suas necessidades. É aleatório o movimento das massas de ar, quer em intensidade, quer em direção e sentido. A ocorrência dos ventos que condicionam operabilidade plena do motor eólico em uso, é de 46,8% anualmente, incluso as com vento de velocidade acima da máxima (8m/s), com o não aproveitamento destes excedentes. É de salientar-se, também, o desperdício nos períodos de pouca ou nenhuma utilização da maquinaria de trabalho útil.

O Rotor goza das vantagens de funcionar em baixa rotação, ter elevado torque, independe da direção e sentido do vento, ser de fácil construção, requerer mínima manutenção, poder facilmente ser aumentada a potência, visto esta depender unicamente da área da pá e permitir a utilização da energia em qualquer instante que seja necessária, substituindo, com vantagens, os motores convencionais empregados na indústria agro-pecuária, dentre outras. É destinado ao emprego de fonte energética alternativa em substituição à obtida com o uso dos derivados do petróleo, abrangendo área geográfica litorânea e interiorana do Brasil.

O rotor custa um total de Cr\$ 145.000,00, é construído com equipamento totalmente brasileiro e o prazo de execução fica em torno dos 180 dias.

O GUARDIÃO DA ECONOMIA POTIGUAR!

GALVÃO MESQUITA

FERRAGENS S/A.

SUPERMERCADO DA CONSTRUÇÃO

FERRAGENS EM GERAL: MATERIAL HIDRÁULICO • PISOS • AZULEJOS • LOUÇAS METAIS ETC. TINTAS • PRODUTOS BRASILIT • ARTIGOS PARA INDÚSTRIAS BRONZE • ALUMÍNIO • COBRE • TECHNYL • CABOS DE AÇO • FERRO • BARRAS E CANTONEIRAS • CHAPAS (DISTRIBUIDOR DA SIDERÚRGICA NACIONAL) FERRAMENTAS MECANICAS E ELÉTRICAS, REBOLOS E CAXETAS.

MATRIZ: DR. BARATA, 217 - TELS: * 222.2968 - 222.2962 - 222.2819

FILIAIS: SEGUNDO WANDERLEY, 651 - TELS: 222.2850 - 222-4145

MÁRIO NEGÓCIO, 1451 - TELS: 222.2149 - 223-1161

(FUNDADAS EM 1932 — UMA TRADIÇÃO QUE SE MODERNIZA)



CASA LUX S.A.

ILUMINA E EMBELEZA O SEU LAR

MATERIAIS ELÉTRICOS • RESIDENCIAL

E INDUSTRIAL REPRESENTANTE SIEMENS

• TELEMECANIQUE LUSTRES • PLAFONS

• PENDENTES • ARANDELAS E LUMINÁRIAS EM GERAL • ARTIGOS PARA PRESENTES TINTAS, ETC.

MATRIZ: AV. DR. BARATA, 200 — TEL: * 222.2785

FILIAIS: JOÃO PESSOA, 163 - TELS: 222.2841

222.3034

AMARO BARRETO, 1276 TEL: 222.1500

- NATAL-RN



BIOGÁS

A UFRN PESQUISA ALTERNATIVAS

O Instituto de Biologia Marinha da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a SUDENE, iniciaram um projeto de pesquisa no litoral do RN, sobre as potencialidades das algas marinhas como fonte energética alternativa. A alga marinha é uma matéria-prima de grande importância na obtenção de metano a partir da produção de biogás, que é um gás não tóxico, mas em ambientes herméticamente fechados, pode ser asfixiante. As pesquisas continuam sendo feitas no sentido de localização de bancos que ofereçam melhores resultados econômicos na produção de biogás. Participam da pesquisa: técnicos da Sudepe, da Sudene e o professor Clementino Câmara Neto do IBM da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com área de atuação, a princípio, na praia de Pirangi.

POTENCIALIDADES — Já está comprovada em boa parte do mundo, as potencialidades das algas marinhas. No próprio Rio Grande do Norte já existiu uma indústria dedicada à exploração das algas (a ALGIMAR) que permaneceu por pouco tempo no mercado, para em seguida ser desativada. A utilização de algas na produção de biogás tem possibilidade de grande aproveitamento econômico. Assim, a Macro Energética Ltda., de Recife pretende viabilizar a sua utilização em seus digestores como matéria-prima renovável, e pretende também proporcionar às regiões litorâneas de baixo poder aquisitivo, a possibilidade de utilização desta fonte energética não convencional.

A Sudene afirma que algumas empresas exploradoras de algas marinhas foram instaladas na Região Nordeste, visando apenas a exploração e exportação do produto, seco-prensado. Diante das possibilidades de utilização de biogás em alta escala, principalmente nas áreas de baixo poder aquisitivo, o projeto assume aspectos peculiares. Contudo, já confirmada a viabilidade econômica

da exploração das algas marinhas, não só como produto seco-prensado mas principalmente em seu aspecto energético, não se explica como a Sudene não estimulou de imediato a produção industrial da matéria-prima já reconhecida como economicamente viável.

PROJETOS — O professor Fernando Nóbrega, do Centro de Tecnologia da UFRN, fala sobre um projeto existente na área universitária para pesquisa do biogás.

“Temos, no Centro de Tecnologia, uma pesquisa de biogás para obtenção de metano, combustível que pode substituir o gás butano e que também pode ser utilizado em motores de combustão interna. Este gás é obtido através de um digestor, que é um aparelho herméticamente fechado possibilitando o processo de fermentação da biomassa na ausência de oxigênio. A matéria-prima é obtida em resíduos orgânicos da agricultura e pecuária e principalmente de algas marinhas”.

O projeto tem como finalidade, a utilização do metano em fogões domésticos, lâmpadas a gás, motores

estacionários e não-estacionários. O gás obtido pelos digestores contém certas impurezas que para serem eliminadas, requerem um novo projeto — o que está sendo feito através de negociações com a UNIDO, órgão ligado a UNESCO. Este projeto visa purificar o gás para um aproveitamento mais amplo, principalmente em motores de combustão interna. O biogás é um gás obtido diretamente do digestor. Depois da purificação é que se obtém o metano propriamente dito. Ele pode ser utilizado, também, como combustível, mas com um rendimento bem menor que o rendimento alcançado pelo metano purificado. O metano será a princípio engarrafado em recipientes apropriados e só depois direcionado às suas aplicações práticas.

O uso dos digestores é previsto, principalmente, para agricultores e pescadores além de pessoas residentes em localidades carentes de energia. O estado através do IDEC está fornecendo dois digestores de 8m³ que serão utilizados nos testes finais para utilização do metano. Os resultados têm se mostrado bastante satisfatórios, principalmente na utilização de materiais como: esterco, algas marinhas e capim. Vale salientar que o projeto não só obtém o metano, como também um fertilizante enriquecido em nitrogênio”. A equipe responsável pelo projeto é formada por dois professores alemães, com doutoramento: Richard Bizans (coordenador) e Alexander Weser, um professor brasileiro: Fernando Nóbrega (vice-coordenador) e um professor do Ceilão: Rasiah Sivam. O projeto é subsidiado pela UFRN através do FUNPEC.

O professor Nicanor Azevedo, fala de seu Digestor Anaeróbio de carga e descarga contínuas:

“O metano já é conhecido de longas datas. Alexandre, o Magno, rei da Macedônia, no ano 333 a.c., notara na Ásia Menor, por ele conquistada, fontes de gás natural, que do século XVIII em diante ficou conhecido pela denominação “gás do pântano”, “gás combustível” ou “gás metano”.

Metano, também denominado for-nenna, componente principal das

emanações gasosas naturais das regiões petrolíferas, formado nos pântanos pela decomposição da celulose devido à fermentação, é encontrado nas minas de carvão ou obtido por vários processos físico-químico. Sua descoberta científica data de 1788 pelo físico italiano Alessandro Volta. No final do século XVIII, o engenheiro francês, Filipe Lebon (1799), inventou a iluminação a gás. E no início do século XIX criou aparelhos de aquecimento, iniciando-se assim a era do combustível gasoso. No século XIX, Edwin Drake, norte americano, descobre petróleo na Pensilvânia. Pela destilação fracionada deste produto, dentre outros carburantes, foi obtida a gasolina, que por não ter uso e ser considerada altamente perigosa era destruída(!) No primeiro decênio do século XX, iniciou-se a ascensão desde "perigoso" derivado do petróleo de baixíssimo valor, com seu emprego nos motores em substituição do gás, impondo-se definitivamente durante a I grande guerra mundial.

Na atualidade opera-se a seguinte situação: A matéria-prima ameaça extinguir-se e as reservas conhecidas são superestimadas, tornando o produto economicamente perigoso. Fatos que impõem-se a busca de carburantes oriundos de fontes renováveis, justificando a volta do emprego do gás, notadamente o metano".

O DIGESTOR — O digestor compõe-se de um conjunto de elementos representados por cilindros e recipientes, interligados por tubulações, registros e bombas hidráulicas, de modo tal e sob tais controles, que permite que o aproveitamento da biomassa consequente de produtos orgânicos rurais ou domésticos sejam processados em fluxo contínuo entre todos os elementos, garantindo um volume de circulação em fluxo único desde admissão num triturador e tanque receptor, até a saída final depois da filtração e purificação dos detritos finais, com aproveitamento do gás metano resultante de tratamento anaeróbico da biomassa admitida. Como é conhecido, a biomassa, constituída por algas, ester-

cos, isto é, detritos vegetais ou animais, o lixo urbano e o esgoto, etc., representa a matéria-prima para a produção do metano, amônia e muitas outras substâncias, incluindo-se diversos fertilizantes.

A bioconversão é um processo em que detritos orgânicos são, na ausência do ar, fermentados no interior de um depósito hermeticamente fechado, a que denominamos "digestor".

DIGESTOR — Orçamento para a produção de um exemplar com capacidade para 12 m³:

Material	Unidade	Quantidade	Valor Cr\$
Brita	m3	0,750	400,00
Arcia	m3	2,000	500,00
Cimento (saco de 50Kg)	um	30	4.500,00
Tijolo	mil	4	4.000,00
Tubos PVC	metro	30	1.200,00
Registros e torneiras	uma	10	5.000,00
Chapa de ferro preto	uma	10	5.000,00
Cantoneiras e vergalhões de ferro	Quilo	60	1.800,00
Tinta	Galão	6	1.200,00
Mão-de-obra			20.000,00
		TOTAL	43.600,00

BOMBAS SUBMERSAS

**PARA FAZENDAS, INDÚSTRIAS
E RESIDÊNCIAS**

com CYRO CAVALCANTI



**ÁGUA
DE ONDE
ESTIVER
PARA ONDE
VOCÊ
QUISER**

- VENDAS
- INSTALAÇÃO
- PERFURAÇÃO
- ASSISTÊNCIA

CYRO CAVALCANTI
Av. Duque de Caxias, 170 - Fone 222.7072, 222.2234
Ribeira Natal



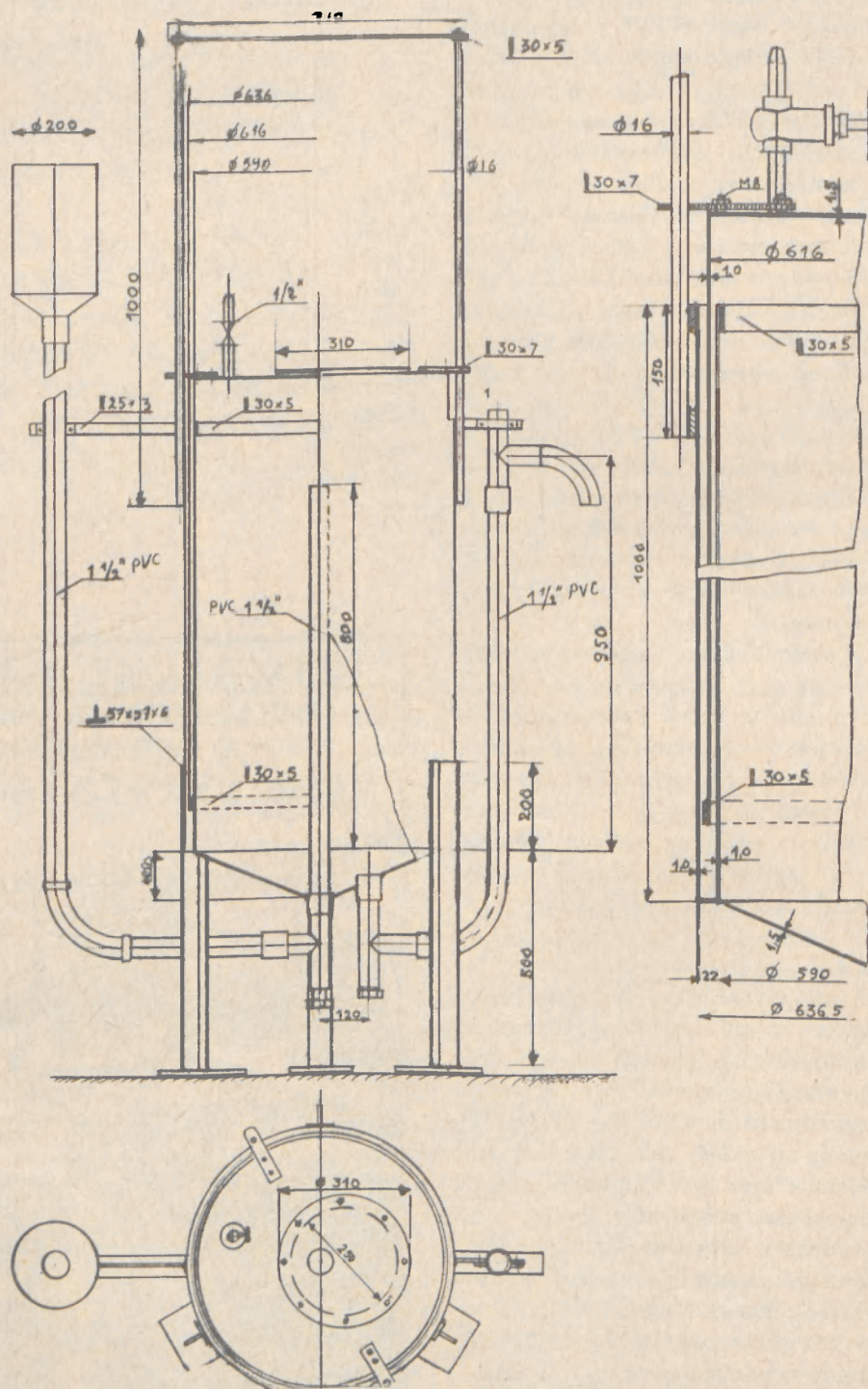
Fernando Nóbrega, professor da UFRN, um dos coordenadores da pesquisa.

Nacionalização total em virtude dos componentes serem executados por oficinas locais com mão-de-obra e materiais brasileiros. O prazo de execução é estimado em 120 dias”.

TIPOS DE DIGESTORES — O tipo fossa, destina-se a granjas, sítios e fazendas, e usado intencionalmente, tem a vantagem de ser economicamente rendoso, pois sua construção é fácil e de custo relativamente baixo. Pode ser aproveitado por gravidade no esgoto doméstico. A fermentação é contínua, mas tem a desvantagem de ser de baixa temperatura não atingindo, assim a fermentação adequada.

O tipo bolsão destina-se a granjas, sítios, fazendas e indústria de plásticos. Tem fermentação contínua e pode funcionar com energia solar atingindo temperaturas mais adequadas à fermentação e tem como grande vantagem a durabilidade, sem manutenção, podendo ser instalado em baterias.

O tipo tanque é para grandes instalações em prefeituras, indústrias e fazendas. A atuação é na redução de DBO de afluentes, tratamento primário e secundários esgoto, redução de lixo orgânico, aproveitamento de resíduos e matéria orgânica para produção de biogás.



**NOVO OU USADO, BASTA
ESCOLHER A MARCA. DEPOIS
VENHA BUSCAR O SEU CARRO
EM DUAUTO VEÍCULOS.**

**Carros novos
de todas as marcas
com garantia de fábrica. O seu
carro usado serve como entrada!**



FIAT



Mercedes-Benz



Um passo à frente



Foi feito para você



DUAUTO VEÍCULOS LTDA.

O salão nobre do automóvel.

Presidente Bandeira, 1240 Lagoa Seca.

Peças e equipamentos para o seu carro você encontra em
DUAUTO EQUIPADORA — PEÇAS E ACCESSÓRIOS
Pneus Good Year para todos os tipos de veículos procure em
DUAUTO PNEUS

A linha de ação política da Igreja tem sido responsável pelo surgimento das mais variadas tendências, não somente ao nível dos fiéis, mas do próprio clero. Já se pode reconhecer, pelo menos, três correntes distintas do pensamento político: os "progressistas", tendenciados a um socialismo cristão, perfeitamente encaixados na chamada *Teologia da Libertação* e que tiveram em Medellín e Puebla a confirmação de uma nova e vigorosa tendência da Igreja Latinoamericana; os "conservadores", também conhecidos por "moderados" — que pretendem limitar a ação da Igreja à ação pastoral extraída do Evangelho — cuja atuação política se faz de forma sutil e descompromissada, todavia, aceitando a preocupação temporal com a pobreza e a repressão do homem; e, finalmente os "reacionários", que reagem a qualquer mudança na doutrina e ainda pretendem um retorno ao que seria a verdadeira missão da Igreja: a preocupação com a salvação da alma. Para estes últimos, a missa deveria ser realizada em latim, as batinas seriam reabilitadas — tanto quanto o céu e o inferno.

O cardeal de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, pode ser identificado

como líder da primeira tendência: Eugênio Sales da segunda e Vicente Scherer, da terceira.

No Rio Grande do Norte, as tendências são mantidas. Entretanto, contrariamente ao que se poderia supor, são os leigos que comparam as dissensões. Nesta matéria, ouvimos a opinião de diversos pensadores: católicos locais, que poderiam representar as tendências expostas, e de dois padres estudiosos de Teologia.

Oto de Brito Guerra e Hélio Mamede de Freitas Galvão, são ambos advogados, intelectuais, católicos praticantes e estudiosos da doutrina católica. Na mesma linha de estudos, vem Odie Costa — professor universitário e executivo de empresas.

Representativos do clero, dois padres: Agnelo Barreto e Lucas. Acrescentamos ainda, depoimento prestado pelo Senador Dinarte Mariz ao "Diário de Natal", onde manifesta sua preocupação com o *marxismo dentro da Teologia*.

Evitamos, deliberadamente, qualquer comentário ou anotação que desviasse o leitor das opiniões dos pensadores ouvidos nesta matéria, preferindo apenas transcrevê-las.



Hélio Galvão: eu gostaria que a Igreja ensinasse catecismo ...



Pe. Lucas: Cristo não pediu outra coisa senão viver a caridade.

IGREJA E POLÍTICA

Teólogos e fiéis discutem as novas posições da Igreja Brasileira.

HÉLIO GALVÃO: "... e qual é o lugar dos ricos?"

"O Papa disse em Puebla: vocês não são sociólogos, não são administradores, não são reformadores sociais. Vocês são padres, vocês são sacerdotes, vocês são religiosos. Portanto, não vejo estremecimento nenhum entre a Igreja e o Estado, acho apenas que há uma linha de ação pastoral que o Estado julga lhe pertencer. Eu próprio gostaria que a Igreja en-

sinasse catecismo ao invés de ação sindical. Por outro lado, perguntaria. Na atual linha pastoral, qual é o lugar dos não-pobres e mesmo dos ricos? Acaso também por eles não se derramou o sangue de Jesus Cristo? Ele próprio não pernoitou uma noite na casa de Zaqueu, que era homem rico? Jesus não foi sepultado num sepulcro novo? O manto que ele vestia não era um manto precioso, tão rico que os soldados não se atreveram a rasgá-lo e jogaram sorte

a ver a quem caberia? Jesus não dormia com a cabeça na pedra, sem travesseiro. Era o homem não que foi um reformador social e que trouxe a mensagem de salvação para todos nós.

Não houve inversão de filosofia, houve opções por linhas pastorais".

PE. LUCAS: "é missão da igreja denunciar o desrespeito à justiça e à liberdade do homem".

"O documento "Goldium et Spes" fala que política é a arte nobilíssima de viver a caridade. e Cristo

não pediu outra coisa senão viver a caridade. Automaticamente a Igreja tem a missão de fazer a educação política. E na hora que o homem é politizado, é claro que ele torna-se capaz de escolher entre o bom e o mal, o certo e o errado. Noutros tempos a Igreja já apontou até nomes para candidaturas políticas, mas depois do Concílio Vaticano II a Igreja passou apenas a orientar os leigos para assumirem a coisa pública.

Sempre a Igreja se preocupou com o homem, temporal ou intemporal, só que na atualidade o assento está sendo bem maior por conta das exigências dos tempos. Basta consultar o "Rerum Novarum" que não é outra coisa senão uma tomada de posição, uma tomada de consciência da Igreja para uma teologia das realidades terrestres, tão bem assentada no Concílio Vaticano II, através do esquema XIII.

A Igreja não tem nenhuma pretensão de interferir em sistemas governamentais, mas é missão dela denunciar todo sistema que não procure antes de tudo o respeito pela justiça e liberdade do homem. "A missão da Igreja não é legitimar sistemas políticos e sim emitir um juízo ético sobre eles", afirma categórico o documento de Puebla. Quando os padres se abstêm de participar diretamente da política partidária, é muito mais por aquilo que nós chamamos de "conveniência pastoral", porque todo esforço do padre deve ser dirigido no sentido de unir a comunidade e a participação direta no sistema político pode se tornar causa de divergência e divisões.

ODIR COSTA: "A igreja não pode se inserir em política".

"Eu acho que Igreja e Política são dois caminhos opostos, a Igreja não pode se inserir em política. Cristo quando veio ao mundo não visava política, visava o homem. No entanto, a Igreja se vê abraçada a três corren-



Odir Costa: A Igreja, hoje, vai ao encontro do cristão

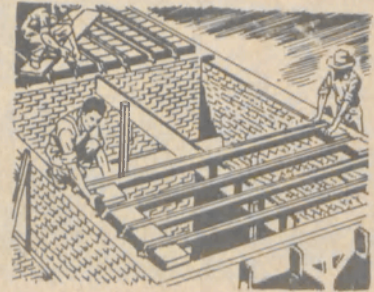
tes de pensamento: conservadores, moderados e radicais extremados. Quanto a estretecimento da Igreja com o Estado, afirmo que não há, o que o Cardeal Arns falou não foi em nome da Igreja e sim em nome dele.

Acho que Puebla deu mais liberdades aos bispos, o documento a presença do Papa se desviou no sentido de que a Igreja olhasse mais para o homem. A Igreja era muito de sacristia, era como se esperasse que o cristão fosse ao encontro dela. Hoje opera-se o contrário, ela vai ao encontro do cristão. Ela passa a se preocupar mais com o homem, se preocupar o nível de salários etc. Se o salário mínimo desse condições de vida ao trabalhador ela não se preocuparia. Agora eu acho que a Igreja já se viu na necessidade voltar a suas origens, e é o que ela está fazendo, uma volta às origens, e todo extremo é prejudicial. -

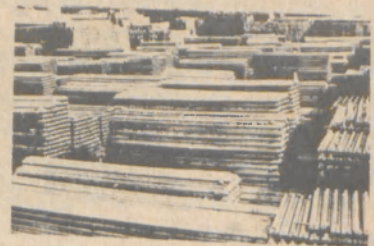
A Igreja Latina se preocupa mais com os problemas do homem por uma questão de educação que é dirigida mais para ela que para as demais Igrejas do mundo".



economia,
simplicidade
e qualidade.



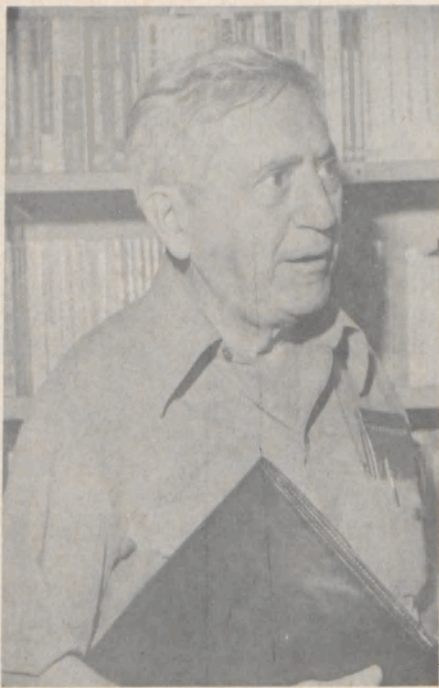
Com Lajes VOLTERRANA você ganha tempo e dinheiro na sua construção. E tem a garantia de uma qualidade mundialmente reconhecida.



A SACI fabrica e mantém um estoque permanente de lajes e pré-moldados de cimento para pronta entrega.



Rua Pres. Bandeira, 828 — Fones:
222-1543 — 222-4677 — 222-3513
Av. Rio Branco, 304 — NATAL-RN



OTO GUERRA: CHESTERTON dizia que "o socialismo é um cristianismo enlouquecido".

"A igreja tem como base de ação a vida e as lições de Jesus Cristo. Como homem e Deus que era, nunca deixou de se preocupar com todos os problemas que direta ou indiretamente viesse a permitir a promoção do homem. Não apenas no sentido espiritual mas também no sentido terreno, mas houve um tempo, é certo, em que a Igreja pendeu mais para um lado puramente espiritual que a partir do Concílio Vaticano II se viu na obrigação de mudar. Não houve essencialmente uma mudança, mas sim uma tomada de posições, ou seja, as posições passaram a ser mais claras. A Igreja passou a se dedicar ao Horizontalismo que significa, a preocupação com os problemas terrenos. Mas ela não faz política no sentido de política partidária, o que ela quer é que os homens sejam tratados de maneira igual.

A Igreja não defende também filosofias ou ideologias políticas. Não existe socialismo na religião católica, as duas coisas não se casam absolutamente. Chesterton dizia, "O socialismo é um Cristianismo enlouquecido", e tinha razão. Não existem implicações políticas e sim uma maior conscientização, fato que a Igreja antiga preferia se omitir.

Na América Latina existe uma participação maior da Igreja no sentido de conscientizar o homem na sua caminhada para um melhor nível de vida, conquista de salários mais dignos, etc, enquanto que na Europa não se verifica tanta ação pelo fato da Igreja Européia presenciar muito menos miséria. A Constituição Brasileira diz que o Salário Mínimo deve cobrir o sustento de toda uma família de um operário, mas o fato é que o Salário Mínimo não dá para sustentar nem um só operário, quer dizer, estão contrariando até a própria lei, pagando tal salário.

Então a Igreja se opõe a este tipo de coisas, e infelizmente cria com esta posição uma série de atritos com o próprio governo. A humanidade caminha para a conquista de seus direitos e a Igreja tem que sentir o que se chama o sinal dos tempos. A onda de Democracia que vem repercutindo em todo o mundo tinha que também refletir na Igreja. A começar por Leão XIII e João XXIII que chegou a afirmar que "ia abrir uma janela para arejar a Igreja". E ela não tomou estas posições com medo de perder sua força, não, ela tomou estas posições porque tinha a obrigação de se preocupar também com o homem temporal. Acredito que a Igreja não mudará de posição, pois o que foi dito em Puebla, reforma mais ainda.

O Concílio de Medelin fala claramente em injustiça institucionalizada, e condena veementemente.

Acho que a Igreja deveria conscientizar não somente o pequeno o humilde, mas também os grandes, os homens-chaves em caráter acima de tudo humanitário".

SENADOR DINARTE MARIZ: ("Um bispo tirou a batina e vestiu-se de guerrilheiro Sandinista").

"Uma dolorosa realidade nos dias atuais é a divisão do clero brasileiro, oficialmente reconhecida pelos segunimentos em que se partiu a Igreja em nosso país. Lamentavelmente a Igreja no Brasil, que sempre se poupou de um engajamento partidário,



Dinarte Mariz acha que haverá uma nova "questão religiosa".

assumiu em tempos recentes, depois do concílio, um engajamento ideológico ostensivo, militante e praticamente pela ação de alguns dignatários, teólogos "in partibus infidelium", que se arvoram de exegetas supremos dos textos bíblicos, através de uma "releitura" dos evangelhos, e dos documentos conciliares e pontifícios, dando-lhes uma interpretação dialética e mistificadora, em que a sabedoria e os dogmas da Igreja são tratados como teses e antíteses da filosofia hegeliana, onde Lênin, Marx e Engels foram se abeberar para criar o ódio de classe, a emulação e o conflito, e por meio dele implantar a "Ditadura do Proletariado". O Papa João Paulo II já disse em Puebla que é uma "releitura" falsa da Bíblia considerar Jesus Cristo como um revolucionário de Nazaré que combateu o imperialismo romano. Mas, apesar da interpretação superior, alguns dos chamados "teólogos da libertação" em nosso país, forçam em reler os documentos de Puebla com tom marxista, semeando a cinzania e criando separatismo dentro da Igreja brasileira.

Recentemente um desses teólogos, um franciscano polemista e exaltado em artigo publicado, cheio de equívocos fez a seguinte proposta: "O que propomos não é a Teologia dentro do Marxismo, mas o Marxismo (Materialismo Histórico) dentro da

Teologia. A Teologia é o referente maior não o Marxismo. A Teologia no intento de buscar eficácia libertadora para a fé se apropria, à sua maneira da contribuição marxista". O Bispo de Nova Iguaçu já ultrapassou a linha da pregação católica para situar-se na linha marxista. Foi o único Bispo do continente que recusou assinar o documento de Puebla, e encarregou seu porta-voz marxista, um frade, de tornar público o seu desacordo como todo o documento, que como se sabe, reflete a orientação do Papa. O arcebispo de João Pessoa provoca distúrbios entre classes, e numa conferência feita para os estudantes da UFRN apresentou fitas gravadas com declarações de atividades sindicais no mais puro estilo comunista. Em recente seminário de Teologia em São Paulo, um bispo tirou a batina e vestiu-se de "Guerrilheiro Sandinista", e declarou que se sentia naqueles trajes grotescos devidamente paramentado como se estivesse pronto para celebrar os santos ofícios.

Infelizmente, no Brasil, de uns tempos para cá, se esboça e delinea os contornos de uma crise, que no passado remoto foi conhecida por "questão religiosa", ao tempo do Império. Desta feita, a nova questão religiosa vem sendo gerada por alguns prelados que, em nome de uma esdrúxula "Teologia da Libertação", tentam a monstruosa simbiose entre marxismo e catolicismo, procurando realizar o que é dialéticamente impossível, ou seja reduzir a um único corpo de doutrina os ensinamentos de Jesus Cristo e Karl Marx. Essa observação oportuna de Theófilo Andrade continua mais atual quando, segundo ele, não se trata de mero exercício doutrinário, mas o que se vê é que "alguns bispos, padres e irmãos leigos passaram do pensamento à ação, colaborando com as correntes inimida democracia que pretendem destruir, substituindo o capitalismo, que é o socialismo imposto pela ditadura de um partido único, dono do Estado Totalitário".

O peregrino do caminho santo vem para nos confirmar e nos crismar na fé que teve o seu batismo na primeira missa, em Vera Cruz, depois Terra



Pe. Agnelo: A justiça é a sentinela e a vanguarda da civilização.

de Santa Cruz e hoje Brasil. O Papa vem e traz nas mãos a beatificação do Padre Anchieta, o imortal propulsor da pregação do Evangelho em nossa pátria. Anchieta caminha para a santidade porque foi um ministro a serviço de sua altíssima missão, defensor interérrimo e invencível da causa do Evangelho, em sua pureza inculpável, em sua grandeza divina e sobre-humana. O Papa vem para reconduzir a Igreja para a sua missão mais alta e primordial que é de promover "a salvação em Cristo, que transcende as dimensões do espaço e do tempo", nas fecundas palavras de D. Vicente Scherer".

PE. AGNELO BARRETO: "...não houve mudanças".

"Nós estamos atualmente num regime de missão para toda Igreja no país, e o pregador é justamente aquele que é o sinal visível e manifesto da pessoa de Jesus Cristo, João Paulo II. Então no que diz respeito a linha de ação política da Igreja no Brasil, eu lembro que João Paulo II está falando abertamente para todos os cristãos e cidadãos deste país, sobre a especificidade própria da missão da Igreja da qual consta sua dimensão histórica e por isso mesmo aquilo que se relaciona ou possui implicação política, isto é, a construção sempre perfectável de uma ordem social justa, integral e solidamente humana.

Os discursos do Papa têm implicações em todos os níveis e categorias que constituem a sociedade brasileira.

Eu acho que não houve mudança nenhuma de filosofia, o que houve foi uma profunda intensificação da presença da igreja inspirando e fomentando a mais profunda e radical construção de uma civilização do amor, em que a justiça é a sentinela e a vanguarda desta mesma civilização. Espero que nós brasileiros sejamos dignos desta missão".

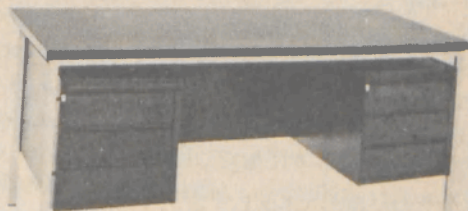
RECOMAPE TEM TUDO, ABSOLUTAMENTE TUDO PARA SEU ESCRITÓRIO



Cadeira "ESTIL" Linha Diretor



Máquinas de escrever "REMINGTON"



Mesa "ESTIL" Linha 90

RECOMAPE Revendedora Costa, Máquinas e Peças Ltda.



MATRIZ: Rua Dr. Barata, 242
Filial: Praça Augusto Severo, 91
Fones: 222-1467 e 222-4208

FILIAL EM MOSSORÓ:
Rua Cel. Gurgel, 266
Fone: 321-1320

O PAPA JOÃO DE DEUS FALA AOS "JOÃO DE BARROS"

“Quantos sofrimentos, quantas angústias e misérias não causa o desemprego! Por isso a primeira e fundamental preocupação de todos e de cada um (...), deve ser esta: dar emprego a todos. Esperar a solução do problema crucial do emprego como um resultado mais ou menos automático de uma ordem e de um desenvolvimento econômico, quaisquer que sejam, nos quais o emprego aparece apenas como uma consequência secundária, não é realista, e portanto não é admissível”.

(João Paulo II)

Assim o Papa João Paulo II se dirigiu aos trabalhadores reunidos no Morumbi de São Paulo. Uma multidão de operários recém-saídos de uma das inúmeras greves do ABC paulista. Pediu uma ordem social em que não fosse preciso a utilização da luta de classes, e advertiu os trabalhadores para o perigo marxista, “O homem sem Deus e sem Cristo, constrói sobre areia”. O que se pode dizer de tais palavras? A que corrente da Igreja atribuir? Aos progressistas? Aos conservadores? Ficou demonstrado o descompromisso das palavras com quaisquer correntes ideológicas. João Paulo II não se desviou de sua linha pre-estabelecida mesmo antes de vir para o Brasil, o programa que ele cumpriu no Brasil não fez diferenças entre católicos praticantes ou não praticantes, conservadores, progressistas, militantes ou indiferentes. O Papa procurou fazer, acima de tudo, que todos juntos formassem um só público, uma só Igreja, para ouvir sua mensagem. E conseguiu.

Alguns setores da Igreja e religiosos de diversas tendências, se prepararam para ver o Papa num clima efervescente de opiniões diversas, principalmente, da linha que ele viria a tomar em seus extensos discursos. O papa se dirigiu a monumentais multidões, que se preocupou unicamente em ver o grande pastor que ele é. E o povo não foi decepcionado. João Paulo não se interessou em defender linha nenhuma, seu único propósito foi reavivar a verdadeira Igreja do povo, uma Igreja que se preocupa com o tamanho do salário

de um trabalhador, mas que condena o modelo de padre pós-conciliar.

Homens públicos prepararam documentos em que denunciavam atividades marxistas de clérigos brasileiros. Conservadores alimentaram a ilusão de que o papa tomaria sérias decisões, inclusive a expulsão da Igreja, de alguns partidários da Teologia da Libertação. Mas o que houve, foi apenas uma explícita condenação da Teologia da Libertação e uma reafirmação do conteúdo do documento de Puebla. Da mesma forma os progressistas esperaram que o evento da vinda do papa servisse para ser mostrada ao povo uma posição do Vaticano frente a Puebla, que fortalecesse as correntes culturalista-desenvolvimentista, da chamada “libertadora”.

Mas João Paulo preferiu não tomar nenhuma direção a não ser aquela que levasse a Igreja para uma unidade total, e ficou sendo, segundo alguns religiosos, o responsável pelo surgimento de uma possível neo-ortodoxia.

CHEGADA — Na Homilia da missa realizada em Brasília o papa disse: “A missão da Igreja não se pode reduzir ao sócio-político, mas consiste em anunciar o que Deus revelou sobre si mesmo e sobre o destino do homem”. Sua chegada em Brasília foi ao meio dia de uma segunda-feira, 30 de junho. João Paulo II foi recepcionado pelo Presidente João Batista Figueiredo e demais autoridades civis, militares e eclesiais. Mas seu verdadeiro contato com o povo brasileiro foi mesmo na esplanada dos ministérios, onde foi ovacionado por uma multidão de 250.000 pessoas, a maior da história da cidade. No dia 1º de julho o Papa se encontrava em Belo Horizonte. Multidões acima de 750.000 pessoas aplaudiram o Papa em seu percurso pela capital de Minas Gerais. Multidões que lotavam estádios, mas que ficavam em silêncio por todos os 50 minutos que duravam os discursos do Papa. Os extensos discursos do Papa levou o Ministro da Indústria e Comércio João Camilo Penna a afir-

mar: “O homem é muito prolixo”.

De Belo Horizonte o Papa seguiu para o Rio de Janeiro, palco de uma das mais pomposas aparições do Papa no Brasil. Cenários caríssimos, coros que faziam parte da decoração geral, ordenação de padres e vigorosas pinceladas na favela do Vidigal. Nada disso evitou que o polonês Wojtyla visse a imensa pobreza que povoava o Grande Rio, levando a, num gesto simbólico, doar seu anel de bispo, que de nenhuma forma vai resolver os problemas dos moradores do Vidigal. No dia 3 de julho o papa chegava a São Paulo para um esperado encontro com os trabalhadores no Morumbi. João Paulo II falou em reformas, mas que não fosse procurada com o ódio e a luta de classes, falou em Justiça, mas uma justiça que não fosse obtida através da violência.

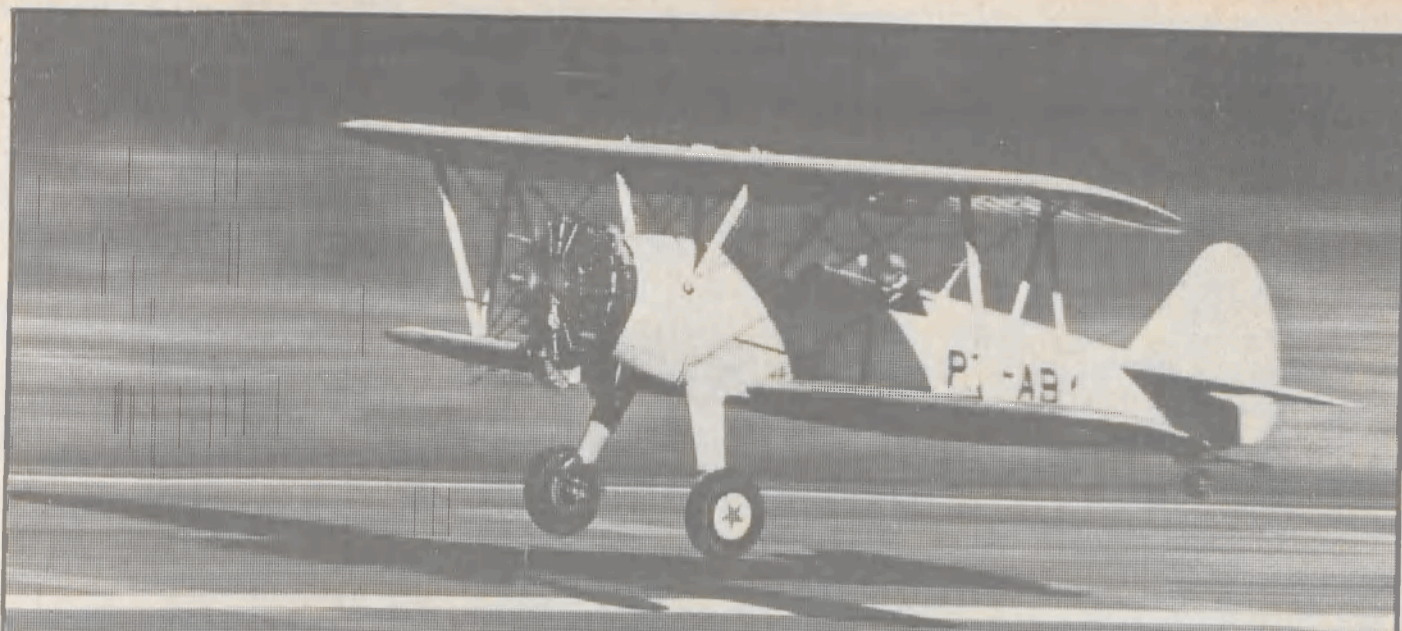
No dia seguinte, o Papa recém-saído de um encontro em que não se apresentou um arranhão sequer, apesar do alto teor político do encontro, mergulhou num clima de completa beatitude e religiosidade em Aparecida do Norte. Depois viajou para Porto Alegre, Curitiba e Salvador. No dia 7 de julho foi acolhido por D. Helder Câmara no Recife. Depois de Recife o Papa embarcou para Belém.

No dia 9 de julho o Papa se encontrava em Fortaleza sendo recebido por uma acalorada multidão, ocorrendo-se, inclusive, a morte de 3 fiéis que foram pisoteados na entrada do estádio. De Fortaleza o Papa viajou para Manaus, onde participou de procissão fluvial, embarcando logo depois para Roma.

O QUE FICOU — A imagem forte de um líder e a tentativa explícita de tornar a Igreja única, uma Igreja que não defenda “ismos”, mas que quer apenas ir de encontro ao povo, a verdadeira Igreja.

No contexto geral de seus discursos, João Paulo II demonstrou a premente necessidade de conquistar e conservar a unidade da Igreja. Uma Igreja que seja disciplinada e humanitária, mas que esteja sob seu comando.

Gregos e troianos se sentiram vencedores, e o povo brasileiro ganhou um “campeão” na luta contra a miséria e a opressão.



Venha conquistar uma posição.



Você tem direito ao Passat.

Ele espera por você em nossa loja. Entre! Isto significa tomar posição em relação ao conforto total. Conquistar o maior avanço

tecnológico do automóvel.

Venha ver até onde chegou o Passat, com seu motor refrigerado a água.

A perfeição mecânica. Nós temos planos de

pagamento dignos de alguém da sua posição.

Enquanto você toma um cafezinho conosco, você escolhe o plano, a cor e o modelo.

E você leva o Passat.

Rev. Autorizados:

MARPAS S/A
AV. TAVARES DE LIRA, 159
PTE. SARMENTO, 592



DIST. AUTOMÓVEIS SERIDÓ S/A
AV. NASCIMENTO DE CASTRO, 1597 FONE 223-4566

GUAMARÉ — ONDE SE COGITA DO FUTURO

Não seria justo catalogar qualquer cidadezinha interiorana como "cidade do futuro". Mas, uma localidade que tem sua economia baseada na produção do sal, na extração de algas marinhas, na pesca da lagosta e, sobretudo, com fortes indícios de ocorrência de petróleo, poderia conquistar essa classificação, sem favoritismos.

Considerando-se as limitações, naturais de um município jovem, Guamaré, um dos 150 municípios do Rio Grande do Norte, de uns tempos para cá, respira outros ares vendo-lhe bater à porta os primeiros sinais do desenvolvimento.

O grau de desenvolvimento porque atravessa Guamaré apoia-se em dois patamares. Primeiro, o resultado dos esforços da atual administração municipal, personalizada na figura do Prefeito Moisés Nunes de Carvalho, e o outro aspecto deve-se às dádivas da própria natureza.

CIDADE DO FUTURO — Até bem pouco tempo, Guamaré era apenas um município a mais do Rio Grande do Norte, lembrada somente quando apontada no mapa do Estado. De dois anos para cá, marcando o início da administração Moisés Nunes, a cidade já conta com serviços básicos compatíveis às necessidades dos municípios daquele porte. Acrescente-se o fato de ter sido escolhida como pouso oficial para embarque e desembarque de pessoas e materiais em demanda às plataformas petrolíferas de Macau, e, conforme expectativas, lá poderá ser perfurados mais poços de petróleo, indispensáveis à economia nacional.

Distando 170 quilômetros de Natal pela BR 406 (Via João Câmara) a apenas 40 quilômetros das plataformas de Macau, Guamaré enquadra-se no rol das cidades litorâneas norterio-grandenses. A sua proximidade com aquela região do



Moisés Nunes - estamos preparados para o desenvolvimento da cidade.

"ouro negro" a faz situar-se como uma "cidade do futuro". Solidificando as expectativas, basta dizer que as perfurações petrolíferas submarinas, gradativamente, aproximam-se da costa.

EXPECTATIVAS — Os cinco mil habitantes de Guamaré vivem momentos de expectativa. Tudo começou há dois anos quando a Petrobrás, considerando as condições da "barra", a escolheu para pouso oficial de seus funcionários, os quais trabalham nas plataformas de Macau.

Engenheiros, Técnicos, Capatazes e Operários em geral, diariamente chegam e saem daquela cidade com destino ao trabalho ou de regresso às suas casas para a folga quinzenal. Agora, chegam por mar e por terra notícias que

os "furos" se aproxima da terra, o que se é de esperar chegar à Costa Guamareana.

Ora, se uma cidade é litorânea e está localizada há poucos quilômetros de uma plataforma de petróleo, considerando-se as perfurações aproximaram-se da costa, é normal que esse município viva momentos de expectativa.

Adiantou o Prefeito Moisés Carvalho que vários moradores de Guamaré já trabalham para a Petrobrás e outro tanto aguarda um dia essa oportunidade, enquanto desenvolve outras atividades de capital importância para a economia da região.

O SAL — Dezoito quilômetros de estrada piçarrada interligam as principais salinas de Guamaré, que totalizam aproximadamente, quinze. São mais de 500 homens trabalhando nessa atividade, o que garante uma produção na casa das 180 mil toneladas/ano. Essa produção apesar de ser vendida a atravessadores, chegam a Natal e em outras cidades, através da tão falada "Rodovia do Sal", estrada que liga Macau à nossa Capital.

O sal, apesar de se constituir um produto relativamente barato, graças à sua abundância no local, como também facilidade de exploração (é vendido bruto), ao longo dos anos demonstra ser uma atividade viável e sobretudo de retorno garantido.

A LAGOSTA — Quer seja no Rio Grande do Norte, no Ceará ou em qualquer outra região, a lagosta só aparece em determinadas épocas do ano. Como se sabe, o município que tem como forte a pesca desse crustáceo, seu desenvolvimento é esperado, haja vistas a circulação do dinheiro, em face ao alto preço do produto. A pesca da lagosta corresponde a um dos seg-

mentos da economia de Guamaré, mas nesse período se encontra "em baixa". No entanto, a atividade pesqueira desenvolve-se com a tainha, embora de cotação inferior à lagosta, por outro lado garante a sobrevivência de centenas de famílias, quando não comercializadas para cidades vizinhas.

Algas marinhas é também um dos componentes da economia de Guamaré. Quatro botes com seis pescadores cada, diariamente, lançam-se às águas do rio Aratuá (onde fica o cais), ganhando o mar. À tardinha, as embarcações estão de volta sobrecarregadas de um vegetal marinho de formato variando entre fios e folhas. São as algas marinhas. Em terra, o produto não sofre nenhuma transformação industrial, e é vendido em estado natural à Paraíba, sendo finalmente processado pela Indústria Agar — Brasileira. Acatando informações de um pescador local, semanalmente mais de três mil quilos do produto é apanhado e vendido a razão de Cr\$ 17,00 o quilo.

ÁREA ABUNDANTE — As águas oceânicas que margeiam Guamaré são ricas em algas marinhas. Tratando-se de um vegetal incrivelmente renovável (mesmo após cortado), as algas de três em três meses "recebem corte", período em que irão se reconstituir. Enquanto umas são "cortadas", outras estão sendo exploradas, e assim a atividade torna-se um trabalho cíclico, não faltando nunca aos moradores da localidade oportunidades de comercialização do produto. Para quem não sabe, um saco de 60 quilos de alga, após seca pesa somente entre oito e nove quilos.

A ADMINISTRAÇÃO — Mas, nem só da natureza é formado o dia-a-dia em Guamaré. Na realidade, em representar uma "cidade do futuro" por estar incravada numa bacia petrolífera; por produzir o sal de cozinha em abundância; por ter a tão procurada lagosta, como também ter reservas de algas marinhas, o município necessitou



Embarque e desembarque das equipes das plataformas.



A administração promove a pavimentação da cidade.

de alguns serviços, dando assim o suporte necessário a essa atividade.

Guamaré sentia-se na iminência de ser invadida pelas águas do Rio Aratuá. Para sanar o problema o Prefeito Moisés Nunes, com recursos na ordem de Cr\$ 1 milhão construiu quinhentos metros de muro-de-arrimo, salvando, por consequente, sua cidade da inundação. O muro proporcionou a construção do cais de embarque dos funcionários da Petrobrás.

Ainda como iniciativas de importância, merece destaque especial a implantação de um Posto telefônico, como também a agilização de um Posto médico, coisas que em

outras épocas jamais se conseguiu para Guamaré. Em relação à educação, o município conta com Escola do primeiro grau, gatantindo o ensino para mais de 70 alunos. Os professores desse núcleo educacional (quase quarenta) deslocam-se diariamente de Macau para ministrar suas aulas.

A mais recente obra da Prefeitura posta em prática é justamente o calçamento da cidade. Para tanto, Guamaré começa a receber suas primeiras pedras graníticas, as quais calçarão uma área inicial de 1.300 metros quadrados. Diz Moisés Nunes: "Estamos prontos para acompanhar o desenvolvimento de nossa cidade".

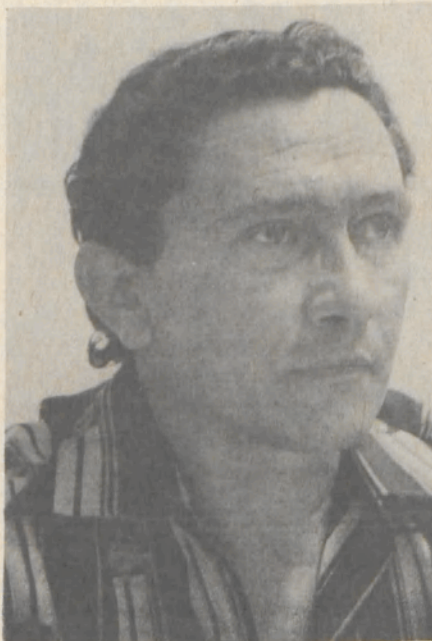
CRISE NO SETOR EDITORIAL E GRÁFICO

O Setor também foi atingido pela conjuntura global, mas tem causas peculiares, conforme explicam os empresários.

Os reflexos da crise econômica brasileira alcançam de maneira violenta o setor editorial e gráfico, especialmente no Rio Grande do Norte. Segundo Silvino Sinedino, diretor comercial da Editora "O Diário", "a causa principal da crise é o custo do material gráfico. O papel de imprensa, por exemplo, está custando atualmente Cr\$ 46,17 o quilo, e alguns materiais gráficos aumentaram nos últimos 12 meses, 600% no seu preço".

O maior problema consiste em transferir os custos do produto, que no caso é o jornal, para o consumidor e o anunciante, em pelo menos 50% do valor total do custo. O mercado publicitário de Natal é restrito e os poucos anunciantes conscientes não suportam os reajustes da tabela. Continuando, Sinedino afirma: "Nossa publicidade básica é de varejo. E além de todos estes problemas, a receita de venda avulsa não chega a cobrir o custo industrial do jornal". Tudo isso poderá resultar no fechamento de algumas empresas do setor ou então na redução drástica de seus quadros de pessoal. Com a crise geral em que se encontra o país, quem mais se prejudica são os chamados veículos de comunicação.

RECESSÃO — Sinedino acredita que "todas essas demissões registradas no setor editorial e gráfico são devidas ao enorme peso que os salários e as obrigações sociais representam para elas. Agora, em se fulando de nível de remuneração, os salários do ramo editorial têm se mostrado satisfatórios, levando-se em conta a carga horária do pessoal. Em termos



Silvino Sinedino, diretor do Diário de Natal: Não creio que haja recessão no mercado leitor.

de publicidade, não vamos muito bem e a tendência é diminuirmos ainda mais a venda de nossos espaços". Continuando sua declaração — Sinedino completa: "Não creio que haja propriamente uma recessão no mercado leitor, pois a venda avulsa continua a mesma, apesar da diminuição de páginas e do constante aumento de preços".

Marcos Aurélio de Sá, diretor da revista RN-Econômico e presidente da Associação dos Empresários da Indústria Gráfica do Rio Grande do Norte (em fase de constituição), acha que, "como a maioria dos empreendimentos industriais do Estado, o ramo editorial e gráfico vive hoje uma das mais sérias e profundas crises de todos os tempos". Continuando afirma que "esse ramo

está sendo duramente atingido pela recessão, sendo porém ampliados os efeitos dessa recessão pelas características peculiares ao setor". Como por exemplo, a dependência quase total de importação de matérias-primas e insumos que têm seus preços elevados quase que diariamente. A dependência da mão-de-obra também se constitui num grave fator para o aprofundamento da crise no ramo, principalmente no setor de off-set, que exige uma mão-de-obra altamente especializada e que quase não existe em nosso Estado, o que força as empresas a procurarem contratar empregados de fora, que exigem salários muito mais altos. Segundo Marcos, "as empresas consumidoras de serviços gráficos, quando atingidas por qualquer diminuição no seu faturamento, logo encontram o meio de conter suas despesas diminuindo automaticamente o consumo de impressos. Assim, quando, por exemplo ocorre um aumento mais sensível nos preços de tais produtos, imediatamente a clientela diminui seu consumo". Prosseguindo Marcos diz que "enquanto o mercado assim reage, as empresas gráficas continuam com o mesmo volume de encargos: obrigações sociais, tributárias, pessoal, etc..."

ENCARECIMENTO DE MATÉRIA-PRIMA — Em dois anos, o papel para uso na indústria gráfica subiu de Cr\$ 20,00 o quilo para Cr\$ 65,00; o preço de uma caixa de filmes para fotolitos subiu de Cr\$ 5.000,00 para Cr\$ 32.000,00 nos últimos 12 meses. Peças de reposição subiram de preço exageradamente. Isso sem falar nos preços das máquinas e equipamentos gráficos, que nos últimos 3 anos subiram em torno de 500%. "Os empregados na indústria gráfica — continua Marcos — tomando por base os três últimos acordos de salários, tiveram aumentos de maio de 1979 a junho de 1980 (em 13 meses), de quase 200%. Como os preços dos serviços gráficos não puderam ser elevados na mesma proporção, o que aconteceu foi uma queda violenta na rentabilidade das empresas". Prosseguindo no seu depoimento, o diretor de RN/ECONÔMICO diz: "No

ano de 1979, por exemplo, não é de meu conhecimento que nenhuma empresa do setor gráfico tenha chegado ao fim do exercício apresentando lucros em seus balanços".

E o problema foi e continua sendo mais sério nas empresas editoriais e jornalísticas, que estão tendo seus prejuízos ainda mais elevados neste exercício de 1980. Tanto as empresas gráficas quanto as jornalísticas estão dispensando pessoal, reduzindo seus investimentos, atrasando impostos e obrigações sociais, o que nos leva a acreditar num agravamento da situação. A constituição hoje, de uma empresa gráfica, por pequena que seja, representa um investimento de vários milhões de cruzeiros, o que desestimula os gráficos mais antigos a se modernizarem e a ampliarem os seus negócios. Portanto se verifica um número muito grande de gráficas funcionando em condições precárias, utilizando máquinas com mais de 30 ou 40 anos de uso, que se prestariam mais a aparecerem num museu do que numa indústria".

CONCORRÊNCIA — Para vencer os efeitos da crise, ou pelo menos torná-los suportáveis é preciso que exista no meio da classe empresarial do ramo, muito espírito de união, e uma troca constante de idéias. As empresas mais organizadas já chegaram a esta conclusão, e por isto está constituída a Associação dos Empresários da Indústria Gráfica do Rio Grande do Norte, que vai zelar pelos interesses da categoria e procurar, em conjunto, adotar medidas que ajudem a disciplinar o mercado e possivelmente redinimizá-lo. Para finalizar Marcos Aurélio de Sá afirma que "as empresas de fora não chegam a nos causar grande preocupação: preocupação maior nos causa a concorrência desleal de órgãos públicos que mantêm gráficas, prestando serviços a particulares".

O Presidente do Sindicato dos Empregados Gráficos, Francisco Batista Rocha, afirma categoricamente que "a primeira causa da crise no ra-



Marcos Aurélio de Sá, diretor do **RN/ECONÔMICO** e Presidente da Associação dos Empresários Gráficos do RN: Vivemos uma das mais sérias e profundas crises de todos os tempos.

mo editorial e gráfico é a própria crise que aflige o país, que arrasa as empresas, gerando desemprego da categoria. Repassar para o consumidor o preço do material a ser vendido, seria uma solução para compensar a crise. O governo deveria olhar mais para o operário desempregado, oferecendo um salário-desemprego como medida imediata".

POLÍTICA SALARIAL — A remuneração no setor apresenta-se razoável, mais ainda existem funções da categoria que recebem um salário baixíssimo. Por exemplo: "O revisor, o encarregado da confecção, o chapista, o distribuidor tipográfico e o plastificador. Existe uma verdadeira rotatividade de mão-de-obra na categoria de serviços gráficos e o FGTS contribui em grande parte para que isso aconteça".

O setor editorial consome 85% de matérias-primas importadas, dependendo assim em grande parte de multi-nacionais. A maxi-desvalorização do cruzeiro também contribuiu para o aumento da crise. Manuel Alves Neto, gerente industrial da Editora Tribuna do Norte, afirma que



mostra porque está sempre na vanguarda.



Quem constrói em Natal desde 1962, conhece muito bem a SACI. Porque a SACI está sempre na vanguarda, revendendo os melhores materiais de construção produzidos no RN ou no País.



Além disso, a SACI não é somente uma loja de alto nível. É também uma indústria, produzindo lajes pré-moldadas, combogós, mosaicos e artefatos de cimento em geral.



**Pensou em construir
Pensou na SACI.**



Rua Pres. Bandeira, 828 — Fones:
222-1543 — 222-4677 — 222-3513
Av. Rio Branco, 304 — NATAL-RN



Manuel Alves Neto, da Tribuna do Norte acha que o Rio Grande do Norte é o Estado onde as empresas jornalísticas têm menos apoio do governo.

"o governo está impondo diversas dificuldades às importações. Aliado a isso tudo, existe a dificuldade de repassar ao consumidor a tarefa de sustentar a produção através da absorção da demanda".

Nos últimos 12 meses as três primeiras matérias-primas consumidas pelo jornal (papel de imprensa, filme e papéis fotográficos) tiveram seus preços majorados no mínimo em 300% e existem casos com mais de 500% de aumento, como o papel para fotocomposição.

Prosseguindo Manuel Alves Neto diz: "A nova política salarial do governo também é uma grande causadora da crise. E a única maneira encontrada para solucionar ou pelo menos amenizar a crise é ir repassando ao consumidor, com certa dificuldade, os custos. O que ocorre através da diminuição de páginas e aumento de preço de exemplar avulso, provocando assim, uma necessária demissão de pessoal. Porém, isso pode concorrer para a perda de qualidade editorial, e talvez seja isto o que se verifica no momento em Natal. A tendência é o problema se agravar ainda mais, e o desemprego poderá



Francisco Rocha, presidente do Sind. dos Empregados Gráficos: há uma verdadeira rotatividade de mão de obra na categoria de serviços gráficos.

se tornar mais acentuado no setor. Enquanto o governo não conseguir controlar sua estrutura econômica, também não vai conseguir controlar a crise nas empresas nacionais".

O reajuste semestral é apontado como um grande causador do desemprego em massa, pois as empresas não conseguem suportar por muito tempo os aumentos de impostos pela lei.

Manuel Alves acha que "o próprio governo concorre em grande parte para a queda do faturamento publicitário, pois se omite de divulgar satisfatoriamente o seu trabalho através da imprensa". Finaliza dizendo: "Tenho a impressão de que o Rio Grande do Norte deve ser o Estado onde as empresas jornalísticas têm o menor apoio por parte do governo". Enquanto isto, o meio empresarial, principalmente do ramo editorial e gráfico esperam providências que os ajudem a superar a crise e o governo continua se mostrando impotente diante de todos estes problemas, só restando a todos o exercício da paciência e o sentimento de união para a superação da crise.



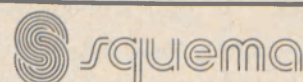
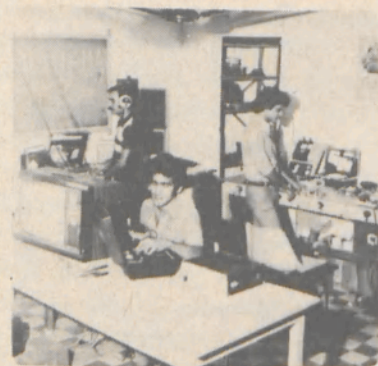
SOM IMAGEM CALCULADORAS



INSTALAÇÃO DE TOCA-FITAS



VENDAS E ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE
Sharp • Dismac • Olympia



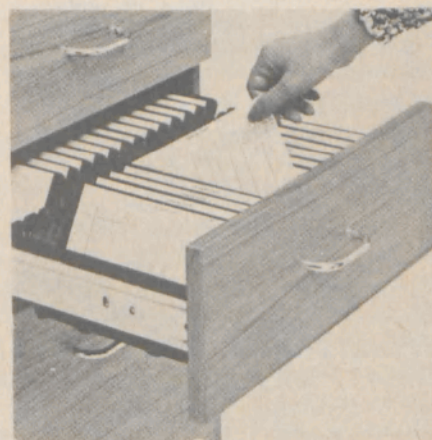
LABORATÓRIO ELETRÔNICO

RUA SERIDÓ, 722 - PETRÓPOLIS

FÔNE(084) 222-6382

- NATAL-RN

**CHRIS DECORAÇÕES
APRESENTA O MELHOR PROGRAMA
PARA O SEU ESCRITÓRIO:
MÓVEIS ESCRIBA**



CHRIS MÓVEIS — DECORAÇÕES

Av. Hermes da Fonseca, 1174 — Fone: 222-1861 — Tirol — Natal-RN

PROJETOS, PROGRAMAS E POLÍTICAS

PEDRO SIMÕES NETO



Não acredito em política ou em linhas de ação econômica, sem definições quanto a uma ideologia, a uma idéia-base, a um tema central comum à trama global para a qual foram concebidas. Principalmente, quando se luta contra a escassez de recursos em todos os níveis e se pretende regionalizar programas de crescimento econômico.

Celso Furtado e os arquitetos da SUDENE também não acreditaram nessa prática, tão utilizada pelos administradores do pré-1958. Tanto foi assim, que promoveram um diagnóstico do Nordeste, para, a partir de uma reflexão consequente sobre a problemática regional, elaborar diretrizes para um amplo processo de soluções que demandassem o desenvolvimento econômico pré-concebido.

Esse procedimento exibiu resultados satisfatórios, embora não ideais. A face do Nordeste mudou, desde então, acusando transformações não apenas de crescimento econômico, mas também de métodos e sistemas e da própria conduta dos administradores — tanto no âmbito do Poder Público quanto no da iniciativa privada.

Tais transformações foram facilmente perceptíveis no nosso Estado, no interstício pré-revolucionário. No início dos anos sessenta, o então governador Aluizio Alves organizou uma equipe de jovens técnicos e implantou o Conselho Estadual de Desenvolvimento (CED) em perfeita sintonia com a SUDENE, tentando buscar soluções locais para integrá-las na política regionalista de Celso Furtado. As prioridades e as preocupações também mudaram. Ao invés da política hídrica e "coronelista" do antigo INFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas), houve uma inversão do propósito: a descoberta de oportunidades que pudessem coexistir com as condições climáticas adversas. Ao invés do assistencialismo e da esmola, as oportunidades e os instrumentos capazes de propiciar a auto-sustentação.

A COFERN (Companhia de Fomento Econômico do Rio Grande do Norte) implantada e desenvolvida já no governo do Monsenhor Walfredo Gurgel, despontava como instrumental para executar a política "pensada" pelo CED. Depois, veio o movimento de 1964, reformulando toda a filosofia estrutural desenvolvida por Celso Furtado e assimilada, a nível local, pelos pioneiros técnicos

em desenvolvimento capitaneados por Geraldo José de Melo no CED e três anos depois a COFERN se transformou em Banco (BDRN).

A CENTRALIZAÇÃO — Talvez a contribuição mais importante da fase desenvolvimentista, tenha sido o esforço de estudar e impor o Nordeste como um sistema econômico e não o de aceitá-lo como um fenômeno ecológico - e como tal, ativo e passivamente sujeito às variáveis e determinantes da ciência econômica.

As conclusões permanecem atuais, embora haja necessidade de um novo diagnóstico - pois nos vemos à volta com problemas novos, gerados pela conjuntura econômica internacional — e uma reavaliação das políticas então concebidas. O próprio Celso Furtado, recentemente em São Paulo, se referiu à necessidade de "repensar o Nordeste".

Com o movimento de 1964, ganhou impulso um novo sistema de valores administrativo-econômico que, se não se opunha às linhas mestras traçadas para a política econômica regional, impuseram um sistema operacional diverso: a SUDENE, como de resto a formulação e a execução de toda as programações regionais e setoriais, estaria sujeita a um controle centralizado, que reivindicava a elaboração de uma planificação integrada, além do arbítrio de **prioridades nacionais**, carecedoras de um consenso que nunca foi concedido, ao nível da federação.

O resultado, foi o esvaziamento da SUDENE e a inconsequência (para não dizer a irresponsabilidade) das políticas regionais impostas pelo Poder Central.

A VIUEZ DO NE — De titulares, passamos a herdeiros compulsórios de programas enlatados, de acordo com a hierarquia imaginada pelos centralizadores. Em consequência, o Nordeste deixou de ser um sistema e passou a ser uma viúva de marido vivo e vigoroso, recebendo pensões irrisórias até para a própria sobrevivência.

Ora, todo mundo sabe que o Nordeste tem uma das mais altas taxas de crescimento econômico do mundo (7% ao ano); que é superavitário em sua balança de pagamentos e que mantém, com sua secular resignação, a riqueza do Centro-Sul do país — pois não é que somos cativos às imposições de

mercado daquela região e nossa renda é vazada também para lá?

Todo mundo sabe também que essa capacidade de resignação é exatamente o motivo porque tal posição é mantida, em desfavor da região. Some-se a esse estado de fatalidade, a incapacidade — ou autocensura (?) — criativa dos poderes públicos regionais que apenas conseguem inventar em cima das invenções originais. É um curioso processo a que chamam de pragmatismo e que consiste em elaborar projetos dissociados de programas, direcionados às oportunidades abertas pelo Poder Central.

Os mesmos pragmáticos, porventura fossem acareados com essa afirmação, responderiam que a prática é acertada, pois nada mais lhes restaria, sequer as "sobras" do programa nacional, se não buscassem as únicas alternativas disponíveis. E é exatamente nesse aspecto que se identifica o erro grosseiro. Quem foi que disse que a solução oferecida é a resposta para os nossos problemas? Imaginar, por exemplo, que a Via Costeira e alguns hotéis no interior do Estado, poderia redescobrir uma insuspeitada vocação turística, é a mesma coisa que supor que entregando um automóvel de 600 hp. a uma pessoa que nunca pilotou um veículo em sua vida poderia transformá-lo num campeão de corridas.

Acaso se pensou em diagnosticar a região, estanque da conjuntura nacional como um todo? E exatamente para lhe distinguir com um tratamento diferenciado, considerando suas características especiais — ou, pelos menos compensando-a pela expropriação de suas riquezas? Acaso se pensou, na hora da liberação de recursos para a Via Costeira — contra a qual não nos opomos — que talvez a mesma aplicação em outros setores produzisse uma capacidade responsiva mais eficaz e o poder expansivo, quanto à economia, fosse mais adequado?

AQUI, AGORA — No Rio Grande do Norte, "herdamos" algumas oportunidades, uma das quais, na **briga de foice**. A ALCA-NORTE, por exemplo. O que é feito desse empreendimento? Pelo pouco que se sabe, desacelerado, em favor do próprio desaquecimento do programa de investimentos do governo federal. Entretanto, em polo diver-

so, o governo concedeu subsídios para a soja e para o trigo, cujos produtores, coincidentemente e necessariamente, vivem do lado rico do país. O metrô e as usinas nucleares também estão do lado do paraíso e perfeitamente integrados no programa prioritário — apesar do imenso potencial hidrelétrico do país, só para afrontar uma das alternativas.

A ferrovia do aço é também um programa nacional, hierarquizado e vocacionado para ser um programa de interesse nacional. Mas beneficia uma determinada região do país. A rodovia do sal, exemplificativamente, é posta entre as últimas opções de investimento, porque é regional. E a região do sal (Macau e Areia Branca) é também a região do petróleo, onde há maior incidência desse produto no Nordeste. Com essa colocação não pretendemos insinuar que o petróleo seria transportado por via terrestre, mas pensamos em termos de transporte interno de insumos para ambas as hipóteses, vez que os administradores oficiais ainda não cuidaram de estabelecer infra-estrutura adequada de transportes que pudesse prescindir da via terrestre.

Herdamos ainda, o CETRECON (Centro de Treinamento em Confeções), pois não fomos também vocacionados para a indústria têxtil? Tanto quanto vocacionaram o Ceará para a indústria de couro e implantaram lá o Centro de Treinamento de Couros. Acontece que o SENAI já tinha um projeto similar, com maiores potencialidades — em termos de tecnologia e economia de recursos — e o projeto “gorou”. Menos um.

Contamos com uma Companhia de Desenvolvimento Industrial (CDI) que se responsabilizará pela implantação de um Distrito Industrial. Não inovamos e até fomos ousados, considerando-se a operosidade de vizinhos como a Paraíba, Pernambuco, Bahia, etc., que têm, igualmente, seus distritos industriais. Resta saber o que oferecemos, adicionalmente, para competir com esses Estados e interessar os investidores. A não ser que o pensamento oficial seja apenas o de realocar as indústrias já existentes, uma iniciativa, evidentemente, temerária — e extremamente onerosa.

Pelo que sabemos, nem às empresas locais é oferecido incentivos. (Veja-se o caso de preferência nas licitações públicas estaduais). Nesse aspecto, somos — a administração estadual é — avarentos.

Finalmente, numa demonstração de inventividade, descobrimos o projeto RIOMETAL, que é estória recente e conhecida. Até concordamos com o recuo do governo, diante das anomalias verificadas no protocolo de intenções com a Voest-Alpine, certamente, lesivas aos interesses públicos. Mas, e daí? O que será feito do projeto? Vai para as prateleiras, e perdemos essa oportunidade, uma das boas iniciativas de autogestão

de nossas riquezas? Ora, convenhamos que o nacionalismo não pode e tem até o dever de não ser incosequente — para que não dizer incompetente. Uma solução intermediária não poderia ser tentada? Por exemplo, abrir a composição acionária para a participação de empresas locais, cujo capital, associado com a subscrição estatal, já não apenas no âmbito do governo do Estado, mas com o Poder Público Federal poderia ser o controlador? Restaria, então, a busca da tecnologia, seguramente objeto de transferência pela vendedora dos equipamentos.

É outra fatalidade local, o sermos radicais até a burrice. Não existe, aqui, questão aberta. Ou se fecha em torno de uma única alternativa ou parece não existir mais soluções.

A DESINFORMAÇÃO — Há algumas desinformações tremendas, que tolgem as iniciativas mais auspiciosas para o Estado. Senão, vejamos: **Primeiro**, a de que nem todo empreendimento industrial é bom para a economia do Estado. Temos exemplo de uma grande iniciativa captada para o Estado que quase foi torpeada porque não poderia beneficiar-se de incentivos, uma vez que existia aqui uma indústria similar, embora insolvente, pré-falida e que nenhuma contribuição trazia à nossa economia. Outra hipótese é a de que só as indústrias germinativas e as que absorvam, com propriedade, o excedente de mão-de-obra, seriam úteis ao nosso desenvolvimento.

Desinformação total. Como se pudéssemos escolher nossas próprias oportunidades nesse campo de investimentos! Qualquer indústria que venha a ser implantada no Estado, germinativa ou não, produzirá impostos, estimulará a receita interna e absorverá, com toda a certeza, a mão-de-obra desocupada estadual. Agora, se esse empreendimento não ocorrer, não teremos nada — nem receita tributária, nem empregos, nem riquezas.

Segundo, o governo não deve, nem pode conceder incentivos à iniciativa privada, porque o Estado se empobreceria. Outro mito. Depende das condições e do tipo do incentivo oferecido. Se ele é de natureza a atrair um investimento ponderável para a economia do Estado, é válido, desde que se lhe ponha um termo. Pior que abrir mão, durante certo tempo de uma receita tributária, para, a longo prazo, poder contar com ela, é não contar com nenhuma — nem agora, nem nunca. Nessa mesma extensão vêm os incentivos fiscais para as empresas locais. Nesse caso, àquelas empresas que carecem se consolidar em termos de solvabilidade, ressaltando-se a própria conjuntura recessiva do crédito. Se essa possibilidade não é acertada, que tal o estabelecimento de um plano diretor de crédito, no **nosso** banco — o BANDERN — privilegiando o capital de

giro para as empresas, ao lado da chamada linha de crédito produtiva? O Banco do Brasil não chega a aplicar 1% do total de suas aplicações no Brasil, no Estado do Rio Grande do Norte. Os demais bancos, ao contrário do que se poderia supor, aplicam nossas reduzidas poupanças no Centro-Sul, onde a especulação é mais rentável.

O TURISMO — Na estreita geografia de oportunidades, chegamos ao Turismo. A EMPROTURN vem desenvolvendo, com o perosidade, um amplo programa de construção de hotéis. E a Via Costeira foi questão de pegar ou largar — e nós pegamos. Mas não inventamos nada. Pegamos os recursos destinados à urbanização e os concentramos na Via Costeira, imaginando ali a visão do mar, o polo hoteleiro e o Centro de Convenções. Certo.

Mas existe um programa, devidamente avaliado e aceitável, de incremento ao turismo, no âmbito do Rio Grande do Norte? Não tratamos apenas da simpatia dos órgãos oficiais de turismo — da EMBRATUR, por exemplo. Aludimos às confiáveis leis do mercado e suas maliciosas variáveis. Se efetivamente existe, os hotéis que foram construídos participam do pool da hotelaria nacional? Os turistas virão a Natal sob que estratégia? Já dispomos de tecnologia no setor?

O Centro de Convenções é coisa do passado, embora, com segurança acrescente vantagens no programa, embora não o diminuisse. Haja vista que realizamos, com pleno êxito, um Congresso Nacional de Odontologia, sem contar com ele. Entretanto, o investimento que a obra requer, considerando-se os critérios da contabilidade central a quem necessariamente haveríamos de recorrer, nos afastaria de novas solicitações, em projetos mais prementes às nossas necessidades.

Turismo é viável. Como o setor mineral é uma opção racional, desde que criemos condições tecnológicas com vistas a um custo final competitivo no “ranking” mundial, ao par de grande desenvoltura no comércio exterior. (A propósito, cadê o PRO-MOEXPORT, que se propunha ao papel de *globe-trotter* de nossas exportações?).

Do que precisamos mesmo é de repensar nossos programas e de nos unirmos em torno de seus propósitos. Mas é necessário um propósito e uma idéia objetiva, devidamente sedimentada em estratégias e projetos coerentes.

Atrevo-me a afirmar que o rendimento político de um governo depende diretamente da consequência de seus projetos e programas. A aferidora dessa consequência é a opinião pública. E essa quer ver resultados concretos, extraídos da decisiva atuação dos programas, apesar da política partidária e até por causa dela.

INDICADOR PROFISSIONAL RN/ECONÔMICO



ADVOGADOS ASSOCIADOS

ADVOCACIA • CONSULTORIA • ASSESSORIA

CHAGAS ROCHA — ÍTALO PINHEIRO
TAUMATURGO DA ROCHA

Rua João Pessoa, 198 - Ed. Canaçu, 7º andar - Conj. 708/709
Telefones - (084) 222-3152, 222-2685, 222-3999 - Natal-RN



BRENO R. FERNANDES O. BARROS

ASSESSORIA JURÍDICA
ASSESSORIA TÉCNICA
A IMPORTADORES
E EXPORTADORES

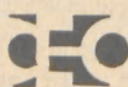
Escritório

Rua João Pessoa Ed. Sísal Sala 212 - Tel. 222-3020
Res. 231-4154 Natal-RN.

ESCRITÓRIO DE CONTABILIDADE

ELIAS INÁCIO BEZERRA
CRC - 779-RN

Rua Vigário Bartolomeu, 635 - Sala 403
Fones: 222-0310 / 222-2398
Rua N. S.ª da Conceição, 219 - Apodi - RN
Fone 333-2157



**CENTRO DE
ESPECIALIDADES
ODONTOLÓGICAS**

PRONTO SOCORRO

ODONTOLOGISTAS

Dra. Cleide Gouveia ODONTOPEDIATRIA

Dr. Luiz A. Vilanova - PERIODONTIA

Dr. Marcelo Barreto PRÓTESE

Dr. Reinaldo Azevedo RX/ DENTÍSTICA

Dr. Walmir Guerra CIRURGIA/PRÓTESE

Dra. Zulena O. do Vale - ENDODONTIA

Rua Felipe Camarão, 478 C. Alta — NATAL
Fones: 222-9050, 222-8191 e 222-4749

ADVOCACIA

RUI SANTOS DA SILVA
OAB-RN 714

DOMICIO ALVES FEITOSA
OAB-RN 1080

DIREITO CIVIL, COMERCIAL,
FISCAL E TRABALHISTA

Av. Rio Branco, 571 - Sala 110
Telefone 222-4453 - Natal-RN

AUDITUS

AUDITORES ASSOCIADOS S/C

Responsável Técnico

Prof. JOSELINO SAMPAIO DE SOUZA

CRC n° 760

**AUDITORIA
PREVENTIVA**

Rua Ipanguassu 1147 - Tirol
Fone 222.5005 - Natal-RN



**Genival
Inocêncio
Penha**

Técnico em Contabilidade

Escritório:
Av. Rio Branco, 571 - Ed. Barão do Rio Branco
7º. and. - Sala 716 - Cidade Alta
Fone 222-4423



ADILSON GURGEL (Direito Tributário)
EDILSON FRANÇA (Direito Civil e Penal)
MUCIO AMARAL (Direito Civil e Comercial)
PAULO LUZ (Direito Civil)

ADVOCACIA — ASSESSORIA — CONSULTORIA

RUA PRINCESA ISABEL, 719 FONES 222-5078 • 222-8197 • 222-3142 • 222-4824
NATAL-RN

HOSPITAL MÉDICO-CIRÚRGICO

PRONTO SOCORRO DE FRATURAS E CIRURGIAS

mantém convênio com as principais instituições previdenciárias e dispõe
dos seguintes serviços:

- MÉDICOS DE PLANTÃO • RAIOS X • AMBULÂNCIA
- BANCO DE SANGUE • RIM ARTIFICIAL

Rua Joaquim Manoel, 654 - Fones: 222-2993 e 222-2242
NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

Dr. COSTA NETO

INSTITUTO DE ENDOCRINOLOGIA E
METABOLOGIA

• TRATAMENTO ENDÓCRINO BÁSICO

TRATAMENTO METABÓLICO
LIPÍDICO

Ultra-Especializado

(OBESIDADE GENERALIZADA,
OBESIDADE LOCALIZADA E
CELULITE)

Av. Prudente de Moraes, 579 - cruz. c/ rua
Mossoró - Tel.: 222-3827 - Petrópolis
NATAL — RN

Herbat Spencer B. Meira

Da Ordem dos Advogados do Brasil



Direito Civil

- ___ família
- ___ contratos
- ___ obrigações
- ___ sucessão

Direito Criminal

Direito do Trabalho

Direito Comercial

Assessoria e Consultoria

Ed. Barão do Rio Branco, 9º and. sala 910 -
Fones (084) 222-4438 e 231-2895 - Natal-RN



**LABORATÓRIO
ALEXANDER FLEMING**

PATOLOGIA CLÍNICA

EXAMES DE ROTINA E
ESPECIALIZADOS

Dr. Gustavo Freire Ribeiro
Dra. Maria Auxiliadora G. Ribeiro
Dr. Enildo Alves
Dra. Elineide Silva Araújo

Av. Floriano Peixoto, 276 - Fone 222-5170 - Natal



**ASSESSORIA JURÍDICA
EMPRESARIAL E
IMOBILIÁRIA**

Pedro Simões Neto
Joventina Simões Oliveira
Pedro Avelino Neto
Neila Góis Brito Guerra

R. MIPIBU, 719 - NATAL(RN)
FONES: 222-0334 e 222-8130

ENGENHARIA

MARCELO AMARAL
CREA 4108-75

ADAUTO ASSUNÇÃO
CREA 7833-77

**CÁLCULO ESTRUTURAL
E INSTALAÇÕES**

Edifício Barão do Rio Branco 10º Andar
Sala 1003 - Tel.: 222-8526

PROFISSÕES LIBERAIS EM FOCO

CREA — Renova Conselho — O dia 31 de Outubro será a data para a renovação de um terço do Conselho da Entidade. Esse expediente se repete a cada ano, quando sete Conselheiros são substituídos do quadro dos 21 existentes. Os candidatos serão indicados pelas Entidades de classe — Clube de Engenharia e ANEA — Como também pelas Entidades de Ensino (ESAM e Centro Tecnológico da UFRN).

ASCB — Faz Auditoria — Já se encontra na sede da Administração Central da ASCB, no Sul do País, o levantamento débito/crédito recentemente realizado pela nova diretoria regional da Entidade no Rio Grande do Norte. Isso se deve ao fato de que há uns dias, o então Delegado Regional da ASCB, Ivan Fernandes, foi destituído do cargo, o qual foi entregue, por Portaria, ao advogado Elias Vilaça.

APLUB — Paga em O.R.T.N.s — Com base na Lei Federal nº. 6.435, a APLUB, doravante, baseia-se em O.R.T.N.s para o pagamento dos benefícios aos seus associados. Esses benefícios, anteriormente, eram pagos à razão do salário mínimo. Afirma o Representante Regional, Rinaldo dos Santos, que com essa decisão federal, o associado da Entidade será beneficiado com a automática atualização dos pecúlios e pensões.

OAB — Pede providências — O Conselho seccional da OAB/RN articulou-se com a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Natal e requereu ao Governo do Estado adoção de providências no sentido de coibir a onda de violência que ultimamente assola Natal.

Enfatizou, sobremaneira, a ação criminosa do “Mão Branca”, atribuindo essa anomalia social a foros de verdadeira Instituição organizada, e não ação isolada de pessoa ou pessoas, conforme atribuição da opinião pública.

ELEIÇÃO NA O.A.B. (2) — Prosseguem os demarches para eleição dos novos Conselheiros da OAB/RN. Três candidatos já ultimaram o registro de suas chapas: Adilson Gurgel, Roberto Furtado e José Ribamar de Aguiar. As eleições serão realizadas em novembro desse ano e depois de sufragado o Conselho, este elegerá o Presidente que substituirá o atual, advogado Varela Barca.

A INCERTEZA DA RECESSÃO

PAULO PEREIRA DOS SANTOS



A gravidade do mal inflacionário tem criado um clima de controvérsia entre políticos, estudiosos, economistas e empresários em torno da melhor solução para o problema. Essa divergência de opiniões aumenta na medida que maior desinformação existir para essas pessoas preocupadas com a problemática econômica brasileira. As próprias autoridades econômicas do país contribuem para isso, procurando omitir informações, por demais importantes, que poderiam oferecer elementos para se emitir opiniões mais abalizadas e racionais no quadro das discussões do assunto. Para algumas pessoas, a solução é acabar com os subsídios; para outras, é aplicar uma retração nos créditos; aumentar a produção agrícola; reduzir os gastos ou inversões governamentais; exportar mais e importar menos; acelerar o programa do álcool e etc. Na verdade, todas essas opiniões têm fundamento técnico, porém, são medidas que devem ser tomadas simultaneamente, isto é, em conjunto. Não é só acabando com os subsídios que se resolve o problema, mas reduzindo os gastos excessivos do governo, aplicando retração nos créditos, aumentando a produção agrícola, expandindo a exportação, diminuindo a importação, acelerando o programa do álcool, controlando o mercado de capital, fortalecendo o sistema cambial, além de outras. Isto, porque o problema é mais de ordem macroeconômica do que microeconômica. Daí mais uma razão, para que a dosagem de cada medida seja bastante comedida e equilibrada, evitando afetar o equilíbrio das outras.

Interessante é saber que todas essas medidas estão sendo adotadas pelo governo há algum tempo, e não têm apresentado os resultados esperados. Então, partindo-se da premissa de que elas todas estão, teoricamente, corretas, só nos resta concluir que as mesmas estejam erradas na dosagem e na forma como atacam o problema. E para se conhecer a certeza dessa dosagem e dessa forma, seria necessário se ter acesso aos números e às estatísticas governamentais para se poder opinar seguramente sobre o caso. Contudo, não se tem esse acesso. Isto leva a Bulhões sugerir o fim dos subsídios; GUDIN considerar a "abertura" um palavrório e afirmar que não foi feito ainda um diagnóstico competente do mal; a maioria do empresariado não acreditar na exis-

tência de uma inflação de demanda e reagir contra a restrição do crédito em 45%; e o povo, em geral, não entender o que o governo quer com essa política econômica.

No período de 1963 a 1967 houve uma recessão no Brasil como fórmula para deter o surto inflacionário que no ano de 1964 alcançou uma taxa de mais de 80%

Este estado de coisas mostra que se está vivendo no Brasil um clima de incerteza completa no tocante à conjuntura socioeconômica do país. Não só os empresários, mas os próprios técnicos estudiosos do assunto são vítimas dessa situação, pelo fato de não poderem acompanhar a contento toda a dinâmica quantitativa das mudanças rápidas da economia, dificultando desse modo a elucidação dos fatos econômicos.

Mesmo nesse mar encapelado de ondas perigosas, que amedrotam a nau econômi-

ca do país, divisa-se um porto que parece oferecer certa esperança, que é a recessão. Já começamos a nos aproximar dela através de medidas utilizadas pelo governo na redução dos meios de pagamento. As empresas sem "solidez econômico-financeira" já iniciaram suas concordatas e falências com reflexo dessa política recessionista. O desemprego, como decorrência do processo está assumindo dimensões maiores, gerando o descontentamento geral da população brasileira. Como se vê, o porto que nos parecia seguro também tem seus grandes problemas, mas é a única "tábua de salvação" encontrada na encapelação furiosa daquele mar, onde se apela para tudo.

Pelo menos, é a última alternativa técnica que se tem para a luta contra a inflação, já que todos os outros pacotes de medidas não conseguiram superar a força inflacionária. Sabe-se que empresários e consumidores, de um modo geral, irão contribuir, substancialmente, com esse sacrifício. Contudo, não há, no momento atual, outra saída, a não ser que surgisse um gênio capaz de revolucionar a ciência econômica, criando ou descobrindo uma técnica com condições de estabilizar o surto inflacionário, sem utilizar a recessão.

Basicamente, todo instrumental técnico da ciência econômica foi usado contra o ritmo acelerado dos preços, porém sem resultados concretos até o momento. Então o que fazer agora? Esta indagação é bastante embaraçosa. Mas só existe uma resposta: diminuir os meios de pagamentos através de uma retração do crédito e da aplicação do OPEN MARKET, sem o esquecimento das outras medidas já tomadas.

Atualmente esta ferramenta técnica vem sendo aplicada em vários países do mundo como freio contra a corrida acelerada da inflação, sobretudo, quando esta atinge um índice altíssimo, como é o caso atual do

Brasil.

Sem se buscar experiência em outros países, verifica-se que no período de 1963 a 1967 houve uma recessão no Brasil como fórmula de deter o surto inflacionário, que no ano de 1964 culminava com uma taxa de mais de 80%.

Esta política anti-inflacionária, imposta pelo governo sob a orientação técnica de Roberto Campos e Bulhões, levou evidentemente o país a uma recessão, e quase que esta atingia o patamar de uma depressão. Isto porque, a política adotada trazia no seu bojo uma medida bastante "ortodoxa": o "arrocho salarial", que alimentou a redução vertiginosa da demanda efetiva e não deixou de ser uma medida que não se ajustava mais ao mecanismo de uma economia moderna, exigente por mudanças rápidas e ávida por crescimento. É bem verdade que surtiu mais resultados positivos do que negativos por força das outras medidas de controle de créditos, de redução das inversões públicas e de tributação. Entretanto aquela política salarial inibiu a demanda por bens de consumo, porque reduziu o poder aquisitivo da maior parte dos assalariados. E isto também desestimulou a demanda por bens de inves-

timento, acarretando menor produção e conseqüentemente, mais desemprego. Contudo, isso teria de ocorrer como conseqüências daquelas medidas.

Mesmo assim, a inflação que alcançou seu auge em 1964, passou a declinar daí em diante, e a partir de 1967 conseguiu estabilizar-se em torno de 20 a 25% ao ano. Este declínio ocorre mais pressionado pelas medidas monetárias e fiscais do que pela política do congelamento salarial, que era bas-desumana, à época.

esse período de recessão se caracterizou por baixos índices de crescimento, como era de se esperar, em face das medidas de retração de créditos, visando minimizar os meios de pagamento.

Mas os resultados foram compensadores, pois, já no ano de 1968 iniciava-se um novo ciclo, cuja fase de expansão teve seu começo naquele ano. Esta expansão contou, inicialmente, com uma abundante-capacidade ociosa das unidades produtoras e um bom acervo industrial de reservas, heranças da política recessionista, o que ensejou um

intenso crescimento de atividade e de empregos, sem que houvesse qualquer crescimento grande da taxa de investimento.

Então, vê-se que a política recessionista não é exclusividade de outros países desenvolvidos e em desenvolvimento no mundo. Nosso país já passou, além dessa recessão de 1963 a 1967, por outras anteriores, e por que não outra agora já que não se tem outra saída?

É necessário saber-se que toda economia é cíclica. Há determinado período em que ela está crescendo vertiginosamente, a ponto de gerar uma hiperinflação, o que se torna imprescindível a diminuição desse crescimento para possibilitar a estabilização da subida desenfreada dos preços. E é o que está acontecendo agora com a economia brasileira.

Na verdade, é que a própria recessão inspira também incerteza, pelo fato de que seus problemas poderão gerar outros de natureza política de conotações imprevisíveis, em decorrência da problemática social criada.

Vamos torcer para que ocorra o melhor.

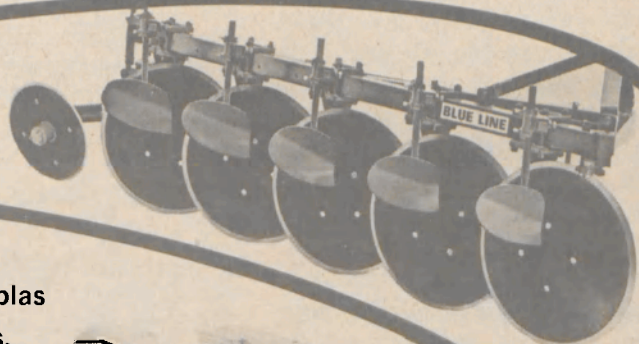
Granorte Veículos e Peças Ltda.

Av. Sen. Salgado Filho, 2810 — Fones: 231-3097 — 231-4272 — Natal-RN.
Departamento de Tratores.



ARADO FIXO

* Grande Robustez e Eficiência.



TRATOR FORD 4600

* O Trator de Múltiplas Aplicações.



PEÇAS,
ASSIST.
TÉCNICA

* O Apoio contínuo.

SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CLIENTE

* Garantia de sua Tranquilidade.



COOPERATIVISMO TEM ENCONTRO

O cooperativismo desponta como das principais soluções ao problema fundiário. No RN os cooperativistas têm encontro e discutem temas de interesse da classe.

Natal foi sede do I Fórum Cooperativista do Rio Grande do Norte. O encontro foi uma iniciativa da Comissão Estadual do Programa Nacional de Cooperativismo e da Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social. Como se esperava, o fórum cooperativista superou todas as expectativas dos organismos que fazem o cooperativismo do Estado. Em primeiro lugar, pelo apoio maciço do governo do Estado, que prestigiou o conclave, a ele integrando todo o seu secretariado, assegurando, na ocasião, tratamento especial para os problemas ligados ao movimento cooperativista.

“Com referência a parte de crédito cooperativo, informa Idácio da Silva, Gerente do BNCC, o assunto foi exaustivamente debatido durante o fórum, observando-se, na oportunidade, o interesse tanto dos órgãos do setor público federal, como do setor público estadual, no sentido de emprestar todo o apoio creditício ao sistema, para que ele possa melhor amparar a produção agrícola e outros setores comercializados por seu intermédio”. Como é sabido, as cooperativas se beneficiam de crédito específico, inclusive recebendo os incentivos financeiros dos programas especiais, tais como: Polonordeste, PESAC, Projeto Sertanejo e outros, através dos quais recebem um tratamento diferenciado. Por meio destas fontes de recursos, as cooperativas desenvolvem as suas atividades, criando condições para amparar o produtor rural a elas associado.

REALIDADE — *“O crédito cooperativo, continua Idácio da Silva, abrange todas as linhas de atividades destinadas ao setor rural, mineral, artesanal, etc., financiando desde o custeio de tais atividades até sua comercialização final”.* Entre os produtos amplamente beneficiados



O crédito cooperativo foi exaustivamente debatido, segundo Idácio da Silva, gerente do BNCC.

pelas cooperativas do nosso estado, podemos destacar: Algodão, sal, castanha, leite e cera de carnaúba. Quando se observa que o cooperativismo do estado já se torna uma realidade palpável, servindo inclusive como um instrumento capaz de contribuir substancialmente para o desenvolvimento de sua economia, deve-se destacar que todo este trabalho é fruto de uma integração mais efetiva de nossas cooperativas, sob a coordenação da Cooperativa Central do Rio Grande do Norte, assim como dos órgãos que atuam no sistema, destacando-se, entre eles o BNCC — Banco Nacional de Crédito Cooperativo, o INCRA — Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, EMATER — Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, a Secretaria de Estado da Agricultura e a SUDENE — Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste.

IMPORTÂNCIA DO COOPERATIVISMO — Desde o início da atual administração, que a Secretaria da Agricultura considera o cooperativismo um dos instrumentos de política agrícola mais importante para o desenvolvimento rural. *“A própria estrutura da Secretaria da Agricul-*

tura, afirma Antônio Ronaldo de Alencar Fernandes, Secretário da Agricultura, tem uma de suas coordenações exclusivamente voltada para a promoção do cooperativismo no Rio Grande do Norte. E a Secretaria da Agricultura já vem dando sua colaboração assistindo 45 cooperativas em todas as suas modalidades: 31 cooperativas agropecuárias, 5 de eletrificação rural, 2 de consumo e 7 de artesanato, entre outras”.

A Secretaria da Agricultura tem como principais linhas de ação para o fortalecimento do cooperativismo, a assistência técnica agrônoma, assistência na comercialização da produção agropecuária, assistência fiscal, previdenciária e contábil, apoio na educação cooperativista, elaboração de projetos agroindustriais, repasses de recursos financeiros para a compra de insumo destinados à revenda, repasses financeiros para a construção de armazéns, repasses financeiros para equipamentos das cooperativas e repasses financeiros para compra antecipada da produção.

A partir do segundo semestre de 1980, a Secretaria da Agricultura entrará em mais uma linha de apoio implantando núcleos de mecanização agrícola, nas principais cooperativas do Estado. Prossegue Antônio Ronaldo, *“vamos financiar com recursos da Secretaria da Agricultura, sem retorno, 50% do valor de um trator de pneu equipado com grade aradora e os 50% restantes serão contrapartida das cooperativas. Nós temos este ano, cerca de 10 milhões de cruzeiros para executar este programa e estimamos que será possível adquirir dentro deste esquema cerca de 25 tratores”.*

MECANIZAÇÃO — Uma forma perfeita de levar a mecanização às cooperativas será através de cessão e de comodatos, de tratores de pneu da CIDA para as cooperativas. *“Acreditamos, explica Antônio Ronaldo, que as cooperativas, por terem um raio de ação menor e ter um conhecimento mais detalhado sobre seus associados, terão condições de prestar um bom serviço de mecanização”.*

REIVINDICAÇÕES — O I Fórum Cooperativista teve como principais objetivos, conhecer e estudar os principais problemas que afligem o setor, propondo alternativas para o fortalecimento do cooperativismo. Os maiores problemas apresentados pelas cooperativas rurais foram: Baixa produtividade agrícola, principalmente nos últimos dois anos — ocasionados pela estiagem; falta de capital de giro; escassez de crédito para operação inerentes às cooperativas; falta de pessoal qualificado — especialmente na área de gerência.

Entre suas reivindicações estão a construção de açudes e poços através de cooperativas, utilizando-se os recursos do programa hídrico do estado; que a Sunab implemente um programa de revenda de farelo de trigo através da Cooperativa Central; incluir as cooperativas no programa da Rede Somar de Abastecimento; que o programa Finor operado pela Sudene seja estendido às cooperativas; que o programa do proálcool do Estado possa ser operado por cooperativas rurais. Foram integrantes deste grupo 31 cooperativas, destacando-se Umariçal, Apodi, São Tomé, Itaú, Açú, Caicó, Santa Cruz, entre outras.

As cooperativas artesanais apresentaram proposições e reivindicações nas áreas de crédito, gerência e comercialização semelhantes às cooperativas rurais. Também participaram do fórum um grupo de cooperativas de prestação de serviços, entre elas a Unimed e a Coojornat. Houve reivindicações no sentido de que as publicações feitas por cooperativas e órgãos públicos atuantes no setor sejam feitas através da Coojornat; que os órgãos públicos e cooperativas procurem firmar convênios com a Unimed no sentido de se utilizar dos serviços médicos cooperativos, dando consequentemente uma melhor assistência médica e hospitalar às pessoas integrantes dessas entidades; que a organização das cooperativas do estado (OCERN) procure publicar seu jornal especializado sobre cooperativismo.

Existe uma nova categoria de cooperativas, assegura Mário Varela Amorim, Coordenador de Cooperati-



Mário Varela Amorim, coordenador da SAG, dá conta de uma nova categoria de cooperativismo: a dos mineradores

vismo da Secretaria da Agricultura, *que são as de produção mineral, sendo também estas entidades, pioneiras em termos de Brasil. Sendo cooperativas de uma nova categoria, que estão nascendo agora, é natural que algumas dificuldades iniciais fossem acontecer, estando no entanto, os órgãos do governo atuantes no setor, atentos para a correção destas falhas e assim oferecendo um apoio substancial ao seu desenvolvimento*”.

CONCLUSÃO E OPINIÃO —

O documento resultante do I Fórum de Cooperativismo será entregue a todas as cooperativas do Estado, bem assim como todos os órgãos envolvidos no sistema cooperativista, dando conta das conclusões e soluções alternativas para o setor.

RN/ECONÔMICO, reconhecendo a importância do tema, foi ouvir ainda o ex-governador, ex-diretor de cooperativismo do Banco do Nordeste e atualmente Professor da UFRN, José Cortez Pereira de Araújo, para que ele fizesse uma abordagem em profundidade, embora sintética, sobre o sistema fundiário nordestino e o cooperativismo.

O resultado foi o seguinte:

“O cooperativismo é um sistema democratizador das vantagens do desenvolvimento. Ele se assemelha com a colonização pela importância que tem em fazer subir, a nível compatível com a dignidade humana, classes marginalizadas ou que tenham a promoção social dificultada pela dureza das leis econômicas. A dificuldade

inicial do cooperativismo é que ele nasce para uma luta contra grandes e organizados interesses. Se me perguntaram qual o seu pecado original, eu diria que é a deficiência humana, a ausência de líderes capazes de transmitir uma confiança suficiente à agregação necessária ao cooperativismo. É através do cooperativismo que os médios e pequenos, unidos se tornarão fortes e grandes para concorrer com a poderosa força capitalista. Aqui no nordeste, infelizmente, a história do cooperativismo é uma gloriosa sucessão de insucessos. O desamparo das leis têm levado ao fracasso grandes movimentos cooperativistas. Os interesses do capitalismo têm feito com que o governo federal não tenha formalizado, nem criado um clima que permita o desenvolvimento das cooperativas. Elas têm sido sempre asfixiadas e atropeladas no “salve-se quem puder”, ou na luta pela vida, que é sempre a salvação dos mais fortes e a vida dos poderosos. Temos tido algumas e poucas exceções, inclusive no Rio Grande do Norte, de cooperativas que sobreviveram e cresceram. Não tenho acompanhado, atualmente, o desempenho do BNCC, mas, num passado não muito distante, fui testemunha de um trabalho da mais alta significação do BNCC em favor do movimento cooperativista no nordeste e no Brasil.

Os projetos que foram criados em meu governo, nasceram com a destinação cooperativista. Serra do Mel e Boqueirão, por exemplo, só se realizarão plenamente na hora em que passarem a industrializar e comercializar a sua produção no sistema cooperativista. O projeto de café nos micro-climas do RN nasceram dentro da orientação da Cooperativa de Martins. O Projeto Camarão trazia a indicação cooperativista para ser aplicada nas salinas anti-econômicas e o que, agora, estou sabendo, o Banco Mundial percebeu este sentido e pensa realizar vilas rurais para a produção de camarões no Rio Grande do Norte. O Rural Norte, talvez o mais importante dos nossos projetos, quando se volta para os meeiros, parceiros e pequenos agricultores, também traz uma indicação cooperativista como o grande caminho para o futuro”.

COMUNICAÇÃO NA EMPRESA

ALÚZIO MACHADO CUNHA

A comunicação tem sido o assunto onde há maior concentração de debates e discursos dado a sua importância e indispensável presença na operacionalização do processo administrativo das empresas.

Apesar de inúmeros conflitos de conceito, sobre comunicação na empresa, ninguém se arrisca a duvidar de sua imprescindibilidade nas organizações, nem a omiti-las dos cuidados de preparação adequada de recursos humanos para eficaz utilização das inúmeras técnicas existentes dentro deste importante campo de administração.

CONCEITOS

Segundo a "The American Society Training Directors" Comunicação "é a troca ou intercâmbio de pensamento e informações, para criar compreensão mútua e confiança nas boas relações". No ponto de vista sociológico "é o meio pelo qual as pessoas transmitem ou trocam informações". É a condutora do processo social, pois com ela é que o homem se torna e se mantém um ser social, trabalhando em conjunto, cooperando, produzindo, inovando, inventando e avançando seu domínio físico. Sem comunicação não haveria cultura pois esta se forma pela cristalização dos conhecimentos, habilidades e crenças, que passam de pessoas a pessoas, grupos e gerações a gerações. No dizer de Juan Diniz Bordenave "a comunicação tem pelo menos quatro sentidos: sua natureza como processo, sua aplicação como arte, sua organização como sistema e seu estudo como ciência".

De acordo com a etimologia da palavra, comunicar é tornar comum, estabelecer comunhão, fazer participar da comunidade, compartilhar através de informações. Os biólogos definem a comunicação como "um conjunto de estímulos capacitados pelos sentidos internos e externos, de natureza motora e sensorial". Na antropologia a comunicação "é um instrumento formador de cultura, entendendo-se esta como as transformações que o homem operou sobre natureza".

No âmbito empresarial restrito, a comunicação seria "o processo através do qual é possível o funcionamento do organismo empresarial e a manutenção de sua dinâmica de ação administrativa, através da transmissão de informações, objetivando efetivar mudanças e estimular a ação".

FUNÇÕES DA COMUNICAÇÃO

Inúmeras são as funções da comunicação

dentro da empresa variando a terminologia segundo cada ponto de vista científico, mas todas presentes e importantes a todas as organizações.

São alinhadas como funções fundamentais da comunicação: a transmissão de conhecimentos, experiências, cultura, equilíbrio de entendimento entre os homens, interação social, formação de cultura, modificação de comportamento, persuasão e influência e organização da sociedade.

TIPOS DE COMUNICAÇÃO

A classificação mais aceita sob o ponto de vista do administrador de empresas é aquela que divide a comunicação como escrita e oral.

A comunicação oral é a mais utilizada na empresa pois apresenta natureza mais dinâmica permitindo decisões e ações mais rápidas, desfazendo dúvidas, permitindo uma ação mais próxima a quem se destina a mensagem. Sua principal falha é não ensejar provas de registro que venham dirimir dúvidas porventura surgidas, quando os resultados não forem aqueles esperados em relação a emissão de ordens. Mesmo assim em pesquisas realizadas em empresas norte-americanas pela revista "Venture" ficou comprovado que a comunicação oral é utilizada numa ordem superior a 70% pelo argumento de que são mais produtivas para a ação administrativa.

Confecções Guararapes, uma das maiores empresas brasileiras que opera por sistema administrativo desburocratizado, utiliza marcadamente o sistema de comunicação oral pois segundo o Sr. Nevaldo Rocha "a agilização dos negócios e tomada de decisão ficam rápidas e sem dependência de relatórios escritos", e no seu entender "somente as decisões orais acompanham essa dinâmica".

Por outro lado a comunicação escrita, pouco utilizada nas empresas, apresenta segurança para quem a utiliza, pois permite registros comprobatórios e definição marcante de responsabilidade de ação. Seu uso é mais generalizado em registros obrigatórios por lei nas atividades de pessoal, contabilidade, finanças e certos controles específicos de compras, materiais, produção, estatística e processamento em dados. Outros autores fazem a classificação dos tipos de comunicação sob outro enfoque. Assim poderíamos exaustivamente dividi-la em: ascendente e descendente, formal (oficial) e informal (oficiosa), verbal (oral e escrita) e não verbal (gestos, mímica, postura, andar,



silêncio), recíproca (diretiva com feed back) e não recíproca (unidirecional) e horizontal e vertical, instrumental e consumatória e mais tantas outras. Cada uma possui seu conceito específico e sua abordagem devida dentro do ângulo empresarial, achando por bem o organizador desta pesquisa fazer uma fixação maior nos tipos oral e escrito, formal e informal, mais adiante deste texto.

CICLO COMUNICACIONAL DE BERLO

No livro "O processo da Comunicação" David Berlo estabeleceu o que ficou chamado como o Ciclo de Berlo que consiste numa seqüência de passos que vão da fonte emissora da comunicação até o receptor, numa relação contínua e dinâmica.

Toda comunicação humana tem alguma fonte, alguma pessoa ou grupo de pessoas, com um objetivo, uma razão para empenhar-se em comunicar, estabelecida uma origem, com idéia, necessidades, instruções, informações e um objetivo a comunicar, faz-se necessário expressá-la, e isto é feito através de mensagem. A mensagem existe em forma física, a tradução de idéias, objetivos e intenções em códigos, um conjunto sistemático de símbolos. Os objetivos da fonte são traduzidos em código numa linguagem através do codificador, que é o responsável por obter as idéias da fonte e colocá-los em código, exprimindo o objeto da fonte em forma de mensagem.

Um outro elemento que compõe o processo da comunicação é o canal, que funciona como intermediário, é o condutor da mensagem. As mensagens podem existir apenas em algum canal, entretanto, a escolha dos canais é muitas vezes fator importante na efetividade da comunicação.

Outro componente da Comunicação seria o decodificador considerado como um conjunto de habilidades sensoriais do receptor. Em situações de comunicação de uma ou duas pessoas, o decodificador pode ser

considerado como sendo os sentidos desta ou destas pessoas.

Para uma melhor visualização e maior compreensão dos elementos acima mencionados, faremos uma abordagem mais detalhada das suas funções dentro do processo de comunicação.

Os componentes básicos da comunicação classificam-se em:

1. Fonte
2. Codificador
3. Mensagem
4. Canal
5. Decodificador
6. Destino

1. **A Fonte** — é a nascente de mensagens e indicadora do ciclo de comunicação. Uma fonte de comunicação depois, de determinar o meio pelo qual deseja afetar o receptor, ou destino, codifica a mensagem destinada a produzir a resposta pretendida. Existem dentro da fonte fatores que podem aumentar sua fidelidade, são eles:

- Habilidade comunicativa
- Atitudes
- Nível de conhecimento
- Posição dentro do sistema cultural-social

As habilidades comunicativas se encontram em número de cinco. Duas são condicionadas: a escrita e a palavra. Duas são decodificadas: a leitura e a codificação. A quinta habilidade é crucial, tanto para a codificação como para a decodificação, é o pensamento ou o raciocínio, essencial para codificar, já que está compreendido também na reformulação do próprio objetivo.

As atitudes afetam os meios pelos quais se comunica através da seguinte forma:

— Atitudes para consigo mesma — nas quais é importante a auto-avaliação dividida em atitude negativa e atitude favorável. Todo o complexo de variáveis que recebe para formar a personalidade do indivíduo tem relação com o conceito de atitude para consigo mesmo na comunicação.

— Atitudes para com o assunto — impressões da atitude de alguém sobre determinado tema.

— Atitudes quanto ao destino — tais atitudes da fonte para com o receptor, afetam a comunicação que vai influir na sua aceitação.

NÍVEL DE CONHECIMENTO — O conhecimento do processo de comunicação por si afeta o comportamento da fonte. O que, e como, a fonte comunica depende de sua capacidade de fazer o tipo de análise que se está descrevendo.

SISTEMA CULTURAL SOCIAL — Necessário se faz conhecer o tipo de sistema social, o contexto cultural no qual se comunica, as crenças e os valores culturais que lhe parecem dominantes, as formas de comportamentos aceitáveis ou não, exigidas ou não em sua cultura.

2. **O Codificador** — a função do codificador dentro do processo de comunicação é receber a idéia que foi emitida e transformá-la em forma de mensagem.

3. **A Mensagem** — é o produto físico da real do codificador. Dentro da Mensagem três fatores são levados em consideração:

- O código
- O conteúdo
- O tratamento

O **Código** é definido como qualquer grupo de símbolos capaz de ser estruturado de maneira a ter significação para alguém.

O **Conteúdo** é o material da mensagem (assunto) escolhido pela fonte, para exprimir seu objetivo devidamente estruturado.

O **Tratamento** são as decisões que a fonte de comunicação toma no que se refere à articulação entre o código e conteúdo.

4. **O Canal** — através de dois significados tentaremos definir o canal na teoria da informação:

E a maneira de codificar ou de decodificar mensagens, são os mecanismos de falar e de ouvir. O Canal é o transportador do veículo, noção mais comum, designado o meio utilizado para que a mensagem possa chegar da fonte ao receptor. Neste caso o canal comum na comunicação interpessoal é o ar.

Outro tipo de designação de canal como veículo de mensagem são as ondas sonoras ou fenômenos semelhantes. Podemos considerar os canais de comunicação como sendo as mobilidades motoras do codificador e as sensibilidades sensoriais do decodificador. Em resumo podemos definir os Canais de Comunicação fisicamente como os sentidos através dos quais o decodificador e o receptor recebem a mensagem codificada e transmitida pelo codificador — Fonte.

5. **O Decodificador** — Tradutor do receptor. Quem traduz e põe em forma de ser usada.

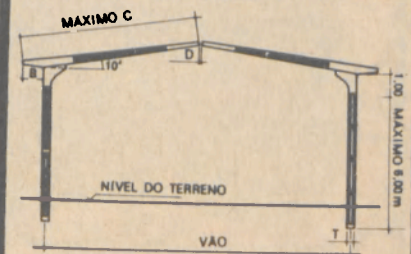
6. **O Receptor ou Destino**

A semelhança ou talvez, a simetria entre as funções do codificador anteriormente enfocado e do Decodificador, bem como a explanação feita sobre os outros elementos da Comunicação, nos permite analisar estes dois componentes — Decodificador e Receptor de maneira mais breve, uma vez que se aplicam aqui todos aqueles dados já citados quando da abordagem da Fonte Codificador. As pessoas que ficam nas duas extremidades de um sistema de comunicação são muito similares. Tanto é assim, que quando nos empenhamos na comunicação intrapessoal a Fonte o Codificador o Decodificador e Destino são uma só pessoa.

O cérebro é, sem dúvida, muito importante na comunicação. Serve de codificador e de decodificador, pois recebe, transforma, critica, transmite, aprova, desaprova, armazena, reconhece, inter-relaciona e responde as mensagens.

O processo de comunicação é multiforme e interligado. É difícil dizer onde começa e onde termina.

NEGÓCIO CONCRETO SEMPRE TEM SUAS VANTAGENS!



O pré-moldado de concreto é um produto que dispensa manutenção, pintura ou acabamento especial, e que nunca se acaba. Por isto, é a escolha mais segura e econômica.



Galpões Industriais (vão livre de 11 a 18 m), Posteação, Estábulo, Cercas e Currais, podem ser construídos com pré-moldado POTYCRET, com grande economia de tempo. Britas de todos os tipos para pronta entrega. Peça informações e comprove!

POTYCRET

Quadra H, Parque - Quintas. Fones:
222-2408 e 222-4532. Natal-RN. Filial:
Mossoró-RN.



Bar 744

ANGELO VARELA e SÉRGIO CÂMARA entram no comércio noturno com mais um bar. O Bar 744, estilo executivo é o primeiro bar fechado da cidade. O 744 foi inaugurado no começo de agosto, ficando aberto ao público durante a semana com toda a comodidade que o cliente desejar: som ambiente, especialmente Jazz, lugar aconchegante, poltronas e bebidas nacionais e estrangeiras. O 744 fica na avenida Getúlio Vargas, 744 - vizinho ao Liberte.



Lázaro Lanches

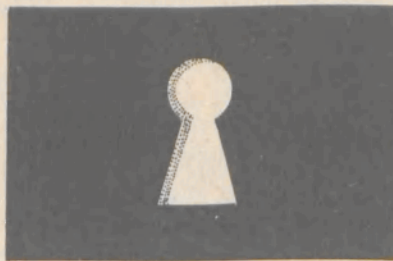
□ Brevemente em Natal, o grupo Lázaro instalará mais uma loja de comércio. O empresário Ivanilson Araújo agora entrará no comércio de lanches para servir bem ao público natalense. Fará tudo funcionar no mais perfeito serviço de atendimento, dando à cidade a melhor casa de lanches, com cozinha industrial, nutricionista e água ozonizada para lavagem de frutas e verduras. Lázaro Lanches funcionará na Rua Trairi, vizinho a Lázaro Equipadora.

Moustache Cabeleireiro

□ De uns dias para cá quem recebeu roupa nova, foi o salão de Beleza Mustache. Aquela unidade profissional, internamente, foi totalmente remodelada recebendo uma decoração à base de revestimento, toda especial. Esse revestimento foi aplicado em tons preto-e-branco, formando semi-círculos. Mas a reforma não fica só por aí: Militão Chaves, proprietário do Salão, não se esqueceu de adquirir novas e modernas cadeiras para os seus profissionais, garantindo assim maior conforto à sua clientela. O Mustache fica no Edifício Barão do Rio Branco.

Chicão Marmita

No início de agosto, o mais tardar na primeira quinzena desse mês, a Toca do Chicão vai partir para a entrega de marmita. "Chicão", aproveitando um espaço semi-ocioso existente em sua Churrascaria (localizada defronte ao Batalhão Itapirú) resolveu reformá-lo para funcionar como fornecedora de refeições, como também oferecer serviços de lanchonete.



Bar-Restaurante Privè

□ Os jovens estão cada vez mais ativos e dinâmicos entrando para valer no ramo empresarial. Mais dois empresários surgem com força total na nossa cidade. Jorge Smith, aluno de Arquitetura e Ubiratan Augusto - engenheiro civil acabam de inaugurar o Bar Privè em Ponta Negra. O Bar-Restaurante funciona no local do antigo Casa Blanca e oferece além do clima e do panorama um ótimo atendimento e grande variedade no cardápio. Incluindo Shows de música popular e serviço de almoço nos fins de semana. O Bar tem ainda 3 ambientes. Aproveite bem as noites de Natal e conheça o PRIVE.



Center Hotel

□ Manuel Macedo entra firme no setor Hoteleiro e Natal ganha um novo Hotel, classificado pela EMBRATUR como 3 estrelas. É o CENTER HOTEL TURISMO LTDA., que tem à sua frente como gerente ROBERTO MACEDO. O Center Hotel tem 66 aptos. e 12 suites todos com ar-condicionado, frigo-bar, televisores, som ambiente, telefone, restaurante internacional, American-Bar, lavanderia industrial, gerador próprio, comunicação por telex e estacionamento próprio. Tudo isso no melhor ponto da cidade. Rua Sto. Antônio, 655 - Tels.: 222-4353/222-4355/222-4357.



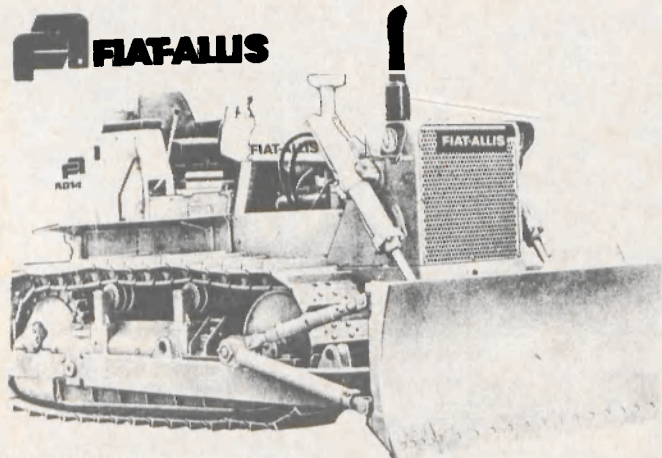
Maison D'Elle

□ Natal acaba de ganhar mais uma loja especializada em artigos de Cama e Mesa. A "MAISON D'ELLE", é a mais nova Boutique, da cidade e dispõe de enxovais para noivas e donas de casa tendo como característica exclusiva artigos personalizados, como sabonetes para lavabo e conjuntos de lençóis. A loja tem tudo do mais fino gosto em cama, mesa e lindeira além de contar com um variado estoque de artigos para presentes. A "MAISON D'ELLE" é de propriedade das senhoras Regina Bezerra e Amália Porto e fica no CCAB, vizinha à Drogacenter.

A Turma da Pesada

(e a mais completa linha de implementos)

FIAT-ALLIS

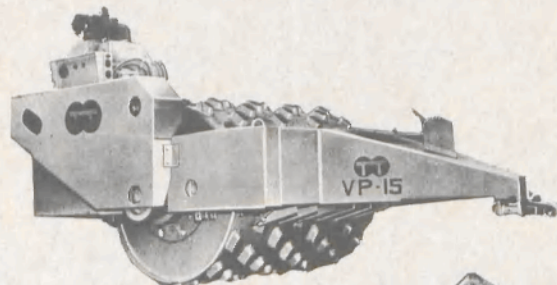


TRATORES DE ESTEIRA "FIAT-ALL IS"

VALMET



TRATORES DE PNEUS E EMPILHADEIRAS "VALMET"



COMPACTADOR VIBRATÓRIO REBOCÁVEL

HWB



MOTONIVELADORAS "DRESSER-HWB"

DRESSER
Galion



GUINDASTES "GALION" ATÉ 14 TONELADAS



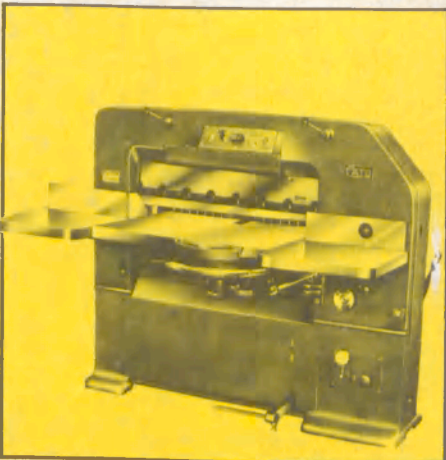
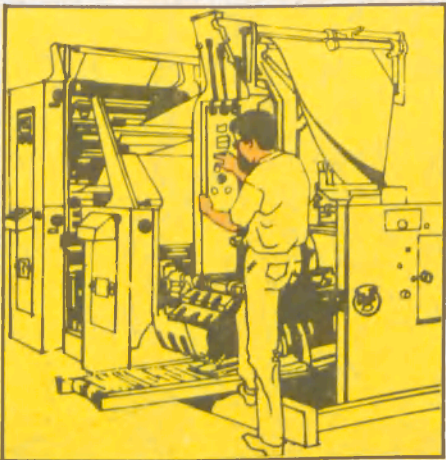
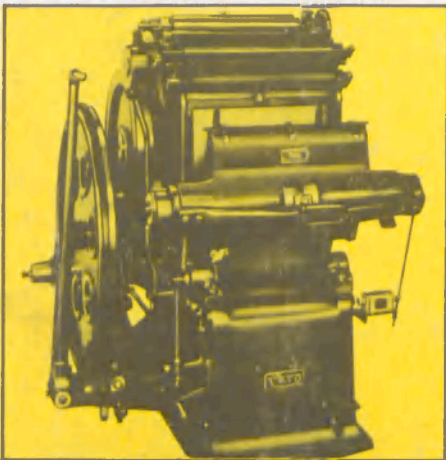
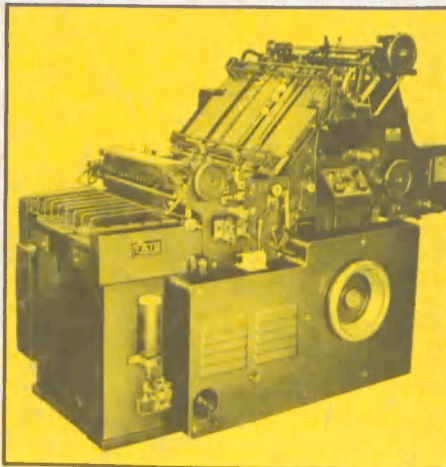
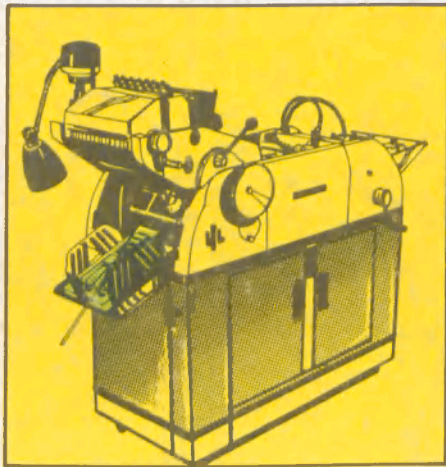
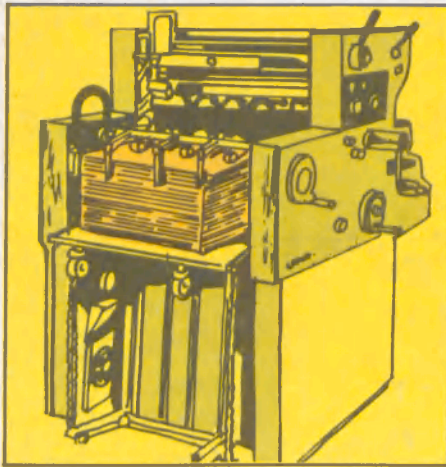
PÁS CARREGADEIRAS DE RODA E ESTEIRA "FIAT-ALLIS"

TUDO ISTO COM A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA

COMERCIAL WANDICK LOPES S/A

R. TEOTÔNIO FREIRE, 218 - FONES: 222.1525 - 222.3778 - 222.4180 e 222.1554 - NATAL-RN

RUA ALFREDO FERNANDES, 5 - FONE: 321.5186 - Mossoró-RN.



RN ECONOMICO AGORA MAIS PERTO DE VOCE

RN/ECONÔMICO funciona agora com uma loja de serviços gráficos, cópias xerox, reduções, encadernações, serigrafia, composição em IBM, fotocomposição, plastificações, clichês em nylonprint, e mais uma infinidade de serviços nos setores de offset e tipografia. Com uma vantagem; está mais perto de você, no centro da cidade, oferecendo o

atendimento mais rápido e perfeito que você pode imaginar. Ainda mais: assegurando estacionamento para seu carro.

Visite e comprove o que estamos dizendo. Mas se você é conservador, continuei fazendo serviços com a Editora RN/ECONÔMICO, em Lagoa Nova, onde se mantém o mesmo padrão de qualidade que Natal já conhece.



RN ECONOMICO
Impressos Rápidos e Cópias Ltda.
Rua Princesa Isabel, 483 - Fone: 222-8868 - Natal-RN